

# LEITURAS COMPARTILHADAS

REVISTA DE (IN) FORMAÇÃO PARA AGENTES DE LEITURA | ANO 5 | FASCÍCULO 17 | WWW.LEIABRASIL.ORG.BR | LEIABR@LEIABRASIL.ORG.BR | DISTRIBUIÇÃO DIRIGIDA



AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA  
ANTÔNIO TORRES, BRAULIO TAVARES,  
CARLOS LESSA, CHICO ALENCAR,  
CRISTÓVÃO TEZZA, FERNANDO BONASSI,  
JÚLIO DINIZ, MOACYR SCLiar,  
ROBERTO CÔRREA DOS SANTOS,  
ENTRE OUTROS.



# BRASILIDADE

# BRASILIDADE

BRAULIO TAVARES  
ANDRÉA BASTOS TIGRE E ROSSELY PERES  
CRISTÓVÃO TEZZA  
JUVA BATELLA  
FERNANDO BONASSI  
ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS  
LUCIANA SANDRONI  
CARLOS LESSA  
ANTÔNIO TORRES  
PAULO CONDINI  
CHICO ALENCAR  
JOSÉ DURVAL CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE  
MOACYR SCLiar  
HENRIQUE LINS DE BARROS  
STELLA CAYMMI  
LÚCIA FIDALGO  
MARCELO FREIXO  
CLÁUDIA CHIGRES  
ANNA LEE  
ANA CLÁUDIA MAIA  
BIA HETZEL  
SUELI DE OLIVEIRA ROCHA  
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANA  
ANTÔNIO EDMILSON MARTINS RODRIGUES  
JÚLIO DINIZ

# Petrobras, uma empresa-cidadã brasileira

Falar sobre o brasileiro, é falar de um povo que faz. Como, aliás, sugere o estudo etimológico da palavra. Porque o brasileiro é um povo que faz do obstáculo natural desafio a ser vencido; e, da adversidade, insumo para a criatividade. E falar de brasilidade, como propõe o Programa de Leitura da Petrobras Bacia de Campos para o ano de 2006, é falar de uma forma muito peculiar de realizar. Pois 2006 entrará para a História como o ano em que o Brasil mostrou ao mundo que, a partir de sua maneira particularíssima de realizar, todos os obstáculos podem ser vencidos.

Marcada inicialmente pelo romantismo de alguns, a história petrolífera brasileira é pontuada pelo sentimento de brasilidade de visionários que insistiram em contrariar todos os prognósticos que decretavam ser o nosso subsolo pobre da riqueza que conduziria o mundo a partir do século XX. As pesquisas em busca de petróleo em terras brasileiras tiveram início, entretanto, durante o Segundo Império, quando o governo outorgava as primeiras concessões aos que visavam à matéria-prima como a turfa e o betume, utilizados na fabricação de óleo ou gás de iluminação e lubrificantes, ou o carvão, que servia à indústria e aos meios de transporte.

De volta ao século XX, as primeiras campanhas exploratórias registradas são datadas de 1918 e 1919, quando alunos da Escola de Minas de Ouro Preto, liderados por Odorico de Albuquerque, realizaram pesquisas às margens do Rio Amazonas. Na mesma ocasião, Euzébio de Oliveira fez reconhecimentos geológicos na costa de Alagoas, Sergipe e Bahia e na Bacia do Paraná, numa busca obsessiva por petróleo. Já em 1925, um poço perfurado por Pedro de Moura no Vale do Rio Tapajós, na Amazônia, apresentaria os primeiros vestígios de óleo livre e gás natural. Anos mais tarde, em 1941, durante sua atuação no Conselho Nacional de Petróleo (CNP), Moura seria o responsável pela descoberta do primeiro poço comercial de petróleo no Brasil, em Candeias, na Bahia.

Paralelamente, um velho conhecido dos que se arriscam pelos labirintos da literatura agia em defesa da exploração das riquezas naturais do subsolo brasileiro. Recém-chegado dos Estados Unidos, o escritor Monteiro Lobato remetia cartas ao então presidente da República, Getúlio Vargas, ao mesmo tempo escrevia artigos para os jornais e publicava livros sobre o assunto. São dessa ocasião clássicos como **O poço do Visconde**, **Serões de Dona Benta** e **Histórias de**



**Tia Nastácia**, nos quais o tema era apresentado ao público infantil.

Firme em seu propósito de incentivar as pesquisas em torno da descoberta do ouro negro, Lobato criou duas companhias de petróleo, em sociedade com o empresário Edson de Carvalho, tornando-se os dois responsáveis pelas concessões que obteve do governo brasileiro. Bem, as tentativas do escritor não lograram sucesso mas, coincidência ou não, a primeira descoberta de acumulação significativa de óleo se daria em 1939, no poço 163, na cidade de Lobato, nos arredores de Salvador, Bahia, a 210 metros de profundidade.

Apesar de mais tarde ter se constatado que a acumulação de petróleo em Lobato não era comercial, o achado serviu para estimular a continuidade das pesquisas pelo CNP, cuja persistência levaria à descoberta, em 1941, do já citado campo de Candeias. A euforia que se seguiu se confirmou com as descobertas de outros campos, como os de Água Grande, Itaparica e o campo de gás em Aratu, todos na Bahia. Estava dado o primeiro passo de uma longa trajetória que o país percorreria até a auto-suficiência, atingida em abril de 2006.

O resto é História. Escrita assim mesmo, com **H** maiúsculo, por gerações de técnicos que apostaram e lutaram contra o descrédito. Quando, anos mais tarde, foi descoberta a Bacia de Campos, os obstáculos naturais impostos pelo desconhecido mar foram transpostos por profissionais brasileiros que adaptaram à nossa realidade a tecnologia comprada no exterior. Com muita brasilidade, criaram novos equipamentos e novas formas de retirar do fundo do mar a riqueza necessária que transformaria o país numa nação auto-suficiente na produção de petróleo, adjetivo para poucos, orgulho para muitos. O desafio agora é manter a auto-suficiência, buscando novos rincões de riqueza e novas formas de energia.

Como empresa-cidadã, a Petrobras acredita que a riqueza proveniente do esforço de tantos deva ser partilhada por toda a sociedade brasileira e, assim, o conceito da auto-suficiência estendido aos quatro cantos da nação. Assim, o Programa de Leitura da Petrobras Bacia de Campos, patrocinado desde 1994 pela Unidade de Negócio de Exploração e Produção da Bacia de Campos, busca, através da educação e da formação de leitores, o mesmo conceito de sustentabilidade da auto-suficiência.



Divulgação

Porque mais do que de homens e livros, um país é feito a partir das idéias que esses homens conseguem captar em suas leituras. O incentivo à leitura é um trabalho que deve ser iniciado tão logo os pequeninos cidadãos sejam introduzidos no maravilhoso mundo das letras. E, tão importante quanto isso, a qualificação dos profissionais que os conduzirão através dos encantamentos literários.

Destinado a alunos da rede pública de ensino, o Programa de Leitura da Petrobras Bacia de Campos pôde ser ampliado, este ano – com a adesão da Unidade de Negócio de Exploração e Produção do Rio de Janeiro –, a outros quatro municípios do Estado do Rio, quais sejam, Araruama, Iguaba Grande, Maricá e Saquarema. Com isso, o roteiro da biblioteca-volante percorre agora 17 cidades, perfazendo um total de 290 escolas, nove mil professores e 290 mil alunos atendidos por um acervo de 80 mil livros impregnados de sonhos e esperança de um país melhor e mais igualitário.

**BR** **PETROBRAS**

# Leia antes de usar!

JASON PRADO

Nunca, na história do Brasil, tivemos tantos indícios de esgarçamento do tecido social quanto vimos nesse ano e meio, contados a partir do final de 2004.

A malha de valores, costumes, interesses e relações – que nos une como povo e nos define como nação – tem sofrido ataques da mais variada natureza, e sinaliza, se não para a ruptura, ao menos para uma grave flexibilização da ética e uma situação de completa anomia.

Podemos pegar um fato isolado, como a eleição do Deputado Severino Cavalcanti para a presidência da Câmara, por exemplo, para ajudar a construir uma linha de pensamento.

Acreditamos que ela se presta à função de marco zero da sucessão de absurdos, justamente porque ela encarna um “estado de espírito” que já se encontrava em dormência e que bastou ser *acordado* por nossos políticos naquela votação, para que não parasse de nos assombrar.

A eleição foi feita com um oportunismo inédito, na *calada da noite*, como se diz no jargão policial, e colocou num dos mais altos postos da República um político despreparado, que não se cansou de nos surpreender com suas meias-verdades, sua lógica centrada em interesses pessoais, e a forma debochada com que se dirigia à nação.

O Deputado Severino não é o responsável pela crise de valores que vivemos. Existe, até, uma grande possibilidade de que seus eleitores o inocentem pelo voto e o reconduzam ao Congresso. Mas ele – certamente sem o saber – com uma forma ímpar de conduzir sua vida pública e privada (ou, como diriam os irmãos Caruso, *para a privada*), abriu galhardamente as cortinas para os próximos atos.

De lá para cá temos visto de tudo.

Como o terrorismo de traficantes que incendiaram pessoas num ônibus, no Rio. Ou como advogados que deixaram de advogar para seus clientes e passam a inte-

grar suas quadrilhas, utilizando-se dos privilégios de classe para corromper funcionários do Congresso, comprando “segredos de Estado”.

Assistimos, atônitos, à história do mensalão. Aos casos de corrupção nos mais altos e insuspeitáveis escalões dos três poderes da República. Ao clima de guerra imposto em São Paulo pelo PCC – Primeiro Comando da Capital. À destruição de um laboratório de pesquisas no Rio Grande do Sul, e à invasão do Congresso por baderneiros em afrontoso desrespeito à democracia.

Para encerrar esta “visão do inferno”, traficantes e policiais trocaram tiros *através* de uma escola, e uma menina de nove anos se tornou a mais nova mãe em nosso país, que um dia já foi a pátria da esperança, o país do futuro.

Naquilo que nos diz respeito – enquanto programa cultural de suporte à educação – todos esses fatos juntos revelam um profundo desrespeito pelo social. Pelo humano. Pelo outro.

Em outras palavras, pelos estatutos que ligam esse outro a outros formando a sociedade. Assim como pelas instituições que sustentam esse país: do policial metralhado ao congresso depredado. Da escola fuzilada à comercialização de sentenças.

Não estariam aí os sinais evidentes de uma *nova ordem*; de um *novo progresso*?

Não nos cabe atribuir valor nem julgamento moral sobre esta nova “ordem”. Nada – nem ninguém – nos assegura que cada um desses subgrupos não tenha sua legitimidade, sua organização interna, seus códigos absolutamente bem assentados sobre suas premissas, acerca de cujas verdades a história há de dar conta aos nossos descendentes...

Houve um tempo em que foi fácil impor uma visão antropocêntrica, condenando os diferentes à condição de *bestas humanas*, desprovidas de alma.

Seria muito simplista acreditar que vivemos na desordem, ou que vivemos o caos, somente porque outros valores diferentes dos nossos passaram a existir e a lutar pela prevalência na sociedade.

Não podemos julgar os valores de pessoas que vivem realidades completamente diferentes das nossas, como, por exemplo, aquelas que habitam as comunidades dominadas pelo tráfico de drogas.

Para essas pessoas, quem é o real inimigo? Para que servem os aparelhos do Estado? Por que deveriam continuar marginalizadas? Aliás, o que é margem?

Por outro lado, temos certezas cientificamente provadas de que uma menina de nove anos não tem condições físicas e emocionais para assumir a maternidade. Pior: para completar o seu crescimento de forma minimamente saudável, dividindo suas energias nessa “quase mitose”, contrária à nossa biogênese.<sup>1</sup>

Apenas julgamos que não podemos fechar os olhos para esses fatos. Para a evidência que eles nos apresentam de que a pluralidade possui cores mais fortes e mais radicais do que aqueles meio-tons que utilizamos para falar de um gigante chamado Brasil.

Não nos parece mais um “gigante pela própria natureza”, mas um mosaico cuja cola apodrece. Ou onde as peças não se encaixam mais.

Por isso resolvemos fazer esta edição de **Leituras Compartilhadas**. Não como réquiem da nação (nem temos competência para tanto), mas como forma de incentivar outras leituras desse conjunto de coisas que nos tornam *brasileiros*.

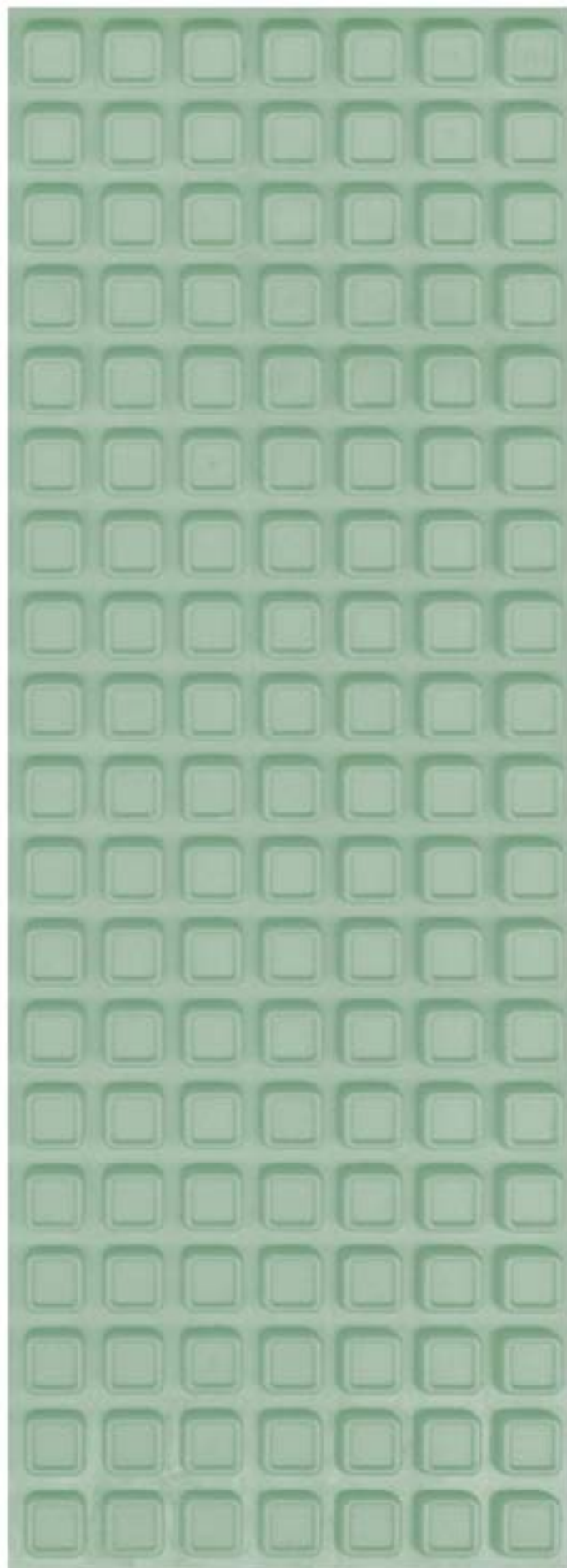
Entendemos que está nas mãos dos professores (e de suas escolas, muito mais do que nas próprias famílias, já organizadas em novos papéis), a possibilidade de conduzir os milhões de brasileiros que frequentarão a escola nos próximos anos para uma realidade menos conflituosa.

É disso que queremos tratar: de tensões, de conflitos e de coexistência.

Pois então, a quem cabe educar para a tolerância? E como isso tem sido feito?

<sup>1</sup> Desculpem a linguagem pesada, mas o termo *mitose* tinha que ser empregado porque remete à divisão de células para formar duas vidas idênticas. Não estaria próximo disso iniciar a concepção aos oito anos de idade?

*Biogênese* também é uma palavra pesada, mas nos parece a forma mais isenta de tratar da estrutura biológica do ser humano, sem colorir ou dramatizar as subdivisões étnicas e culturais de nossa raça.



Aqui estão algumas questões que gostaríamos de dividir com vocês.

Não têm faltado, em nossos jornais, artigos relacionando esse estado de coisas com as mais variadas causas, todas elas decorrentes de uma entidade abstrata a que chamam de *educação*.

Ora culpam o ensino tecnológico (utilitarista) adotado pelo governo militar, ora focam os baixíssimos índices de permanência na escola; outras vezes põem em cheque a qualidade do ensino público (que tanto bem tem feito às escolas particulares), ou simplesmente dão conta dos precários investimentos públicos em educação.

Ainda que possamos concordar com alguns desses arrazoados, discordamos da maioria dessas análises e, principalmente, das conclusões que ensejam. Apenas duas coisas nos parecem indiscutíveis: de fato a educação pode transformar a sociedade e, também de fato, a leitura pode modificar os seres humanos. Quase sempre para melhor, mas não necessariamente.

Concordamos em parte com a corrente que atribui à educação humanística – abandonada pela reforma do Ministro Jarbas Passarinho no auge do “milagre brasileiro” promovido pelos militares – as qualidades essenciais para a formação do pensamento crítico.

De fato a consciência crítica gera benefícios indiscutíveis para a humanidade e tudo o que diz respeito à vida em sociedade. Poder refletir sobre contraditórios, avaliar situações sob os mais variados ângulos e buscar possibilidades aparentemente ocultas são os benefícios mais imediatos dessa visão promovida pelo ensino humanístico.

Abandonar o ensino da filosofia, da sociologia, a psicologia, das línguas e da literatura no ensino médio, privilegiando os cursos técnicos e as ditas “ciências exatas”, talvez tenha sido um dos grandes erros de nosso passado recente.

Simplesmente porque essas disciplinas remetem ao humano. E viver, como disse Fernando Pessoa, “viver não é preciso”.

Mesmo assim é importante que façamos uma ressalva. Não podemos apontar a educação humanística



como a “cura para todos os males”.

Não teria a Alemanha pré-hitlerista sido uma das mais excepcionais culturas humanísticas do século passado? Não foi lá o berço dos grandes pensadores do século XIX? E não foi a Alemanha de Hitler a encarnação da intolerância, com seus princípios de eugenia?

Não há, nos dias de hoje, países marcados tanto pela excepcional qualidade de sua educação humanística quanto pela discriminação e pela intolerância?

Definitivamente não se trata *apenas* de retomar a educação humanística.

Outra questão com que concordamos – a princípio – diz respeito à leitura. Nós achamos que também a leitura – e sua falta – interfere nesse processo “civilizatório”, embora nada nos assegure que ler torne alguém melhor, ou mais humano.<sup>2</sup>

Ler é uma forma direta de educar para a subjetividade. Enquanto as disciplinas escolares tratam das questões objetivas e imutáveis das ciências, onde os números são imutáveis, a história é imutável, os verbos são imutáveis, a relatividade é um dado imutável, a literatura trata das propriedades humanas, dos conflitos, da imprevisibilidade, da destemperança.

<sup>2</sup> A França, por exemplo, não ostenta um dos maiores índices planetários de leitura (em termos absolutos) e de compreensão de leitura em termos qualitativos, e não é, ao mesmo tempo, um dos países mais fechados à compreensão das diferenças com que nos constituímos humanos? Voltando a Hitler, não foi ele um leitor excepcional, tendo escrito um dos livros mais lidos dos últimos cinquenta anos?

É pela literatura que podemos experimentar o que não vivenciamos; sofrer pelo que não vivemos; assistir ao que não vemos.

Essa qualidade única da literatura, que nos permite reconstruir e re-escrever cada texto a cada leitura, é essencial para a construção de nossas referências de todas as pessoas dessa santa e mágica trindade do *eu, tu e eles*.

Independentemente dessa “educação para a subjetividade”, implícita na leitura da literatura, ler também é um instrumento de extrema eficiência na ampliação de nossa compreensão do significado das palavras, do sentido de tudo aquilo que nos é revelado pelos *outros* – e por nós mesmos a esses outros – a cada momento.

A cada dia fica mais evidente a extensão dos problemas ocasionados pela falta de compreensão de leitura na educação brasileira.

Se há alguns anos essa expressão delimitava (apenas) o tamanho do mercado de livros, hoje, após décadas de ensino tecnológico e uma estranha divisão entre educação e cultura, ela interfere gravemente no aprendizado e na estruturação dos conceitos formadores do tecido social.

Pelo que depreendemos dos exames nacionais e dos índices de habilidades com matemática e leitura, a educação precisa encontrar caminhos alternativos para a formação de um novo homem, sem que seja necessário criar trincheiras na sociedade brasileira, como se ameaça com os sistemas de cotas.

A escola já não é o *celeiro das fábricas*, como se planejou de modo utilitário nos anos 60 e tampouco oferece perspectivas reais de inserção – *no sentido de permitir o acesso* – e mobilidade social – *no sentido de resgatar náufragos de nosso modo produtivo* – como ofereceu por grande parte do tempo no século passado.

O que estaria faltando?

Estamos longe de conhecer a resposta, mas gostamos de pensar a respeito.

Estudos recentes (o INAF de 2005, por exemplo) demonstram que a permanência na escola, por si só, não garante qualidade ao aprendizado, jogando por terra conceitos norteadores de nossos sistemas.

Embora seja verdade, como afirmou Louis

Althusser em seu livro **Os aparelhos ideológicos do Estado** (ed. Graal, 1992), não basta pensar na educação como um instrumento perverso de manutenção dos estratos sociais. Isso equivaleria a entender que o propósito da educação seria atingir apenas àqueles poucos dotados com a capacidade de aprendizado e prepará-los para a continuidade de uma casta dominante.

– Isso basta! O resto, em percentuais variáveis da grande maioria, dará sentido à expressão *massa-de-manobra!*

Bobagens. Na verdade a educação brasileira se divorciou da cultura.

É nisto, ela apenas se repete.

Os professores encarregados de nossas crianças foram formados nesse sistema. Não receberam o que precisam dar.

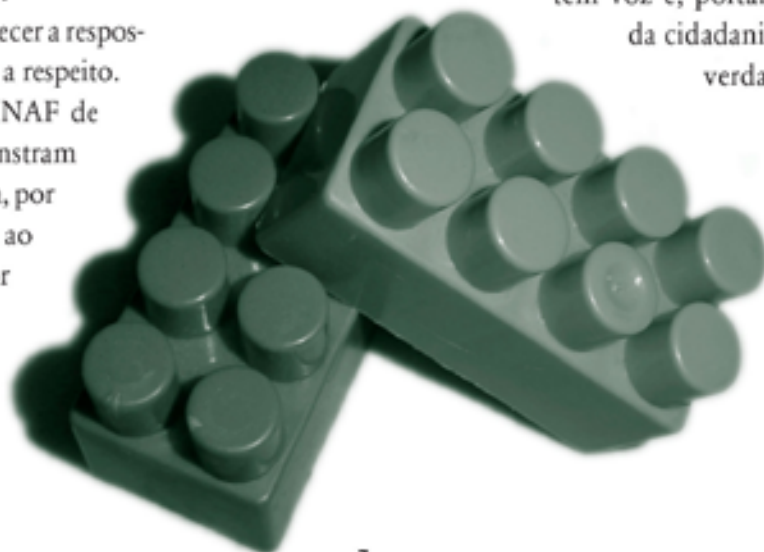
Neste universo, a leitura ganha outra dimensão. Ela é a porta da percepção.

É claro que não falamos apenas da leitura dos signos gráficos, nem tão somente da leitura dos textos. Aí é onde ela se inicia e desenvolve, mas tratamos aqui da leitura de mundo, em seu mais amplo sentido. Falamos de todas as superfícies onde seja possível abrigar um significado ou um significante.

Não se trata mais de viajar nas palavras, mas de construir um repertório de referenciais; não é uma questão de escolha, mas de sobrevivência. Na ordem social imposta pela informática, pela instantaneidade e diversidade da informação, pela diminuição das fronteiras, a leitura é um divisor de águas. Não dominá-la, não ter a capacidade de encontrar as dobraduras dos infinitos textos diários – aqueles que são escritos com as mais imbricadas metáforas na cebola da vida contemporânea – significa estar *do outro lado*. Do lado dos excluídos. Do

lado dos que não terão opção. Daqueles que não têm voz e, portanto, foram desprovidos da cidadania. Que não elegem suas verdades porque não têm critérios para defini-las.

O Brasil tem, hoje, perto de 40 milhões de estudantes em todas as séries de aproximadamente 240 mil escolas públicas. Sete em cada







dez, com quinze anos de idade, estão nessa categoria de analfabetos funcionais. Algo em torno de 27 milhões de condenados à exclusão, pelo resto de suas vidas, nas próximas gerações.

O que se pode propor e esperar a esses diferentes brasileiros existentes em nosso país?

A cada geração nossas escolas despejam na vida adulta uma grande maioria de pessoas com expectativas frustradas de inclusão (ou à beira da frustração), num mundo perverso que já os marcou pelo nascimento para ficar de fora.

É esta maioria que está organizando outras sociedades. As deles. Seus próprios núcleos de referência, onde imperam valores com que, não necessariamente, concordamos ou desejamos concordar. Como ver nossos filhos fuzilados pelo enfrentamento de duas “comunidades” às quais não pertencemos: os *homens da lei* e os *fora da lei*?

Não é tão simplista, portanto, dizer que estamos permitindo a construção de um Brasil que tem valores completamente distorcidos (e não apenas diferentes) de todos aqueles que definimos, elegemos e aceitamos para a nossa organização social. Um lugar onde os arquétipos da brasilidade já não são os mesmos que nos tornaram a pátria do futebol, o país da feijoada, a terra da mulata, da ginga e da malandragem... Aos poucos esses modelos são empurrados para fora da cena. Já não “há ética entre ladrões”. Já não há tolerância entre opostos.

Será que não estamos atentos ao que está acontecendo com a nossa educação? Ou, em primeiríssima instância, com a nossa escola?

É claro que devemos levar em conta as questões da distribuição de renda, das enormes diferenças culturais abrigadas na sociedade, da falta de investimento público em educação, e do atraso intelectual imposto por Portugal, que durou até início do século XIX, quando o mundo já se movia a pleno vapor.<sup>3</sup>

Mas, não estaria na hora de promover uma reforma educacional?

Temos a opinião de que só se modifica a escola modificando seus professores. Dando a eles o que esperamos que dêem aos seus alunos: acesso irrestrito à cultura, através da literatura, e à educação humanística<sup>4</sup>.

Não se trata de promover o ensino das belas artes, mas de navegar pela humanidade através de seus conflitos filosóficos; de conhecer a história não pela proeza de seus heróis, mas pela natureza de suas contradições. De compreender a matemática por outras contas além dos números.

Trata-se de conquistar os professores pela emoção. De melhorar sua auto-estima pelo reconhecimento inequívoco de sua singularidade na transformação social. De ampliar seus horizontes internos, desmontar seus preconceitos e, desta forma, educar os que ainda não mergulharam no vicioso modelo que produz “sobras” humanas.

Este trabalho que oferecemos a você, professor, em parceria com a Petrobras tem três propósitos: primeiro oferecer um contato mais profundo com a arte e as humanidades através do teatro: acompanhe Alcione Araújo e seus convidados pelos textos que estimulam essa subjetividade pela dramaturgia.

Segundo, incentivar possíveis reflexões sobre os diferentes modos de ser do brasileiro. Júlio Diniz é nosso mestre de cerimônias nesse passeio.

Terceiro, convidar você para ler o mundo com seus alunos.

Ler para conhecer; ler para mudar.

Porque acreditamos que você tenha os meios para redefinir a “cola” que nos liga em torno de um ideal de Brasil.

**JASON PRADO** Diretor da ONG Leia Brasil - Organização Não Governamental de Promoção da Leitura.

<sup>3</sup> Os Estados Unidos já tinham vivido sua guerra civil, dividida pelo norte industrial e o sul escravocrata, quarenta anos antes que o Brasil pudesse possuir sua primeira escola, ou sua primeira “engenhoca produtiva”.

<sup>4</sup> E, claro, condições de trabalho, remuneração, reconhecimento social etc. Mas acreditamos que tudo isto seja decorrência de uma revisão do papel de nossas escolas na formação de um Brasil mais equânime. Um Brasil que certamente não será para os nossos tempos, mas que já tarda para os nossos filhos.

Diretor responsável: Jason Prado  
 Coordenador pedagógico: Júlio Diniz  
 Curador: Alcione Araújo

Editora: Ana Cláudia Maia  
 Subeditora: Renata Ramos  
 Pesquisa: Camila Cesarino e Renata Ramos  
 Direção de arte e produção gráfica: Barbara Necyk  
 Revisão: Sueli Rocha

Tiragem: 5.000.

Leia Brasil – Organização Não Governamental de  
 promoção da Leitura  
 Praia do Flamengo, 100/902 – Flamengo  
 Rio de Janeiro CEP: 22210-030  
 Tel/Fax: (21) 2245 7108  
[leibr@leiabrazil.org.br](mailto:leibr@leiabrazil.org.br)  
[www.leiabrazil.org.br](http://www.leiabrazil.org.br)

Leituras Compartilhadas é uma publicação do Leia Brasil  
 distribuída gratuitamente às escolas conveniadas.

Todos os direitos foram cedidos pelos autores para os fins aqui  
 descritos. Quaisquer reproduções (parciais ou integrais) deverão  
 ser autorizadas previamente.

Os artigos assinados refletem o pensamento de seus autores.  
 Leia Brasil e Leituras Compartilhadas são marcas registradas.  
 Impresso na Ediouro Gráfica e Editora.

<i>Modos de ser brasileiro</i>	
<b>Braulio Tavares</b>	10
<i>Terra, língua e linguagem</i>	
<b>Andréa Bastos Tigre e Rossely Peres</b>	11
<i>Língua Brasileira</i>	
<b>Cristóvão Tezza</b>	13
<i>Almazinha brasileira: modos de ser</i>	
<b>Juva Batella</b>	16
<i>Alice no país das maltrapilhos</i>	
<b>Fernando Bonassi</b>	18
<i>O brasileiro em obras plásticas (ou homens em obras)</i>	
<b>Roberto Corrêa dos Santos</b>	20
<i>Yes, nós temos Sacil</i>	
<b>Luciana Sandroni</b>	22
<i>A festa, o povo, o rio</i>	
<b>Carlos Lessa</b>	24
<i>Um modo de ser campeão do mundo</i>	
<b>Antônio Torres</b>	28
<i>O meu, o seu e o nosso</i>	
<b>Paulo Condini</b>	30
<i>Meu nome é trabalho, trampo ou trapaça?</i>	
<b>Chico Alencar</b>	31
<i>Macunaíma - A rapsódia mito-poética e a psicanálise</i>	
<b>José Durval Cavalcanti de Albuquerque</b>	34
<i>O brasileiro e a doença</i>	
<b>Moacyr Scliar</b>	37
<i>Alberto Santos Dumont: Entre o sonho e o pesadelo, a realidade do voo</i>	
<b>Henrique Lins de Barros</b>	39
<i>Dorival Caymmi: comum a todos nós</i>	
<b>Stella Caymmi</b>	42
<i>Nos caminhos da brasilidade</i>	
<b>Lúcia Fidalgo</b>	45
<i>Juventude, violência e perspectiva</i>	
<b>Marcelo Freixo</b>	47
<i>Memória e História na construção da identidade brasileira</i>	
<b>Cláudia Chigres</b>	49
<i>João Goulart: personagem no teatro populista</i>	
<b>Anna Lee</b>	51
<i>Receita de Mulher</i>	
<b>Ana Cláudia Maia</b>	53
<i>Não, a natureza não é uma beleza</i>	
<b>Bia Hetzel</b>	56
<i>Espelhos da alma brasileira</i>	
<b>Sueli de Oliveira Rocha</b>	59
<i>Que país é este?</i>	
<b>Afonso Romano de Sant'Ana</b>	67
<i>O Brasil não é longe daqui</i>	
<b>Antônio Edmilson Martins Rodrigues</b>	70
<i>Os brasileiros inventaram o Brasil</i>	
<b>Júlio Diniz</b>	72
<i>Uma filmografia bem brasileira</i>	
	78



LEMB.  
 DE  
 MACEIO.  
 AL.

# Modos de ser brasileiro

## BRAULIO TAVARES



Acertar passarinho com laranja chupada. Decorar escalações de times de 20 anos atrás. Ler poemas para a namorada. Molhar pão na sopa. Beber chope morno em copo de plástico sem reclamar. Tirar espinho do pé com alfinete. Passar duas horas numa livraria, sair com as mãos vazias e mil histórias na imaginação. Pagar a conta mais antiga no dia em que chega a mais nova. Subir o morro de madrugada para ver o sol nascer. Contar os segundos entre o relâmpago e o trovão para saber a distância. Molhar os pés no riacho. Aprender a dormir no ônibus e acordar uma parada antes. Ficar doído sem perder o juízo. Escrever certas coisas e nunca mostrar a ninguém. Impedir que experiência e entusiasmo se tornem antônimos. Coletar nuvens engraçadas. Emborcar besouros e ir embora. Na hora do TSE, tirar o som e olhar os candidatos nos olhos. Dizer com licença, desculpe, por favor, muito obrigado. Saber tomar um porre sem aborrecer ninguém. Designar tarefas, explicar antes, cobrar depois. Deixar que os velhos e as crianças conversem em paz. Ir a pé para economizar os trocados do ônibus. Sentar bem na frente para ver o filme antes dos outros. Ensinar os filhos a rezar e a tomar a bênção. Não ter medo de pensar em nada. Ver alguém dormindo com frio, cobri-lo e ir embora. Descascar laranja sem partir a espiral. Fazer em um só dia uma amizade que acaba durando a vida toda. Procurar tesouros enterrados. Praticar tiro-ao-alvo com bodoque e lagartixa. Botar bombril na antena da TV. Procurar dançar sempre no miolo do salão. Todo aniversário ficar de pé junto à parede e marcar a altura. Procurar discos voadores até ser capaz de jurar que viu um. Jogar bola com o cachorro. Empilhar moedas por ordem de tamanho. Jogar damas com tampas de garrafa.

Fazer promessas a torto e a direito e pagá-las todas. Assar castanhas na brasa. Ter um número da sorte. Inventar apelidos para os conhecidos. Durante as férias ler os livros da próxima série para ir se preparando. Desembarcar sozinho na rodoviária de uma cidade sem conhecer ninguém. Saber andar a cavalo e de bicicleta. Fazer a barba antes da idade para que venha logo. Ter um santo de devoção e não contar pra ninguém. Adormecer pensando em despesas mas acordar novinho em folha. Nadar, nadar, e correr na praia. Virar a noite para entregar um trabalho no prazo. Acertar um contrato “de boca” e cumpri-lo em cada detalhe. Fazer um curso noturno pensando em daqui a dez anos. Assar na chapa o pão francês de ontem. De meia em meia hora dar uma volta na casa apagando luzes desnecessárias. Pagar bem um trabalho bem feito, e fazer bem um trabalho bem pago. Consertar e manter na ativa um eletrodoméstico até que ele morra de morte natural. Saber quando é hora de desistir por enquanto. Passar uma noite em claro com uma criança com febre. Aprender a dobrar lençol sozinho e a cortar as unhas da mão direita. Tratar outra pessoa como se fosse você, tratar um bicho como se fosse uma pessoa, tratar uma planta como se fosse um bicho, tratar uma coisa como se fosse uma planta. Praticar estas ações, e todas as demais, nos círculos concêntricos do coração do Brasil: sua cidade, seu bairro, sua rua, sua casa.

**BRAULIO TAVARES** Escritor e compositor, estudou cinema na Escola Superior de Cinema da Universidade Católica de Minas Gerais. Pesquisador de literatura fantástica, compilou a primeira bibliografia do gênero na literatura brasileira: *Fantastic, fantasy and Science literature catalog*. É autor de *A máquina voadora*, *Contos fantásticos no labirinto de Borges*, entre outros.



# Terra, língua e linhagem

## ANDRÉA BASTOS TIGRE E ROSSELY PERES

Se há uma relação dinâmica e criadora é aquela que se faz a partir de uma falta. Ao nascer, numa dimensão de falta, despojado de qualquer coisa que possa prever e o inscrever num lugar de certeza, o homem recebe três fios: terra, língua e linhagem que, no tempo de sua vida, lhe é dado tecer de forma a alcançar e sustentar o que lhe é caro e lhe dá prazer. Por quais meandros inscreve-se esse homem no livro da vida?

O mito das Horas, guardiãs da lei natural e da ordem divina, num eterno retorno, faz o mesmo reapare-

cer na natureza numa seqüência inalterável. Mito criado a partir da descoberta, pelo homem, que ele também faz parte desse ciclo e, portanto, acha-se sujeito à imutável lei da vida e da morte. Filhas de Zeus e Têmis, as Horas representam as estações presidindo o ciclo do brotar, crescer e frutificar. Enquanto filhas de Têmis, deusa da lei, asseguram o equilíbrio da vida em sociedade.

Do que trata a cultura senão de alinhar, de colocar o homem em relação à natureza através das diferentes manifestações de nascimento? Em latim, *natura e natus*



Operários. Tereza do Amaral.

têm a mesma origem. O homem não nasce somente *in utero*, biologicamente, mas nasce também em função da instituição social, por um ato de nascimento, imerso num banho de linguagem. Ao nascer, a criança não fala, mas é falada, é o sujeito passivo de um discurso duplamente pátrio – do pai e da pátria.

Pelo nome inscreve-se alguém no livro da pátria, instituindo-o quanto ao sexo e à mortalidade, dentro de uma cadeia genealógica: no dia.... do ano ...., X, na terra de...., nascido de tal sexo, filho de...., sob vencimento da morte ainda em data desconhecida.

O nome coloca em cena a legalidade de uma pertinência ao humano, consagra o indivíduo como vivente e, mais além, inaugura sua carreira de morto. O nome é o ponto de convergência da multiplicidade de laços que constituem para cada um, no singular de uma existência, a inscrição na humanidade. Herança primeira, marca que faz com que o sujeito não tenha um nome, mas sim que ele é seu nome. Esse é o trabalho de um primeiro fio, a linhagem.

Trata-se de um limite, um horizonte determinado por uma relação estrutural: a entrada na cultura, a entrada na ordem significativa. A lei do sangue preserva o direito à sepultura, uma exigência do humano. A sepultura guarda o registro daquele que foi situado por um nome: aqui jaz...., resta um nome, um traço.

A marca do humano seria talvez a possibilidade de se pensar, ou seja, só o homem é capaz de se tomar como objeto de conhecimento. Mas não basta ao homem habitar o mundo, é preciso que ele o invente, que ele o fale, ainda que ele o saiba estrangeiro e em anterioridade à sua própria existência. Isso exige a língua. O homem busca, na língua, o vestígio da palavra naquilo que o cerca, que só assim passa a existir.

O homem leva a língua consigo, mas é também por ela levado desde o nascimento até a morte. Ela o apresenta à sua imagem, a mais familiar e que não o abandona jamais – dá-lhe um corpo, sua moradia. Tal como uma segunda pele, ela o acompanha, parte de sua boca sob a condição de voz, porta-voz de seus ditos a um outro.

“A língua é minha pátria e eu não tenho pátria, tenho matéria e quero fratria” nos diz em seu verso Caetano Veloso. Esse é o trabalho de um segundo fio, a língua.

E quanto ao terceiro fio, a terra, o que faz de uma terra pátria?



Uma terra é um lugar, solo sob o qual se pisa ao longo de uma vida, e pronta a nos acolher ao seu findar. Assim, enquanto lugar de origem, nela nos enraizamos, num destino particular. Essa é a pátria. Para cada um de nós, brasileiros, há uma via a ser traçada, a mesma terra, a mesma língua, distintos sangues. Cabe a cada um torná-la sua, adotar o seu Brasil.

“Meu povo e meu poema crescem juntos  
como cresce no fruto  
a árvore nova”

Ferreira Gullar

ANDRÉA BASTOS TIGRE e ROSSELY PERES Psicanalistas, membros da Escola Letra Freudiana.

### Referências Bibliográficas

1. VELOSO, Caetano. *Letra Só*. São Paulo: Editora Schwarcs Ltda. (Companhia das Letras), 2003.
2. GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia* (1950/1980). São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1980.

# Língua Brasileira

CRISTOVÃO TEZZA

Que o português do Brasil é diferente do português de Portugal, sabemos todos. Se por escrito não são tantas diferenças assim, basta ouvir um português falando que já nos sentimos estrangeiros: Ora pois, diremos, é outra língua! Mas, no mundo dos padrões, são diferenças já oficializadas via gramática e dicionários. O que merece atenção especial, entretanto, é a própria diversidade brasileira, que parece ter ganhado fôlego de alguns anos para cá. É mais ou menos como se o brasileiro passasse de repente a invadir a sua própria terra com a sua própria voz – e o resultado, é claro, desagrada. Esse é um terreno pantanoso, difícil de se focar com racionalidade.

Como de gramático e louco todo mundo tem um pouco – e como as pessoas que escrevem bem já têm por natureza um *habeas corpus* para dizer o que querem sobre a língua, a lingüística, isto é, a ciência que estuda as línguas (basicamente tentando responder à questão: “Como funcionam?”) parece não existir. Se há uma área em que o chamado “senso comum” ganha foros de ciência, essa área é a da linguagem. Se alguém dissesse hoje sobre medicina ou astronomia o equivalente ao que se diz por aí sobre a língua, já estaríamos todos mortos pelas ventosas medievais e o Sol giraria poderoso e indiscutível em volta da Terra. “Brasileiro não sabe falar”, “a língua portuguesa está acabando” etc. – em geral são afirmações apocalípticas, imbuídas de um certo ímpeto lingüístico-punitivo que, ao mesmo tempo que confere autoridade ao falante (aquele chato que sabe duas regras de crase e sai por aí, furibundo, catando milho nos jornais), esmaga os outros pelo que eles têm de fundamental: a linguagem. E quando aparece alguém dizendo que é preciso pensar a questão da língua brasileira de outro modo, imediatamente sacam do bolso a acusação mortal: “Ah, então vale tudo agora? Vamos todos escrever errado, cada um faz o que quer, a língua é essa esculhambação?” “Não, não é uma resposta de bar, ao calor da cerveja – já ouvi





grandes escritores, de cujas obras, aliás, sou leitor devoto, dizendo exatamente a mesma coisa.

Antes de mais nada, é bom rever aquele feijão-com-arroz inicial de quem quer pensar a língua. Um bom roteiro seria, primeiro, separar língua de escrita, que são realidades sociais profundamente diferentes (embora, para o leigo, pareçam a mesma coisa) e que na vida real cumprem papéis bastante distintos. O segundo ponto é perceber que toda língua é de fato um conjunto imenso de variedades gramaticais; do ponto de vista histórico, o assombroso é o esforço de unidade, e não a diáspora dessas variedades, que tem sido a regra universal desde Babel. E a terceira escala desta viagem é o conceito de língua padrão – justamente aquela variedade especial, de prestígio, que o senso comum tende a confundir com a própria idéia de “língua”, substituindo ou ignorando ou suprimindo a belíssima massa verbal viva, cotidiana, das milhares de gramáticas do nosso dia-a-dia, que lhe dão consistência, alimento e vitalidade. A língua padrão (em seu sentido principal) é uma construção de artifício, vinculada à representação gráfica da linguagem, historicamente determinada e realimentada sempre pelas instân-

cias de poder político, religioso, social e cultural. Não há nada de mau ou errado nisso – por exemplo, a língua padrão é, em todas as sociedades complexas, praticamente o único meio pelo qual entramos na perspectiva da História, no mundo das leis e dos regulamentos e na riqueza do patrimônio cultural. A questão central a guardar aqui é que esse padrão não é “sagrado”; por ser uma construção da cultura e da vontade política, ele se transforma e se renova ao longo do tempo. Ele não é “a língua” – é a sua cristalização formal momentânea.

Por que hoje no Brasil se fala tanto que “o português corre perigo”? Há muitas explicações para esse mito, desde a idéia de que a língua de Carlos Drummond de Andrade está ameaçada pela placa de hot-dog da esquina (o que gerou até um inacreditável projeto de lei para proibir estrangeirismos), até a constatação de que houve uma “decadência do ensino”. O medo do hot-dog é, perdão, ridículo – o choque dos empréstimos lingüísticos é traço inerente a toda língua e sinal de sua riqueza, não de sua decadência; um breve olhar pela história do português já nos informa que atravessamos os séculos devorando estrangeirismos (*tupi or not tupi!*). Quanto ao ensino, aí sim, chegamos a outro ponto, mas em outra perspectiva. O ensino era “maravilhoso” quando se destinava a uma parcela pequena da sociedade brasileira, seus 30% urbanizados e letrados da classe-média que cresceu até os fins dos anos 1960. Mas nos últimos 40 anos processou-se uma ampliação significativa



*tupi or*



do alcance escolar ao mesmo tempo em que se consolidou a mudança do espaço urbano brasileiro, cuja população suplantou a rural – e nesse processo, a “língua brasileira” mostrou a cara, quase que subitamente. O padrão elitizado que se mantinha apenas numa faixa da população não encontrou vontade política para se universalizar junto com a escola que se expandia. Ao mesmo tempo, a ampla mobilidade social e geográfica do povo brasileiro, aliada ao crescimento das comunicações de massa trouxe à tona, agressiva, esta língua subterrânea que, até então, só entrava nos salões devidamente paramentada por Guimarães Rosa ou confinada no exótico da chamada “cultura popular” ou “caipira”.

Em outras palavras, a língua brasileira, hoje, está à solta. E é claro que essa presença viva – como ocorreu e ocorre em todas as línguas do mundo, em todas as épocas de forte mudança social e interpenetração de línguas – provoca modificações nas formas do padrão normativo. Algumas dessas modificações são iluminadas fortemente e, portanto, encontram mais resistência – o controle sobre o verbo haver, por exemplo (até hoje o “*tinha* uma pedra no meio do caminho” é “inaceitável”, por incrível que pareça) – e outras passam debaixo da porta, porque os letrados não as reconhecem como “erro” (o mundo rico e vago das regências, por exemplo, como “*implicar em*”, ou o corte das preposições nas orações relativas – “tenho medo que ele faça isso”). A riqueza do imperativo duplo brasileiro (diga isso / diz isso, vem /

venha), que se criou no longo processo de reorganização do nosso sistema verbal pelo advento do “você” assumindo o lugar do “tu”, é considerada “erro” por uma visão tacanha (e, esta sim, ignorante) da língua; e muitos manuais insistem, por exemplo, na distinção “este/esse”, praticamente desaparecida da vida real da linguagem, falada ou escrita. Mas há esperança: o melhor documento sobre o padrão real brasileiro hoje está justamente no seu maior dicionário, o Houaiss, que, em seus exemplos, tem o ouvido muito mais atento às marcas da mudança da língua brasileira que as gramáticas escolares que andam por aí.

O caminho da assimilação de formas novas, no padrão escrito, é sempre lento. Não precisamos ter medo delas: o padrão brasileiro é de uma incrível vitalidade. Língua nenhuma tem “proprietários”, mas uma certa faixa escolar de letrados imagina-se, indignada, brandindo uma imaginária escritura passada em cartório, dona da língua. Numa coisa eles estão certos: o padrão escrito é, de fato, uma construção política e, portanto, depende de controle; o que é preciso saber, agora, é que ele muda e que ele deve ser, em última instância, a expressão de seus usuários. Já está mais do que na hora de pensar em uma gramática normativa brasileira que, sem perder de vista o seu eixo histórico, abra algumas portas mais generosas à realidade lingüística que se escancara em torno. Seria muito bom se o padrão das gramáticas normativas se aproximasse mais do padrão real dos nossos bons escritores e jornalistas, que, mesmo quando não sabem disso, estão transformando a língua todos os dias. Não, não é que agora “vale tudo” – na criação da língua padrão, como na velha sabedoria, só “vale o escrito”.

**CRISTOVÃO TEZZA** Professor de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Paraná e escritor. Autor dos romances **O fotógrafo** e **Breve espaço entre cor e sombra**, entre outros. É também autor dos livros didáticos **Prática de Texto para estudantes universitários** e **Oficina de Texto**, ambos em parceria com o lingüista Carlos Alberto Faraco.

not tupi



# Almazinha brasileira: modos de ser

JUVA BATELLA



É das boas idéias da literatura brasileira a criação de uma almazinha que sobrevoe as inúmeras histórias que compõem um romance e não se identifique de modo restrito com nenhum personagem; antes, de maneiras diversas, consiga ser cada um deles e ao mesmo tempo não ser nenhum, sendo essa

almazinha apenas ela mesma, igual a si mesma, de algum modo única e sozinha. A almazinha que surge às primeiras páginas do romance **Viva o povo brasileiro**<sup>1</sup>, do escritor João Ubaldo Ribeiro, atravessa três séculos e algumas gerações, sempre a encarnar em pobres-diabos, índios tupinambás, negrinhas escravas maltratadas ou ainda soldados brasileiros mortos na flor da idade, como foi o caso do pescador e alferes José Francisco Brandão Galvão.

O jovem, atingido pelas balas de algumas embarcações portuguesas, cai morto no cais da Ponta das Baleias, na Baía de Todos os Santos, com um olho furado e o crânio em pedaços. Mas José Francisco, alferes menos por nomeação de patente e mais por assim o chamarem, graças às palavras de amor à pátria que teria supostamente proferido à hora da morte e que somente as gaiotas escutaram, tornou-se, da noite para o dia, um herói da independência, e seu discurso inaudito, peça fervorosamente homenageada, repetida e parodiada em versos e quadrinhas.

Neste dia de 1822, a almazinha que habitava o corpo do alferes um segundo antes do passamento afinal se despega, às carreiras, e sobe mais uma vez aos céus, aboletando-se no lugar onde se aboletam as almas enquanto esperam pelo momento de mais uma vez poderem descer e encarnar nalgum bicho ou homem ou mesmo numa planta. Permanecendo almas, as almas não aprendem nada; encarnando em bicho, homem ou planta, aprendem

as razões da vida. As almas precisam “ser”, e cada encarnação de uma alma é um “modo de ser”. E é essa almazinha brasileira que acaba por ser, ao fim e ao cabo, a mais constante protagonista do caudaloso romance de João Ubaldo. Ela entra e ela sai das histórias mais diversas, através de encarnações e desencarnações que partem do século XVII e chegam ao XX – quatro séculos de sofrimentos, tiranias, humilhações, festas e superações –, para compor a eloqüente amostra de alguns específicos “modos de ser brasileiro”. Quais “modos de ser”?

Do entrelaçamento de todas as histórias do livro e dos cruzamentos familiares verificados ao longo de tantas décadas, destacam-se, do quadro ficcional, três personagens, analisados pela professora Eneida Leal Cunha<sup>2</sup>: um pescador, o José Francisco, que a posteridade somente reconhece como o heróico alferes Brandão Galvão; um índio, que chamam de Capiroba; e ainda uma mulher, bandida, de nome Maria da Fé. Os três personagens carregam por toda a vida, habitando-lhes as entranhas, a almazinha brasileira que constitui o ser do romance; e carregam também, agora nos ombros, a responsabilidade de constituírem, cada um à sua maneira, uma tentativa de representação da assim chamada identidade nacional.

O jovem alferes Brandão Galvão – bem menos presente na história do que os outros dois, e justamente por isso, ou seja, por sua vida curta e seu heroísmo precoce – encarnará, com o famoso discurso às gaiotas, a idéia do patriotismo vazio e silencioso, que atravessa o imaginário brasileiro<sup>3</sup>, do povo às elites. O “caboco” Capiroba, índio tupinambá, habi-



Divulgação

tante da ilha de Itaparica pelos idos de 1647, canibal de gosto exigente e profundo apreciador da carne holandesa, transforma-se, com a sua eloqüente presença, na possibilidade de se poder ouvir uma voz que resta sempre silenciada nos relatos da história oficial: a voz do índio em processo de catequização. E transforma-se também – porque o centro da ação, aqui, é a catequese que teve de ser levada a cabo e à força, uma vez que o índio não se submeteu à conversão – no produto, levado às últimas conseqüências antropofágicas, do que lhe haviam ensinado os padres jesuitas com a celebração da Eucaristia.

A terceira principal encarnação da almazinha brasileira recairá sobre uma mulher: a jovem guernilheira Maria da Fé – personagem possuidora da mais poderosa biografia do livro, tamanha a variedade cultural e étnica de suas ascendências. Como observou Eneida Leal, ao contrário de Brandão Galvão e de Capiroba, Maria da Fé não constitui uma recriação a partir de nenhum modelo já consagrado na história oficial<sup>1</sup>, tal como o são o jovem soldado herói e o selvagem canibal que precisa da catequese para encontrar a civilidade, e depois a salvação, em Deus. Maria da Fé, pura criação ficcional, parece constituir uma vontade do autor de que seja ela, das três, a mais apropriada encarnação da alma do povo brasileiro – almazinha inquieta e indecisa, é verdade, mas possuidora de um grande desejo de “ser”.

E é por isso, e por outras tantas razões, que o título **Viva o povo brasileiro** deve ser lido não como uma mera exclamação, que não é, mas como a manifestação deste desejo: o desejo de que um povo viva e permaneça; ou, ainda, como uma exortação: que se viva o povo brasileiro, ou seja, que se experimentem esse povo e os seus diversos “modos de ser”.

**JUVA BATELLA** Escritor, jornalista e professor de Literatura Brasileira. Entre seus livros estão *Confissões de um pai doméstico* e *Quem tem medo de Campos de Carvalho?*

### Referências Bibliográficas

- 1 Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- 2 *Estampas do imaginário – literatura, cultura, história e identidade*. Dep. Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1993.
- 3 *Idem*, p. 154.
- 4 *Idem*, p. 194.



Mameluca de Albert Eckhout, século XVII.

# Alice no país dos maltrapilhos

FERNANDO BONASSI

Durante boa parte da vida, Alice deixou que rolasse o que viesse. E como o que chegasse ou cruzasse o seu caminho era sempre o mesquinho rolo compressor das obrigações, permitiu-se que se esmagasse no tédio dessas repetições o frescor da meninice e as sandices da juventude.

Sua atitude diante de tais vicissitudes foi nenhuma, como era de se esperar. E como quem tem a manha de se esperar nunca há de se alcançar, ou se encarar, deu a face pra bater até arder nas coisas que lhe mandavam fazer; primeiro parara de querer, em seguida parara de perguntar, depois parara de pensar e, por fim, a pedido de um marido aparecido e mal empregado, além dos filhos que surgiam emprenhados enfileirados, parara de estudar – o que, aliás, não lhe havia de faltar, uma vez que para quem quer ficar onde está, basta se escorar, encostar em algo mais duro ou simplesmente se casar com a certeza do cansaço do futuro.

Nas redondezas até que houve festa, mas logo não havia mais o que comemorar na natureza daquele enlace de incertezas e impurezas. Porque Alice, parece, tinha visto um pouco daquele muito insuficiente para entender que a vida podia ser menos indiferente com ela. Percebia as mazelas e as

diferenças que havia e como não se encaixava no que lhe cabia. O que lhe cabia era pouco mais que nada, desajeitado, acanhado e mal servia à família no cômodo alugado ao cunhado solitário com criados mudos pra tudo e cujo incômodo do despejo do que eram os seus despojos já rondava com um caminhão vazio e ajudantes terceirizados.

Tecia o fio dos indesejados desejos reprimidos, padecendo solitariamente na comunhão dos bens repartidos e na angústia dos vencidos cujas libidos foram entregues pra terra da catacumba carcomer. Passara a viver como a larva de um verme, complacientemente ensimesmada

num casamento cujo compromisso tinha ficado mixo, ou simplesmente sido esquecido pela repetição. Criava os filhos que cuspiam nos pratos dos tratamentos que lhes dava com carinho e esperava pelo daniño espancamento do marido que lhe tirava os viços do rosto com o vício, a porrada e o desgosto de cara cheia. Às vezes também se enchia e achava que podia explodir pra todos os lados, mas acabava que implodia com engulhos, engasgos e gemidos e se contorcia consigo



Divulgação



mesma, engalfinhando-se, agredindo-se e soçobrando entre lamentos, estilhaços e reclamações violentas. Alice convalescia constantemente entre hematomas inchados, feridas pungentes e escoriações purulentas.

Ainda assim, ou talvez por isso mesmo, Alice tinha a esmo essas relações com o espelho da cômoda. Algo cômica, divertia-se com as posições desengonçadas que assumia. No começo nem imaginava. Como quem estivesse aflita na prisão de uma cadeia infinita de servidão, chorando um tanto de desencanto porque só a indeterminação era levada a sério, cumprida à risca ou simplesmente comprida e chata...

Então, enlevando-se no reflexo que brilhava, não era mais aquela que apanhava ou socorria os desatinos dos destinos que a cercavam. Para se distrair, ou se concentrar, passou a conversar consigo mesma, ou com o espelho, pedindo para a própria imagem enclausurada que pudesse ter a vantagem de conhecer uma outra vida

que não fosse aquela que a levava, tão premiada, tão privada, precavida ou mal passada.

Nos melhores momentos dos seus piores dias, pedia que implorava por essa saída mágica, nem que para isso fosse preciso fazer alguma coisa mística, trágica ou sem sentido.


O reflexo, que era dela mas não era inocente, disse finalmente que se ela quisesse poderia levá-la pra o outro lado, que era um lado de dentro mas onde as coisas apareciam ao contrário. Alice, pelo seu lado, mais do que de pressa saltou de fora desse dentro para outro que, supunha, era melhor. O pior é que terminou espalhada numa sala de espelhos. Dentro deles, refletia, era como se todos os seus desejos se realizassem. Não de uma forma organizada como quando os pensava e queria, mas de um jeito atrapalhado, aparvalhado e maluco, feito um chapeleiro maconheiro doido, ou algo que estivesse dando um jeitinho brasileiro, aquele meio esquisito, esquecido e amesquinhado. Podia escolher o que quisesse, mas não sabia o que queria e o lado espelhado dessa história espelhava a memória daqueles tantos tontos que esqueceram, desistiram e correram desembestados aos primeiros espelhos rachados que apareceram. O azar seria deles, e a sorte, de Alice, que acordava. Entediada, ela espreguiçou-se e assustou-se com a cara lavada do marido. Ela havia desaparecido de madrugada! Desentendido, ele procurou pelo próprio nariz e como uma atriz ela fez o mesmo. Como não encontrassem apoio um no outro para o que estava acontecendo, Alice saiu correndo para a cama dos filhos. Assim como os pais, estavam descaradamente descaracterizados, todos com o mesmo nada na cara que têm os pobres coitados. Como nem mesmo eles se enxergassem, Alice correu ao espelho e de joelhos, fez uma prece para que tudo voltasse ao que tinha sido. E desde sempre tem sido essa... esse... isso... Amém.

fim

**FERNANDO BONASSI** Escritor, roteirista e cineasta. Formado em Cinema pela Universidade de São Paulo. Autor dos livros *A incrível história de Naldinho*, *O céu e o fundo do mar*, *100 coisas*, entre outros. Participou como diretor e roteirista dos filmes *O castelo Rá Tim Bum* e *Cazuza – O tempo não pára*.

# O brasileiro em obras plásticas [ou homens em obras]

ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS



Emergindo de sistemas imaginários,  
todo gesto declara  
sua natureza de potência,  
demonstrando  
menor ou maior destreza  
em dominar e obter  
a concretude da coisa  
que aponta ou faz;  
o impulso permitindo ir  
de um ponto a outro  
não garante realização  
(cultura, encanto, intensidade)  
mas a miúda e irrefutável prova  
do movimento da vida,  
“o ter-se-disposto-a”;  
unem-se assim legiões  
de homens e mulheres  
nos quase invisíveis códigos  
há milênios previstos  
pelos Arquivos dos Desconhecidos;  
ali,  
nesse em algum lugar,  
talvez na Placa-mãe da História,  
permanece a energia diáfana  
dos que foram libertos  
pela inigualavelmente bela máscara  
do anonimato e do esquecimento.

Por toda parte estamos inscritos. Nas incontáveis inscrições afirmam-se alguns dos tantos modos nossos (atitudes, sentimentos, atos). Nas marcas – se couber a expressão –, nossos “modos de ser”. De ser isto e de ser aquilo e aquilo e aquilo. E mais: modos de ser algo inapreensível, por referir-se a multiplicidades de existências em certo instante circunscritas por algum termo provisoriamente confortável, como este adjetivo territorial, por exemplo, quase doce, e sem dúvida ilusório, em que nos poderíamos reconhecer, com que nos poderiam identificar: “brasileiro”, modos de ser. Modos de ser brasileiro talvez se concretizem para além de vocábulos da língua ou de definições dessa ou daquela espécie. Talvez em virtude de não sermos antes de estarmos grafados em atos-de-obra. Nas obras, vemo-nos e podem ver-nos em ângulos vários e díspares. Nas obras, a rica tecelagem de nossos modos. Nelas, o traço geral e forte de sermos... plásticos. Somos, portanto: os precisos mastros e bandeirinhas espalhados larga, afetiva e racionalmente pelas telas de Alfredo Volpi, pois em têmpera vamo-nos fazendo, com cores de nuances sutilíssimas e alteradas, junto a outras por meio da sábia habilidade própria para aproximarmos tons e diferenças, e erguermo-nos no ar em aparência simples; os translúcidos frascos, tubos-de-ensaio, repletos de matérias vitais e voláteis, neblinas, sopros, orvalhos, colhidos por Brígida Baltar, já que, quando delicados, invisíveis e leves sabemos-nos fazer; as imensas e circulares manchas em roxo, amarelo e vinho de Tomie Ohtake a olharem-nos ofegantes, qual um peito apreensivo, pois somos assim, vezes e vezes, para, felizmente, logo adiante e por treinos, tocarmos em silêncio agudo a calma do Oriente; os inquietos bichinhos de Lygia Clark, bem vivos com suas dobradiças, postas para nos salvarem face a tudo que ocorre e sem as quais (é o

que pensam) já nos teriam quebrado todo; as volumosas bananas, os garfos e as facas, sob cordas aparados, nas decididas linhas de Antônio Henrique Amaral, ali dizendo que não nos toquem, não nos atem – porque senão; as vigorosas tranças de Tunga cruzando, cruzando, cruzando até avisarem que se cuidem os que nos têm por frágeis e vaidosos e que sabemos, até de costas, deixar à vista nossos protetores e metálicos nervos; os exatos cortes, sem secreções, de Mira Schendel, os mesmos que, se necessário, tomamos por direção para, impiedosos, usarmos e seguirmos; as luminosas pinceladas nascidas do desespero alegre de Jorge Guinle, pois assim agimos e somos aqui e ali; os nada infantis bordados – e a gota, aquela gota – de Leonilson que por nós clamam para que não esqueçamos do tempo a força e o lirismo; os corpóreos carretéis de Iberê Camargo com suas linhas a esboçarem a vida e o mover-se – delas precisamos por deixar-nos flutuantes mesmo nas horas em que nosso fundo escuro se insinua, assombra, prestes a atormentar-nos; os poderosos blocos de concreto de Ivens Machado a afirmarem que somos duros e altivos, e que nos cuidemos, somos também perigosos – e sendo o caso, deixaremos surgirem em nossa espinha dorsal iridescentes cacos de vidro, o que se alinha ao fato de que sabemos amar mais do que os ouriços; os olhos soltos nas pernas e as pernas livres dos troncos, e assim por diante, nas figuras de Cristina Salgado, disturbam nosso senso servil de inteireza, de ordem e de seriedade, pois – a obra sabe – salva-nos quase sempre o humor; os respirantes buracos nas paredes de Antônio Manuel: sim – gritam – somos vazados, o vento passa, logo não caímos à toa e

há inteligências em nossos vãos úteis à nossa melhor rudeza; as epifânicas trouxas ensangüentadas de Artur Barrio e seus livros de carne escritos com fibras e feitos a faca: aí, nós, em incômodo, alojados no corpo da história das Américas de cá; os miraculosos arranhados de Goeldi, em sustos e clarões – por isso e por mais, movemo-nos na noite; as densas sombras e as polidas setas de Regina Silveira, todas dirigidas contra os abutres que pensam poder passar por cima de nós para sempre, mas não podem, não podem; as enormes, vermelhas e complexas vísceras dos setenta e dois mil (para dar-se um número das cabalas que igualmente somos) chicletes de Heleno Bernardi, por ele mastigados, e com os quais se assinala que somos assim – móveis, colantes, em dobras – quando nosso dentro decide pôr-se ao fora; os certos fragmentos dos ônibus de Raimundo Colares, sinalizando nossas idas e vindas, a repetição inevitável, e, claro, os elos entre o trabalho, o encontro e a festa; os inaugurais recortes de imagens gráficas de Alex Vallauri e suas rainhas do frango assado a trazerem nossa gargalhada e a amassarem com a ironia e a fome todos os luxos fracos; as solenes escrituras de Arthur Bispo do Rosário abrem o coração de nossa potência sacra: sob seu imperioso manto e em seu solar leite, seremos, por ele, conduzidos até Deus, já agora próximo e íntimo e – por nós tomado – transbrasileiro.

**ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS** Atuou na área de Semiologia da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e é professor de Estética e de Teoria da Arte do Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; publicou, entre outros livros, **Modos de saber, modos de adoecer** e **Talvez Roland Barthes em teclas**.

Martha Barros. Artista plástica.

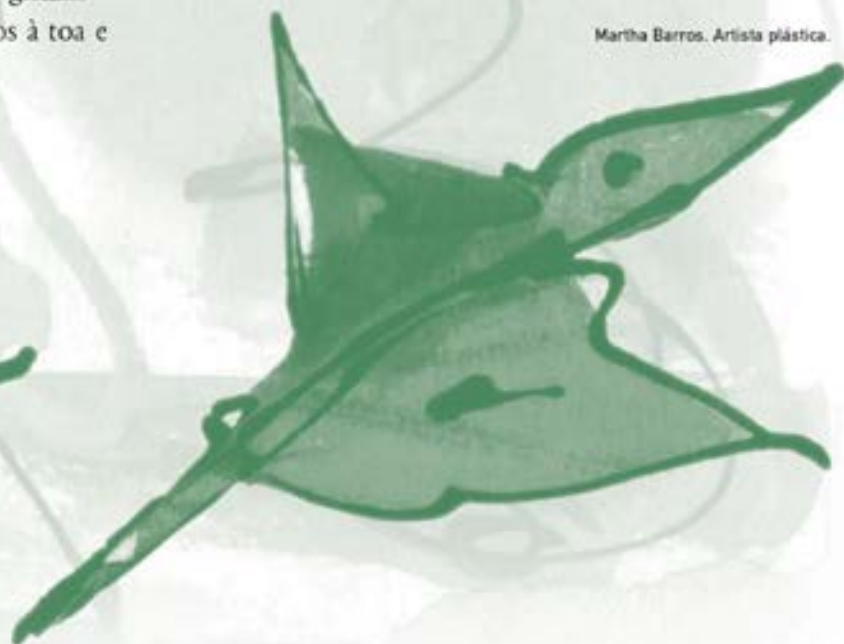




Ilustração Júlio Maia, 8 anos. Divulgação.

## Yes, nós temos Saci!

LUCIANA SANDRONI

Mas infelizmente não temos Sacis para dar e vender. Por favor, não insistam. Não temos bonecos, camisetas, chaveiros, nem tênis do Saci para oferecer para as nossas crianças e muito menos para as crianças dos outros. Temos que nos contentar com o Ursinho Puff, o Homem Aranha e olhe lá, nada de reclamar, porque afinal de contas, no dia 22 de agosto, dia do folclore, as crianças – cumprindo quase que um dever cívico – saem pelas ruas com suas carapuças vermelhas pulando com uma perna só e quem sabe pitando um cachimbinho de brincadeira.

O Saci Pererê é sem dúvida o personagem mais querido da nossa literatura popular: um menino negro, de uma perna só, com as palmas das mãos furadas. Ele pita um cachimbo e usa um gorro vermelho de onde vêm seus incríveis poderes. O Saci é muito peralta e vive fazendo travessuras: azeda o leite, esconde os óculos das pessoas, bota mosca na sopa, queima o feijão. Tudo o que acontece de ruim em uma casa é, sem dúvida, arte do Saci. E que o diga Monteiro Lobato, que dedicou um livro inteiro para as suas peraltices.

O **Saci**, segundo livro para crianças de Lobato, é um marco da literatura infantil, um verdadeiro acontecimento. Por quê? Bom, porque o personagem principal é o Saci e isso em 1921, antes da Semana de Arte Moderna; e se lembrarmos que alguns contos da nossa literatura popular – *A festa no céu*, *A onça e o bode* – só foram registrados em livro em 1896 – quase século 20!!!! – no célebre livro **Contos da Carochinha**, de Figueiredo Pimentel, não é de se espantar a novidade que foi o lançamento do **Saci**. Talvez não tenha sido mais porque Lobato, nacionalista fervoroso, revoltado com os duendes alemães nos parques de São Paulo e os estrangeirismos da nossa língua, já tinha conclamado os artistas para “o nosso sete de setembro estético”. Muito animado, Lobato organizou uma pesquisa na edição vespertina do jornal, **O Estado de São Paulo**:



“O **Estadinho** inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquérito ou ‘enquete’ como diz o Trianon, na sua meia língua. Sobre o futuro presidente da República? Não. Sobre o Saci.”

A pesquisa depois saiu em um livro chamado, **O Saci-Pererê: resultado de um inquérito**, em 1918.

Mas no livro, **O Saci**, Lobato conta uma história genial na qual Pedrinho quer pegar um Saci de qualquer jeito. Tio Barnabé e Tia Nastácia dão todas as informações para o menino que acaba vivendo uma aventura emocionante no Capoeirão dos Tucanos com os outros entes da mata, como a Caipora, a Cuca, o Boitatá, a Mula sem Cabeça, além do próprio Saci. Os dois se tornam amigos, mas vivem discutindo questões altamente filosóficas. Pedrinho acredita que a cidade grande, mais civilizada, é o melhor lugar para se viver. Em contrapartida, o Saci crê que a floresta sim é o lugar ideal, e os animais, superiores ao homem. Pedrinho, danado, sustenta que o ser humano é mil vezes mais inteligente que os animais e acaba dando seu último argumento:

“– Mas nós sabemos ler e vocês não!”

O Saci responde:

“– Ler! E para que serve ler? Se o homem é a mais boba de todas as criaturas, de que adianta saber ler? Que é ler? Ler é um jeito de saber o que os outros pensaram. Mas que adianta a um bobo saber o que outro bobo pensou?”

Lobato, para variar, arrasa com o objeto sagrado do mundo acadêmico: o livro. O polêmico escritor opta,

com genialidade, pelo humor e espontaneidade da literatura popular. Esse desprezo pela academia e pelo erudito será a base da relação Emília x Visconde: a erudição do Visconde de Sabugosa, personagem que está sempre “embolorando”, é sempre vencida pela esper-teza e agilidade da Emília. Só que um não pode viver sem o outro...

Mas por que será que até hoje nos sentimos mais brasileiros fantasiando as nossas crianças de Saci ou de índio? Porque aplaudimos e achamos graça quando vemos nos carros o plástico com a frase: “Eu acredito em Saci”? As nossas raízes, a sabedoria popular, nos dizem mais sobre nós mesmos do que o verde e amarelo do 7 de setembro? Será que a nossa vergonhosa ditadura militar conseguiu nos fazer desconfiar do verde e amarelo? Com certeza. Mas e na Copa do Mundo? É... na Copa não dá para usar outra cor. Somos mais patriotas na Copa? Somos, só que sob o patrocínio da Coca-Cola e da Nike...

Bom, mas saindo de campo e voltando para a Literatura Infantil: se entrarmos nas livrarias de hoje o que veremos naquele cantinho aconchegante reservado para as crianças? Vários livros infantis contemporâneos registrando e recontando a literatura oral. As idéias nacionalistas de Lobato vivem até hoje nos livros para crianças. Maria Lúcia Amaral, Joel Rufino dos Santos, Ana Maria Machado, Ziraldo, com a Turma do Pererê, Angela Lago, Ricardo Azevedo, Rogério Andrade Barbosa, Heloísa Prieto, Daniel Munduruku e tantos outros escritores, cada um no seu estilo, estão aí fazendo “o sete de setembro estético” nos livros infantis.

Yes, nós temos Sacis. Eles estão nos livros. É só abrir e ler, mas cuidado! O Saci pode aparecer a qualquer hora e azedar o leite, esconder os óculos, botar mosca na sopa, queimar o feijão... Que diabinho!



LUCIANA SANDRONI Escritora e roteirista de TV. Participou do programa **Sítio do Picapau Amarelo** na televisão como roteirista e escreveu, entre outros, o livro **Dicionário do Sítio do Picapau Amarelo**.



# A festa, o povo, o rio

## CARLOS LESSA

Divulgação



Embratur



Embratur



Como expressão da quebra de auto-estima, nos últimos vinte e cinco anos, o Rio de Janeiro deixou de ser a Cidade Maravilhosa e teria passado a ser a capital da violência, se São Paulo, com o PCC, não tivesse nos roubado o bastão.

Entretanto, o Rio – De Todos os Brasis – vem fazendo todos os anos a maior festa de multidão do planeta. Em 74 quilômetros de praias reúne três milhões de pessoas, para festejar um ano ruim de inflação e, agora, de estagnação. Aproximadamente um terço da população da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Começam a se reunir às nove, dez horas da noite e praticam ritos de religiões variadas. Cariocas de todas as classes bebem, comem, cantam e se deslumbram com o festival de fogos de artifício. Pelas três, quatro horas da manhã, os penúltimos participantes estão retornando a pé para casa. Os últimos ficam dormindo na areia, esperando saudar o nascer do sol do primeiro dia do novo ano. Registro policial: nenhuma violência, nenhum assalto, nenhum homicídio. A festa não produz a menor depredação, nem de carros nem de edifícios. Tudo isto com uma metrópole que não tem um bom sistema de transporte coletivo e possui um nível de polícia ridículo. Compare-se esta espantosa demonstração de “conviviabilidade”, não violência e confiança no ano, com os seiscentos mil nova-iorquinos que festejam a Maçã na Broadway na mesma noite. Toda a polícia está de prontidão, a Guarda Nacional permanece em pré-alerta. Há sempre registros de violências. Aliás, no *middle-west* nas pequenas cidades, quando secundaristas comemoram o dia de formatura, o *sheriff* não dorme com medo de desordens e violências. Quero lembrar a maneira como as torcidas do futebol se colocam como simulacro de terrorismo.

Considero o Réveillon aberto do Rio a maior festa em praça pública, pacífica e deslumbrante. O Rio emite em grande escala o atestado de nossa brasilida-

de, com imenso potencial civilizatório. Creio que estamos educando o mundo. O *football* de Charles Miller e as regras da *Football Association* foram quebrados com a ginga do brasileiro que inventou a bicicleta e com a festa da pelada que utiliza qualquer campo, inclusive ladeiras, com nenhum juiz. Virou o futebol (está dando origem às versões de praia, de salão e ao futvôlei). A cooperação dos times, a pobreza dos recursos para o jogo, a oportunidade de criação tática e estratégica nos fizeram campeões do mundo. A maneira como festejamos, com todos os adereços verde-amarelos, batiques, bombas, risos, bundas de passistas etc., empolgou o mundo. Estava nos *Champs-Élysées* quando o Brasil ganhou o Penta. Vi o povo parisiense vestido de verde-amarelo nas calçadas vibrando à brasileira e os carros buzinando, com a nossa sem-cerimônia. Porém lá vi a polícia baixando o pau para manter normalizado o tráfego pela avenida. Por contágio, estamos convidando os demais povos a festejarem conosco o futebol, reproduzindo em escala cósmica a festinha de bairro depois da pelada anônima.

O brasileiro é o povo da festa. Tudo é pretexto: desde a do tomate, passando pela do jumento, da cerveja, do bode, da uva, do vinho (brevemente surgirá a do suco de uva). Tudo é pretexto para a festa. De forma microscópica, o farofeiro faz a festa na praia, carioca pobre improvisa no domingo o piquenique na poluída esquina urbana. Em nível macro, a 420 km de Manaus, na Ilha de Tupinambarana, 200 mil pessoas se reúnem no Bumbódromo para participar da maior ópera mundial, entre os bois Caprichoso e Garantido, criados por promessas de um neto de maranhense e de dois cearenses migrantes para a Ilha de Parintins; com saudades do Bumba-meu-boi, eles fizeram o embrião desta imensa festa na floresta amazônica.

Na mesma região, na cidade de Belém, mais de dois milhões de pessoas participam do Círio de Nazaré, onde a fé não costuma falhar. De branco, com os pés descalços, fazem uma romaria piedosa que dura dez horas, comem maniçoba e tucupí, cantam, dançam e se deslumbram com os fogos de artifício. Não há violência, é tudo convívio. O austero Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, inspira em cinco datas especiais, imensas romarias. Cada uma delas, em seu entorno, cria uma festa.

Se formos para o extremo sul, iremos encontrar 1.500 centros de tradições gaúchas organizados, para

não falar de um outro milhar dos gaúchos “fora dos pagos”. Destes centros participam ítalo-gaúchos, teuto-gaúchos, açorianos-gaúchos, ianseis-gaúchos, mineiros, nordestinos etc. – gaúchos. Todos de bombacha, dançando as músicas nativistas dos *fronteros*, comendo churrasco, frango com polenta, bebendo vinho (e cachaça), praticando o ritual de admissão à brasilidade no lugar onde a fronteira sempre foi historicamente viva. No mesmo Rio Grande do Sul, na Festa da Uva, se escolhe uma rainha – afinal a mulher é uma uva – e se faz uma festa com mais de 200 mil pessoas comendo a cozinha veneto-gaúcha, da *nona* para a *figlia*. São 40 lugares em Caxias do Sul, improvisados para comer, cantar e beber, sob o céu de estrelas. Caminhando para Santa Catarina, esbarramos na *Oktober Fest*, que surgiu por solidariedade de Munique para com Blumenau, inundada pelo rio Itajaí. Adotamos nesta Festa encher o copo de cerveja que, processada, retorna ao Rio. Do grande copo alemão fundou-se a Festa com 700 mil pessoas que bebem horrores, cantam samba, sem medo de desafinar, dançam. Violência zero. Certamente superior em alegria à festa original de Munique, que não tem o samba, somente cerveja.

Tudo é pretexto para a festa: os peões de tropeiros desalojados pela estrada de ferro mais a inspiração do *farwest* foram pretexto para a Festa do Peão Boiadeiro em Barretos. Com mais de 50 anos, com uma arena projetada por Oscar Niemeyer, lá se realiza a maior festa *country* do mundo. Com as adaptações nacionais, a indústria da carne já nos fez o maior exportador bovino do planeta. Está inclusive exportando “josés” como peões para as festas nos USA. Barretos é a versão, na era da mídia eletrônica, da festa dos Pousos do século 18. Come-se arroz carreteiro, feijão gordo, paçoca de carne. Não é um festival de hambúrgueres e salsichas. Canta-se, bebe-se, namora-se e não há violência. Em sua última edição, o Peão Boiadeiro atraiu mais de um milhão de visitantes.

A nostalgia e a criatividade do nordestino deram origem à Festa de São Cristóvão, no Rio, onde, todos os fins de semana, mais de 150 mil pessoas freqüentam as novecentas barracas. Onde comem, dançam, bebem, cantam. É o maior equipamento de lazer de fim de semana do planeta. Em média, cada visitante gasta 20 reais e o resultado é outra festa, 52 vezes por ano.

Não é difícil semear festas. A baianidade, com inovações tecnológicas tipo trio-elétrico, modernizando a

Embratur



Embratur



Embratur



festa em procissão, espalhou micaretas por todo o Brasil, retirando do carnaval a sua incômoda restrição ligada à Semana Santa. Aliás, a criatividade nordestina criou o forró, que combina com a gostosa dança a dois, com a boa marcação de ritmo e com a rica combinação do rock com qualquer ritmo tradicional brasileiro. Gênios como Chico Science e Fred 04 inventaram o manguibeat, que articula rock com maracatu, preservando o rito popular combinado com a batida do mundo globalizado. Os brasileiros estão permitindo o forró do Iapoque ao Chui. Em Campina Grande, Paraíba, Ronaldo Cunha Lima, quando prefeito, decidiu impulsionar a Festa de São João. Em 2005 foram 700 mil os visitantes do festejo. Caruaru, outra cidade do semi-árido também está festejando, de maneira impulsionada, São João. No Rio de Janeiro, há mais de 700 quadrilhas para celebrar os festejos joaninos.

A festa pode brotar do equívoco: na periferia de Recife surgiu a festa da lavadeira, que congrega 70 mil pessoas durante uma semana. Sua origem é um espanto. Um escultor fez uma grande estátua de mulher com as mãos esticadas. Não foi pago e colocou a estátua no jardim de sua casa. Por ali passavam pescadores, todos os dias. Um deles resolveu colocar flores e pescou bem nesse dia. O dono da estátua percebeu uma oportunidade e montou um “Caceta Armado” para vender cerveja gelada, cachaça e comidinhas. Cresceu o número de visitantes e flores nas mãos e nos pés da estátua. Hoje, a lavadeira serve de inspiração para a apresentação de cantores e músicos regionais.

Em alguns casos, a festa vem do erudito e do patrimônio. O melhor exemplo que conheço é o da Vespertina de Diamantina, que reciclou a antiga tradição musical: a banda de música da polícia militar, a banda mirim de jovens pobres e a tradicional Euterpe Diamantina, colocando, a partir de 1997, o público na rua, o maestro num podium em praça pública e os músicos nas sacadas. Realiza-se um espetáculo que combina Beethoven com o “Peixe-vivo”. Lá se come, se bebe, se namora e se escuta, até que, em certo momento, cantase acompanhando uma das orquestras. Nada impede o povo de participar.

A Escola de Samba passou a ser inacessível ao povo. O pobre não pode comprar a fantasia, nem mesmo ser espectador, pois o ingresso está muito caro. Renasceu a proto-escola, estão em multiplicação os blocos de rua e

o povo brinca, espiando ou participando de centenas de blocos: “no plano mágico, é um movimento político que, de forma livre se reapropria da rua e da festa.” Tem orgulho da Broadway tupiniquim, porém gosta mesmo é da rua onde brinca.

Ante a festa brasileira, não consigo me esquecer de Candeia, que disse: “eu não sou africano, nem sou norte-americano. Ao som da viola e do pandeiro, sou mais o samba brasileiro”.

Sincretismo nativista, hábitos plurais, significados múltiplos, tempos misturados, quaisquer origens, a festa integra a segmentação, dissemina uma sensação de pertinência, submete todos, libertando por tempo regulado, sua alegria, dissolve exclusivismos étnicos, religiosos, de classe, regionais etc. Dentro em pouco teremos contribuições festivas pentecostais e a Parada Gay já reúne três milhões de participantes na Avenida Paulista. No Brasil dos desequilíbrios, a Casa-Grande – Senzala tinha um momento da festa de terreiro e hoje, no Rio, a favela e o condomínio co-participam do Réveillon. Ao não ser, o brasileiro é; pela festa busca-se no outro; quer se sentir, vendo no outro o bom astral. É perdendo sua identidade na festa que se reconhece integrante da Nação brasileira. Como não tem arrogância, assimila tudo. O movimento Antropofágico deu forma e nós não temos por que ter medo de nenhuma importação. A festa de Natal é nossa e, apesar da temperatura canina, tem papais noéis. Na mesa, porém, o lombo de porco já substituiu o peru e, cada vez mais, a castanha de caju e o abacaxi compõem a mesa. Sei da incrível influência da hegemonia cultural globalizada norte-americana, porém no centro comercial, agora batizado de shopping, existe a comida-a-quilo, expulsando o *fast-food*. E o pão de queijo está sendo consumido junto com *sushi*. Já havia prato a quilo com *sashimi* e feijão preto. Aliás, as churrascarias gaúchas são templos de brasilidade, onde tudo está misturado. Sei que daqui a pouco haverá um “dia de ação de graças”. Afinal, tudo é pretexto para festa. Sei que adoramos o tutu à mineira, ao invés do insosso peru. No tutu, o feijão preto africano se mistura com a alba (o mais usado é “alva”) farinha de mandioca tupi e o português come torresmo e lingüiça e se deita na palha macia. A fusão dos ingredientes básicos é saudada com um copinho de cachaça. Viva a mistura brasileira. Na comensalidade está sua inequívoca manifestação.

Desde garoto conheci a Festa do Divino em Sardoal, brinquei e transgredi no mafuá de Secretário e pulei fogueira na Festa de São João na fazenda de minha madrinha. Sou um brasileiro sintonizado pelo samba, forró, frevo, maracatu, bossa-nova. Vejo no brasileiro o pastor de santos e orixás. Conheci uma senhora que, quando uma vaca ficava doente, recorria a Santo Antônio, a um ramo de arruda, às baforadas de charuto e à visita do veterinário. Essa era uma brasileira sem preconceito. Como intelectual, sempre me perguntei o porquê de nossa paixão pela festa. Tenho uma sugestão: o povo brasileiro é um sobrevivente que aprendeu no limite a conservar o pouco que tem e o muito que sabe em existir, com a contínua observação e a abertura ao que é novo. Combina conservadorismo com inovação. E por que na cultura popular existe esta dimensão? Estou convencido de que o brasileiro popular tem reduzida vivência do chão-de-fábrica, do piso do escritório, da sala de reunião e desconfia dos mecanismos de representação indireta. Em contrapartida, sabe tudo do lugar onde nasce e vive. Não tem identidade no país como um todo; mas, no lugar onde vive, todos o conhecem e ele conhece todos. Em busca desta identificação básica, que lhe transmite uma sensação de solidariedade com e pelo lugar, ele valoriza a Festa, que é o momento de “convivibilidade” horizontal, e uma fugaz porém intensa vivência democrática e solidária. O Povo criou, sozinho, a escola de samba, que é um espetáculo prodigioso. Nos primórdios, criava, trabalhava, participava de graça. Reforçava sua identidade. Na organização da pelada acontece o mesmo. Sem a certeza da fábrica, do escritório, da organização e da política, confia no vizinho, no compadre, no nascido e criado no lugar. O brasileiro é sempre amigo do rei no seu lugar. As elites, em sua esperteza, caminham para a festa popular quando sofrem crise de identidade. Ou compram exclusivamente na Daslu, remetem capital e filhos para o exterior e sonham morar em Miami. Têm medo do povo e usam a mão-de-obra popular no trabalho doméstico. Recrutam sua segurança no mesmo corpo social que produz o bandido. Quando, em seu movimento ciclótico, se projetam para o mundo, se esquecem da Festa chamada Brasil.

**CARLOS LESSA** Doutor em Economia, professor titular de Economia Brasileira no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi presidente do BNDES. Autor de 12 livros, entre eles **O Rio de todos os Brasis** e **O Brasil. A Luz do apagão**.

# Um modo de ser campeão do mundo

ANTÔNIO TORRES



Tudo voltou ao normal na redação da **Última Hora** de São Paulo, assim que, naquele ano de 1962, a sua tropa de repórteres e fotógrafos regressou do Chile, bafejada pela glória de ter sido testemunha ocular da segunda conquista brasileira em uma Copa do Mundo. Na retaguarda, ficaram os que de fato iam fazer o jornal circular, até em edições extras, que esgotavam rapidamente nas bancas. Três deles – entre os quais se incluía o autor destas linhas – ganharam um prêmio de consolação. Uma viagem ao Rio de Janeiro, aonde chegariam ao amanhecer de um dia em que as musas deviam estar despertando para inspirar poetas como Antônio Maria, o de **Manhã de Carnaval** e **Valsa de uma cidade**.

Bem, cá estava eu, crente que ia ter tempo para pegar um bronze em Copacabana. E para perder a res-

piração no Corcovado e no Pão de Açúcar, que só conhecia de cinema ou através dos cartões postais. Para descobrir os templos da bossa nova e do samba do morro. Para cair na gandaia. E eis que, de repente, uma notinha do **Jornal dos Sports**, o cor-de-rosa, fez cessar tudo que a antiga musa cantava. Não era que Mané Garrincha ia dar uma festa? E sabe onde? Em Pau Grande, lá na Raiz da Serra, em que havia nascido e ainda vivia.

Corri para a Praça da Bandeira, pois a redação da **Última Hora** carioca ficava naquelas bandas. E, ofegante, cheguei à sala do seu editor de Esportes, um francês gordo e afável – um modo de ser gordo é ser bonachão –, chamado Albert Laurent. Esperava que ele já soubesse que o anjo das pernas tortas, bicampeão mundial, o “Demasiado Garrincha” que tanto fascinava o mundo, a alegria do povo etc., agora ia combater à sombra, longe dos holofotes e do glamour do Rio. Não, ele, o chefe Albert, não sabia de nada. Mas tratou logo de escalar carro e fotógrafo (um outro iria participar da expedição, voluntariamente), para a cobertura do evento, no dia seguinte, um domingo.

Então nos fomos, atingindo o nosso objetivo por volta das 11 horas da manhã, quando descemos de uma kombi na praça principal de uma vila operária, que gravitava entre um morro e uma indústria de tecidos, a América Fabril. Garrincha morava numa casinha daquela praça, igual a todas as outras. Não foi difícil descobri-la. Era a de maior entra-e-sai da vizinhança, ajudando nas providências do almoço, a ser servido num abrigo, o ponto de encontro da comunidade.

Entregue ao afã de carregar engradados de cerveja e refrigerantes, enquanto as mulheres se encarregavam de copos, pratos e talheres, de vez em quando ele embocava pela casa adentro, para dar uma olhada no leitão que estava assando em sua cozinha, e cujo cheiro sentia-se

da porta. Concentrado numa lida que ia do seu espaço privado ao público, ele dava a impressão de não querer perder tempo com conversa, muito menos com quem nem estava convidado. Para todos os efeitos, o ágape fora planejado apenas para os íntimos, ou seja, os da sua tribo e ninguém mais. Apesar disso, ele não se recusou a posar para uma foto, ao lado da mulher, dona Nair, e tendo as sete filhas do casal formando uma espécie de escadinha, da mais velha à última, bem pequenininha. Claro está que bastava esta para pagar a viagem. Na manhã seguinte, tal foto dominaria a primeira página do jornal, tanto na edição de São Paulo quanto na do Rio.

Não tardou a chegar mais um carro, este do **Jornal do Brasil**, trazendo o Oldemário Toguinhó – um repórter que fez escola e história –, também com um fotógrafo a tiracolo. Concorrência na parada. E mais estranhos no ninho do Garrincha, que continuava de bico calado. Até ver que a mesona posta no abrigo estava totalmente preparada. Então ele olhou em volta e disse: “Chegou a

hora”. Não, não era a de avançar sobre o leitão assado. Mas a de subir o morro e bater uma bola, para abrir o apetite. Lá em cima havia um campinho de futebol, onde ele fora descoberto por um olheiro do Botafogo. Era lá que Mané Garrincha ia fazer a sua primeira partida, depois da Copa do Mundo no Chile. E no mesmo time de outros tempos – com os seus inseparáveis amigos Suíngue e Píncel –, que perdeu de 1 x 0 para o outro, de todos os outros do lugar. E este resultado virou manchete, que a **UH** noticiou como “furo” nacional, pois naquele tempo o **JB** não circulava às segundas-feiras.

E assim se conta também, e por tabela, um modo de ser repórter brasileiro.

**ANTÔNIO TORRES** Escritor, já foi chefe de reportagem de esportes do jornal **A Última Hora** e redator de publicidade. Seu primeiro romance foi **Um cão uivando para Lua**, em 1972. Recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra. Também é autor de **Essa Terra, Um táxi para Viena D’Áustria**, entre outros.



# O meu, o seu e o nosso

## PAULO CONDINI

Eu me lembro muito bem de como a pergunta de Jardel nos deixou constrangidos:

– E os seguranças do térreo?... Como vão assistir ao jogo?

Naquele momento ainda não tínhamos idéia de como seria decepcionante a nossa participação na Copa. Ela estava apenas começando, e a primeira partida do Brasil estava marcada para as dezesseis horas daquela tarde.

Um silêncio incômodo se manteve por mais tempo do que o necessário.

Ali estávamos reunidos, a equipe gestora da editora: Jardel, o gerente editorial; Marquito, o supervisor de divulgação; Rodrigo, coordenador de vendas; Wilmar, coordenador de produção; Eduardo, chefe da revisão; Geraldo, supervisor de Marketing e eu, editor de ficção, para garantir que as normas definidas pela diretoria fossem seguidas sem problemas nos dias de jogo do Brasil.

Então o Jardel insistiu:

– Ninguém pensou neles?

– Nós montamos um esquema que nos pareceu perfeito – Marquito explicou. – e entendemos que eles iriam para o auditório, como todo mundo.

– Eu cansei de falar que isto valia apenas para os seguranças dos andares de cima. Os do térreo não podem abandonar os seus postos. Ô Marquito! Você não pensou nisto quando montou o programa?

Ele deu sorriso sem graça e tentou explicar:

– Parece que não ocorreu a ninguém...

– Alguém não disse que poderia trazer uma televisão para cá?

– Jardel atropelou.

– Fui eu que falei! – Rodrigo

assumiu. – Mas acabou não sendo necessário. Afinal, se eles iam assistir o jogo no auditório, não me preocupei mais com o assunto.

– Maravilha! – Ironizou Jardel. – E agora, como é que eles ficam?

– Eles ouvem o jogo pelo rádio, hoje. – Rodrigo propôs. – Na próxima partida eu trago a televisão...

– De jeito nenhum! – Wilmar discordou. – Não é justo que apenas duas pessoas fiquem sem ver o jogo.

– Mas elas vão acompanhar pelo rádio. – Rodrigo insistiu.

– Eu também não concordo. – Falei duro. – Não acho justo...

– Gente! Isto não é problema. – Eduardo interrompeu, tranqüilo, o meu discurso. – Eu posso buscar um aparelho portátil lá em casa.

– Você não vai chegar a tempo para o início do jogo. – Jardel ponderou.

Consultei meu relógio. Marcava treze horas e quarenta minutos.

– É verdade. – Confirmei. – Todo mundo estará voltando para casa, neste horário, para ver o jogo.

– Sem falar que o rodízio foi suspenso a partir das treze horas. – Jardel confirmou.

– Chego a tempo, sim. – Eduardo respondeu. – Tenho mais de duas horas para ir e voltar. Com certeza vai dar tempo.

– Não sei não. – Rodrigo contestou. – Quando eu vim para cá a Marginal já estava entupida. Você vai é acabar escutando o primeiro tempo pelo rádio. – E deu um sorriso irônico.

– Não tem importância, não. – Eduardo respondeu, e devolveu a ironia. – Então seremos três ouvindo a partida pelo rádio: dois seguranças e um revisor.

E aí eu acho que a coisa fica um pouco mais justa.

PAULO CONDINI Jornalista, ator e produtor. Entre seus livros estão *Socorro, Os filhos do rio* e *Um caso mortal*.



# Meu meu nome é trabalho, trampo ou trapaça

CHICO ALENCAR

“Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer”. Com esta frase cortante, Aparício Torelly, auto-proclamado Barão de Itararé (em homenagem à batalha que não houve, na Revolução de 1930), reforçou dois mitos: o de que brasileiro não gosta de trabalhar e o de que tudo, aqui, vira brincadeira. Fico imaginando quanto tempo o jornalista gaúcho radicado no Rio, editor de **A Manhã** (em contraposição ao jornalão **A Manhã**), matutou para produzir expressão tão genial. Aliás, o Barão era, como em geral todos nós, um batalhador, um criador, uma pessoa que sabia que nossa passagem na terra também se afirma pelo trabalho, e isto pode ser motivo

de alegria... Quem inventou esse xiste que abre o texto sempre teve muito o que fazer!

Mas, afinal, o que é trabalho? A pena que se paga por ser gente, condenação a “arrancar o pão com o suor do rosto”? A origem etimológica da palavra não anima: trabalho vem de *tripalium*, instrumento de tortura da Roma antiga... Fiquemos com a definição clássica e mais ampla (e, portanto, mais correta): trabalho humano é toda atividade que provê, com bens materiais ou simbólicos, a existência humana. Prover a existência humana daquilo que ela mais carece: pão e beleza, abrigo e sentido.

Um erudito trabalhando em seu gabinete. Aquarela de Jean Baptiste Debret. Divulgação.







Cartaz do Filme *Macunaíma*. Divulgação.

Desde que perambula pelo planeta, o bicho-homem coleta ou caça alimentos e procura ou constrói autoproteção, isto é, trabalha. E também celebra início de plantio, festeja colheita, ritualiza o tempo de descanso. O ser humano é um ser que trabalha e que, diferente das formigas (pelo menos até onde conhecemos as vidas dessas nossas pequeninas irmãs) é também um ser que dança, que batuca, que canta. Nós, brasileiros, somos um dos povos mais musicais do mundo. Gostamos de trabalhar - isto mesmo, trabalhar! - com a fantasia, com a ilusão, com o sonho, reinventando a vida, recriando a criação. Isto também é trabalho, ainda que possa acontecer, muitas vezes, de forma espontânea, gratuita, sem vínculos com uma relação formal, tantas vezes de exploração.

Toda generalização é perigosa. Podemos, quanto ao modo de ser brasileiro em relação ao trabalho, traçar algumas peculiaridades, nada mais. Não somos nem especialmente preguiçosos nem exemplarmente operosos, se é que existe algum povo assim, tão exato, para o que

classificamos como bem ou como mal. Não é possível definir com precisão matemática um “modo brasileiro de se relacionar com o trabalho” por uma razão bem simples: existem brasileiros, assim mesmo, no plural.

Outro fantástico trabalhador das letras, o brasileiro paulista Mário de Andrade, criou, em 1928, um romance chamado *Macunaíma* (dizem que a obra-prima foi escrita em apenas uma semana de intensa labuta!). *Macunaíma*, “o herói sem nenhum caráter”. Estudioso das tradições populares e atento observador da vida brasileira, Mário de Andrade exagerou, no seu personagem, as qualidades e os defeitos que via na nossa gente. Bom humor, inventividade, preguiça, sensualidade, trapaça, vontade de progredir, tudo isso está em *Macunaíma*, negro nascido de índia que vira branco por magia e necessidade. Rural e urbano, malandro e lutador. *Macunaíma*, doce amante e com coragem para enfrentar o gigante. *Macunaíma*, que segue em frente como o trezinho caipira de Villa-Lobos. Brasileiríssimo.

Brasileiros são assim-assados, diversos, múltiplos. E, dependendo da classe social, da época histórica e dos interesses mais imediatos, uma ou outra característica predomina. Preguiça da classe dominante: “o ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram, pois traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado por muitos”, lembrava Antonil, cronista da época colonial. “Aos escravos eram reservados três pés: pão, pano e pau”, continuava. E os negros escravizados, junto com índios destribalizados, ergueram, entre cantos dolentes e chibatas, plantações, mansões, estradas, cidades. Indolentes como, preguiçosos onde?

Sem o trabalho, em todas as suas formas, não existiria a preguiça, aqui entendida como descanso, repouso, relaxamento, breve leveza do ser, fruição das dádivas da natureza, des...pré-ocupação. Ainda bem que a maioria dos brasileiros não vive obcecada pelo trabalho, pelos cifrões, pela atividade frenética e descompensada que neurotiza e mata! Ainda bem que, por outro lado, devagar vai se constatando que isso de dizer que “brasileiro trabalha pouco” é puro preconceito, ou abissal desinformação. Para a maioria da população ativa do Brasil, aqueles 80% de adultos que têm algum emprego, o dia começa com o nascer do sol e só termina tarde da noite. Nossa jornada média de trabalho, se incluirmos o ir-e-vir (em precários transportes

coletivos e com os nós do trânsito nos grandes centros urbanos), pode chegar a 12 horas diárias!

Por outro lado, a mão-de-obra brasileira é das mais mal pagas do mundo. Enquanto na maioria dos países a remuneração dos trabalhadores representa cerca de 30% do preço final do produto, no Brasil este aspecto do investimento - a remuneração da força de trabalho - fica em 15%... Que preguiça que nada! Muito trabalho e pouco salário, isto sim... Daí ainda estarmos dividindo a lanterna do campeonato da distribuição de renda com

Serra Leoa, Botsuana e que tais.

Um olhar sincero sobre o Brasil, sem os óculos do preconceito, vai revelar que nossa sociedade é devedora do trabalho de todos os seus filhos, sempre. Desde aqueles que morrem na contramão, "atrapalhando o tráfego", despencados das construções onde outros - que não o pedreiro Valdemar - vão morar, até os que, neste momento, executaram a música que o rádio toca e, flor no asfalto, o seu começo de jornada. Somos tributários do trabalho humano, sempre, e a vida não se constitui sem ele. Glória a sermos, sempre, do trabalho e do baralho, isto é, do esforço e do jogo, do "pegar no pesado" e também do "pegar leve". Sanidade, equilíbrio.

No Brasil, toda zona sul depende da zona norte, todo centro precisa da periferia, todo café da manhã da grande urbi começa com o trigo, a ordenha, a labuta no campo. Dos lixeiros aos coveiros, da enfermeira à cozinheira, dos motoristas aos ascensoristas, das vendedoras aos empacotadores, dos tecelões aos estilistas, dos juristas aos serventuários, dos carvoeiros às artistas, sem o trabalho dedicado e tantas vezes estafante de milhões, a dinâmica sócio-econômica não se estabeleceria e os direitos sociais e coletivos, ainda tão negados a tantos, sequer existiriam. Reconhecer isso é preciso!

Mas a ideologia capitalista da alienação do trabalho não favorece a que os anônimos que tocam o trem Brasil - operários em construção - conheçam o funcionamento da máquina, a distribuição dos vagões, a força da locomotiva e, sobretudo, a decisiva função de seus operadores. Seria um perigo: afinal, quem toca o trem para a frente também pode, de repente, fazer o trem

parar. Os senhores do sistema, porém, não terão sempre a última e controlada palavra. Nosso povo trabalhador é capoeira: se vem o feitor com chicote e facão, ele pode lhe dar uma volta, um rabo-de-arraia, apenas com dois pés e duas mãos. Estratégias de sobrevivência... Mau trabalhador? E o péssimo patrão, nunca é mencionado?

O Brasil, superando seus gravíssimos problemas sociais, pode dar uma contribuição importante e original ao mundo, a partir do terceiro milênio: a de se constituir como uma civilização solidária, aberta, multiétnica, produtiva e criativa, justa e fraterna. O Brasil de tanta pobreza é uma nação rica. Nenhuma sociedade se desenvolveu tanto como a nossa, entre os anos 30 e 70 do século passado, do ponto de vista urbano, industrial e tecnológico. Graças ao empenho dos "trabalhadores do Brasil!", afinal reconhecidos, ao menos no discurso presidencial, como sujeitos da nossa História. Nação rica a ponto de o extraordinário trabalhador intelectual Câmara Cascudo ter enchido mais de oitocentas páginas de seu **Dicionário do Folclore Brasileiro** com centenas de jogos e costumes de todas as regiões do Brasil, e ainda declarar que havia muito mais por fazer e contar.

Somos isso mesmo: um tesouro escondido, uma obra ainda bruta e pouco reconhecida, uma extraordinária possibilidade como povo e nação, tantas vezes adiada por causa de alguns espoliadores que merecem a pecha de "astuto, mau e ladrão". Mãos à obra, pois, para virar esse mundo em "festa, trabalho e pão".

**CHICO ALENCAR** Professor de Prática do Ensino de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e exerce mandato de deputado federal pelo PSOL/RJ.



# Macunaíma - A rapsódia mito-poética e a psicanálise

JOSÉ DURVAL CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Grande Otelo em cena do filme *Macunaíma*.



**Macunaíma**, obra de Mario de Andrade, escrita em 1926, se alinha a outras como **Retrato do Brasil** de Paulo Prado, **Casa Grande e Senzala** de Gilberto Freire e **Raízes do Brasil** de Sérgio Buarque de Holanda. Estas, referem-se a um período de grandes projetos e esperanças revolucionárias, época da Coluna Prestes e da Revolução de 1930. A. Bosi (1988), observa o quanto estes escritos explicitavam um desejo de compreender o Brasil e de rebelar-se à sujeição

intelectual determinada por uma ideologia repressiva, expressa pelas teorias colonizadoras e racistas que então vingavam.

A montagem do texto de Mario de Andrade, parece obedecer a uma intenção de fazê-la à maneira de uma urdidura onírica. Diferentemente da proposta homérica, na *Odisséia*, que pretende a destruição do mito a partir de uma razão ordenadora, o autor de **Macunaíma** escreve a partir de uma atitude anti-reflexiva, bem ao jeitinho

to da escrita automática do surrealismo, no qual o descentramento do sujeito e seu caráter fragmentário é destacado. A liberdade com que assume a linguagem oral na escrita, rompe com regras gramaticais e de sintaxe, desprende-se de qualquer pretensão de bem descrever e deixa isto muito bem explicitado.

Cada capítulo é um ponto de convergência, à maneira do jeito popular aonde em uma única narrativa, misturam-se vários contos que possuem uma certa analogia. A serzidura destes motivos seriados é feita pelo autor assim como numa rapsódia musical, não sendo um romance ou uma epopéia. Escrita vinte e seis anos depois da publicação da **Interpretação dos Sonhos** de Sigmund Freud, esta construção vai confirmar o saber que se descobre na interpretação da linguagem onírica tanto quanto na linguagem mito-poética. Seu escrever mostra que formações secundárias, narrações e mitos, promovidas pela imposição da civilização associada à repressão, pode permitir a interpretação do ser na cultura através do uso da estrutura conceitual da psicanálise. Sustentamos que pode ser uma interpretação psicanalítica enquanto esta encontra-se referida ao processo primário e às fantasias inconscientes, decorrentes da cena original e tendo a problemática edípica como seu epicentro.

O texto guarda seu início na fala de um papagaio dirigida a um homem estendido numa rede na imensidão da floresta à beira do rio.

A língua do papagaio, que apesar de verde e amarelo, é uma mimese do colonizador, que num repetir sem sentido, logo após contar os casos, “abre asa para Lisboa”. O proscênio desta rapsódia mito-poética encontra-se no epílogo, pois o narrador se faz de protagonista, ouve o papagaio e ao interpretar o que ouviu é que vai fornecer um sentido, contando a história de Macunaíma, filho do medo da noite com uma índia tapanhuma. Ora, ouvir ou ler é querer saber o que Isso conta. O pai de Macunaíma é o medo da noite, da escuridão. É aí, do descabido que brota o sentido poético.

O narrador nos leva a beira do rio Uraricoera, nos apresenta e reapresenta a ficção do herói Macunaíma. Aquele que encontra-se imerso no princípio de prazer, pura pulsão que quer desconsiderar as determinações da realidade – o herói e seu avesso, o anti-herói que sofre as vicissitudes do viver e não é imortal.

Uma das características do herói fala de uma ausência de caráter, ausência de uma identidade. É marcado pela preguiça, pela astúcia, pelo erotismo e pela magia. Ao lado do se deixar viver, da recusa de se perguntar acerca dos atributos da existência, aprisionando a identidade a um repetir sem fim, existe a procura de uma originalidade. Acrescente-se a isto, um se perguntar, a necessidade de afirmação de poder e a busca de sentido tal como é proposto na narrativa, através de uma sucessão de imagens que não afirmam nem negam. Divergindo do fundamento da cultura sob o signo da culpa originária, efeito do assassinio do pai primo, Macunaíma mata a mãe. Esta, que num momento de raiva o despreza e o rejeita de maneira absoluta, condenando-o a jamais crescer e à eterna dependência. Este matricídio está claramente associado a uma libertação. Liberdade de poder sair para o mundo. Deixar-se viver. Rompimento de uma cadeia opressiva que constrange, que cerceia. Ato que repete no assassinato dos irmãos que estendiam esta maternagem infantilizadora, tal e qual, a colonizadores e colonizados.

Sua preguiça pode ser entendida também como uma resistência à tradição que o acorrenta e aos valores que o violentam. Seu exclamar: – “Ai! Que preguiça!..”, que aparece repetidamente no texto como um estribilho, não acontece só quando inicia uma reflexão e dá-se conta de algo que de imediato não consegue atinar, descrever ou nomear, mas também como uma crítica ao excesso autoritário, numa recusa a submeter-se ao trabalho que visa a explorar o homem tendo como o único objetivo o lucro do capital.

O novo lhe é insuportável, a pulsão é conservadora. Ao reagir dizendo que ainda não estava acostumado ao discurso, quando tenta entender a relação do homem com a máquina, fala de sua recusa em funcionar no registro do processo primário, indicador de uma insuficiência do recalque original. Macunaíma entrega-se ao desempenho erótico, uma das facetas atribuída ao princípio de prazer, toda a vez que surge uma sombra de frustração. Como a satisfação é sempre incompleta, aparece-lhe um vazio que o leva a outras investidas. No restante, aceita e considera-o com uma falta de Ci, sua amada que subiu ao céu virada em estrela.

Suas vertiginosas aventuras desconsideram o tempo e o espaço no desenvolvimento da trama. Esta tecitura, tal como a de um sonho, já justifica uma leitura



psicanalítica. Vai nos remeter à postulação do inconsciente freudiano que enquanto atemporal e desconhecido, só pode ser abordado alusivamente. O canibalismo, o incesto, o livre assassinar, ou seja, convicções primitivas que teriam sido interdidas pela civilização, lá se encontram. Opera-se uma mistura de algo inseparável que é familiar e estranho. O estilo narrativo fora do convencional impondo uma outra forma de dizer determina um sentimento de algo impreciso que está em desacordo com as normas determinantes da comunicação eficaz, dentro do convencional. Tem algo de indefinido entre o que é repetitivo e o que é original. É a “inquietante estranheza” (*unheimliche*) de que nos fala Freud.

Isto é narrado de tal maneira que só à posteriori nos damos conta da relação do menino com corpo de homem e cabeça de piá, numa analogia do herói com o Brasil. Isto acena como algo promissor, futuro de uma ilusão, aspecto de sonho de vida eterna sem necessidade de trabalho para obtenção de prazer a ser conseguido na realidade. O sem nenhum caráter, aponta para uma falta de identidade cultural do Brasil, para uma ausência de caráter nacional, para uma indefinível brasilidade. É indiscutível que a referência às lendas e mitos dispostos de uma maneira aparentemente fragmentada, costurada pelo fio do autor, insinua uma busca de identidade. Tal como pedaços soltos que se referem às identificações miméticas que vêm de fora.

Macunaíma ao ser mutilado, absolutamente batido por sua insuficiência humana, abre mão de uma busca de sentido, de um esforço de organização. Opta pelo deixar-se viver. Vai ser a Ursa Maior, “um brilho inútil, não tão inútil” enquanto companhia de outras estrelas, vagando no campo vasto do céu.

**JOSÉ DURVAL CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE** Médico, psiquiatra e psicanalista membro da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle.

### Referências Bibliográficas

Albuquerque, José Durval: *Macunaíma - A rapsódia mito-poética e a psicanálise*, apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise da IFPS, em Atenas, 1996.

Bosi, A: “Situação de Macunaíma”, in *Mário de Andrade o herói sem nenhum caráter*, 1988, org. Telé Ancona Lopez, Ed. da UFSC, Florianópolis, SC., Brasil.

# O brasileiro e a doença

## MOACYR SCLIAR



Quando me proponho a escrever qualquer texto sobre os brasileiros, não posso deixar de lembrar a história do turista estrangeiro que aqui esteve, numa visita apressada,

ficou três dias e depois escreveu um livro chamado: **Brasil: ontem, hoje, amanhã**. Este tipo de iniciativa remete àquilo que se chama de generalização selvagem: o estabelecimento de regras gerais, baseadas em observações rápidas, superficiais e desprovidas de conhecimento prévio. O brasileiro não lê, ouvimos de vez em quando. Será a verdade? Será que o leitor que me acompanha nestas linhas não lê – ele, que é justamente leitor, ao menos neste momento?

Mas a tentação de generalizar é forte demais, sobretudo para um ficcionista, acostumado a criar situações imaginárias. Não é só como ficcionista que falarei, como médico também. Pratiquei a profissão por longos anos, primeiro como internista, depois como médico de saúde pública e espero que isto me tenha dado alguma base para generalizações que, espero, não serão tão selvagens assim.

Falei em ficção, mas doença, no Brasil, não é um problema imaginário. Não somos *“le malade imaginaire”* de que falava Molière. Ao contrário, a doença aqui se introduziu cedo. Enfermidades infecciosas trazidas pelos portugueses, como a varíola ou mesmo a gripe, dizimavam os índios, cujo organismo contra elas não tinha defesas. Já os imigrantes europeus eram vítimas da febre amarela. A tuberculose castigava a todos, independente de classe social ou de nível de conhecimento: Castro Alves, por exemplo, morreu tísico. Ficou famosa a frase pronunciada em discurso (1916) pelo médico e professor universitário Miguel Pereira:

“O Brasil é um imenso hospital”. Se alguém duvida, é só observar as filas do SUS, do qual depende cerca de 80% da população.

O brasileiro tem doenças preferenciais? Tem, mas elas não coincidem com as que figuram nas estatísticas médicas. Um órgão que, em nosso país, tem as costas largas, é o fígado. Qualquer dor abdominal, qualquer mal-estar tem como causa esta enigmática glândula. Isto também explica a quantidade de remédios rotulados bombasticamente de “hepatoprotetores”. O brasileiro também tem crendices e superstições. Um alvo preferencial, mas não exclusivo de nossa cultura, é a menstruação. Mulher menstruada faz azedar o leite, estraga a colheita, prejudica as aves em choco.

O que faz o brasileiro quando fica doente? Depende. No passado, era freqüente que consultasse o curandeiro ou até mesmo o charlatão (que, diferente do primeiro, é um enganador e sabe disto). Era então medicado com rezas e chás diversos. Mas esta fase está ficando rapidamente para trás, na medida em que o nível de informação está aumentando. O **Fantástico** freqüentemente leva à tela matérias sobre novos meios de diagnóstico e tratamento; o mesmo acontece com emissoras de rádio, jornais, revistas. O brasileiro agora quer médico, e quer especialista. Mas não é fácil conseguir consulta. E aí temos um outro modo brasileiro de enfrentar a doença: recorrer à farmácia.

Quem viaja para o exterior sabe que às vezes é difícil encontrar a farmácia. Uma vez, no centro de Lisboa, caminhei quase uma hora até encontrar um estabelecimento do gênero. No Brasil,





Zé Gotinha, personagem da Campanha de Vacinação contra a Paralisia Infantil.

não. Perto de minha casa existem, em dois quarteirões, três farmácias.

Não se trata apenas da venda de medicamentos. Trata-se, muitas vezes, de uma verdadeira consulta, em que a pessoa solicita ao balconista um conselho, uma orientação. Isto sempre foi verdadeiro no caso das doenças sexualmente transmissíveis, particularmente em relação à gonorréia. Cena típica: um adolescente entrava na farmácia, dirigia-se ao balcão e murmurava alguma coisa para o funcionário. Certamente era blenorragia. Tão comum era esta situação que, numa época, a Secretaria da Saúde de São Paulo proporcionou um treinamento aos balconistas, orientando-os a respeito.

Mas se me permitem uma consideração final, de novo nascida de uma generalização, eu diria que o brasileiro enfrenta bravamente, resignadamente, estoicamente a doença. Não, o Brasil não é um imenso hospital: ainda nos faltam muitos leitos hospitalares para chegar lá. Mas o Brasil é um reduto de coragem. Parafrazeando Euclides, o brasileiro é, antes de tudo, um forte. Mesmo quando, ou principalmente quando, está doente.

**MOACYR SCLIAR** Escritor com mais de 50 livros publicados. Recebeu, entre outros, o Prêmio Jabuti em 1993 e 2000. Seus trabalhos já foram adaptados para o cinema, televisão e rádio. Entre seus livros estão **A face oculta**, **Aquele estranho colega**, **o meu pai** e **Ciumento de carteirinha**.



## A Revolta da Vacina

Em 1904 aconteceu um movimento popular no Rio de Janeiro que ficara conhecido como Revolta da Vacina. Como Capital Federal, a cidade abrigava 720 mil pessoas sem possuir estrutura de saneamento básico. Assim, a população ficava exposta a epidemias de varíola e febre amarela, principalmente a camada mais pobre.

O então presidente, Rodrigues Alves, convidou Oswaldo Cruz para ajudá-lo em seu maior desafio: a falta de saúde pública. O cientista então, assumiu a Diretoria Geral de Saúde Pública. Para acabar com o mosquito transmissor da febre, Oswaldo Cruz organizou uma campanha sanitária que entrava à força nas casas para remover doentes, entre outras ações.

A população se agitou com a campanha por não acreditar que o mosquito era realmente o transmissor da doença, além de se sentir pressionada pelo autoritarismo das ações. Mas o pior ainda estava por vir...

Para acabar com a varíola, Oswaldo Cruz criou uma vacina que fora fabricada em grandes quantidades, a fim de eliminar a doença. No dia 31 de outubro de 1904 foi aprovada uma lei que tornava a vacinação obrigatória. Um movimento contra essa obrigação também foi criado, instaurando uma atmosfera de confrontos violentos na cidade.



Revolta contra a Vacina. Rio de Janeiro, 1904.

# Alberto Santos Dumont: Entre o sonho e o pesadelo, a realidade do vôo

HENRIQUE LINS DE BARROS

O sonho de voar parece ser manifestação comum entre os povos. Talvez esteja associado a um desejo primário de liberdade, pois ao voar estaríamos livres para nos locomover para onde quiséssemos. Estaríamos capazes de abandonar as restrições impostas pelo fato de sermos animais terrestres, diferentemente das aves. Pode ser também manifestação de algo mais primitivo, associado a nossa história evolutiva que encontra antepassados mais longínquos em primatas que habitavam as árvores. Mas a verdade é que o sonho de voar tem sido sempre lembrado: nos anjos cristãos, nos deuses egípcios, ou nos mitos de diferentes tradições.

De fato, dentre os mitos gregos, a história de Ícaro é uma das mais conhecidas. Filho de Dédalo, criativo artesão e artífice da ilha de Minos, Ícaro teve um fim trágico ao tentar voar mais alto do que podia. Seu pai, após ter criado o labirinto para manter preso o Minotauro, viu-se em situação adversa e para sobreviver teve que abandonar a ilha. Construiu, então, leves asas de penas e com seu filho Ícaro voaram para conseguir a liberdade. A sensação de prazer que o vôo despertou em Ícaro foi de tamanha intensidade que ele, sem ouvir os conselhos do pai, voou mais alto e o Sol aqueceu a cera que mantinha as penas presas na estrutura. Ícaro caiu e perdeu a vida, enquanto Dédalo ganhou a liberdade, mas já não via mais sentido em viver sem o filho, e morreu deprimido e triste.

O mito de Ícaro é interessante por dois aspectos: o primeiro é sua íntima ligação entre a idéia de voar e a noção de liberdade. O segundo, não menos importante, está relacionado com o momento em que o vôo é subitamente interrompido e dá lugar ao pesadelo, pois tão comum quanto o sonho de voar é o pesadelo da queda, uma vez que é impossível dissociar o vôo da queda. Isto dá ao vôo um caráter ambíguo.





Alberto Santos Dumont é um exemplo de inventor que conseguiu, por um lado, sonhar e, por outro, transformar o sonho numa realidade palpável. Para isso ele teve que viver as duas faces: o vôo e a queda, o sonho e o pesadelo.

Santos Dumont começou a sua vida de aeronauta logo que chegou pela terceira vez a Paris, em 1898. Tinha feito os seus estudos básicos no Brasil e, num período de cerca de quatro anos, com um preceptor em Paris. Nunca teve uma educação superior formal e talvez isto tenha sido fundamental em sua carreira. Assim que chegou à capital francesa, influenciado pelos livros de Jules Verne e impressionado com o relato de uma expedição de balão rumo ao Pólo Norte, que acabou em tragédia em 1897, Santos Dumont logo começou investir na realização de seu sonho: voar. Em pouco tempo tornou-se balonista, voando os balões esféricos de hidrogênio. Suas primeiras descrições do vôo são bem próximas da de um sonho. Em 1898 realizou suas primeiras ascensões e sua impressão ficou marcada na memória. “Eu nunca me esquecerei do genuíno prazer de minha primeira ascensão em balão.” Ele comenta, em seu livro **Os meus balões**, que o que mais chamou sua atenção foi o silêncio no ar e a ausência de vento. Depois da ordem tradicional “Larguem tudo!”, o balão começou a subida e Santos Dumont descreveu o seu “sonho” ainda usando imagens poéticas:

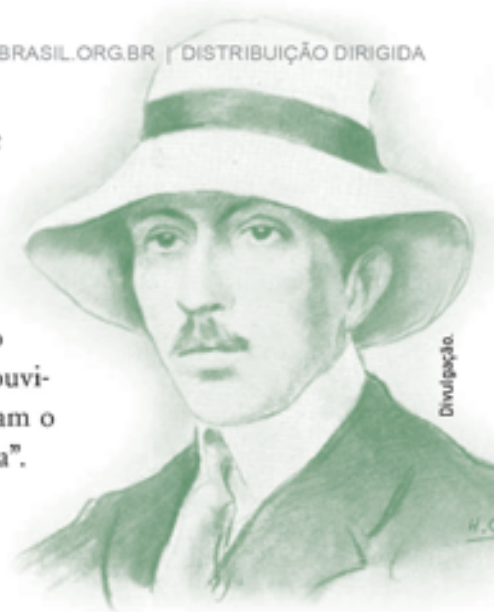
“No mesmo instante, o vento deixou de soprar. Era como se o ar em volta de nós tivesse imobilizado. É que havíamos partido, e a corrente de ar que atravessávamos nos comunicava sua própria velocidade... Esse movimento imperceptível de marcha possui um sabor infinitamente agradável. A ilusão é absoluta. Acreditar-se-ia, não que é o balão que se move, mas que é a terra que foge dele e se abaixa. No fundo do abismo que se cava sob nós, a mil e quinhentos metros, a terra, em lugar de parecer redonda como uma bola, apresentava a forma côncava de um tigela, por efeito de um fenômeno de refração que faz o círculo do horizonte elevar-se continuamente aos olhos do aeronauta... Aldeias e bosques, prados e castelos desfilam como quadros movediços, em cima dos quais os apitos das locomotivas desferiam notas agudas e longínquas. Com os latidos dos cães, eram os únicos sons que chegavam ao alto. A voz humana não vai a essas solidões sem limite. As pessoas apresentavam aspecto de formigas caminhando sobre linhas brancas, as

estradas; as filas de casas assemelhavam-se a brinquedos de crianças. ... O som de um alegre carrilhão chegou aos nossos ouvidos. Os sinos tocavam o ‘Ángelus’ do meio-dia”.

Mas à medida que o vôo vai ganhando realidade, sua descrição muda de tom. Torna-se mais técnica e mais sombria, como pode ser visto na descrição que faz de um vôo de balão livre, ainda em 1898.

“Por ocasião da partida, parecia haver muito pouco vento... Até mil metros tudo correu bem. A mil e quinhentos metros, ficamos quase estacionários. Largamos lastro e atingimos dois mil metros. Nesse momento, uma brisa vagabunda começou a empurrar-nos para o centro de Paris, abandonando-nos em cima do Louvre. Descemos e... tão-só encontramos calma. Produziu-se então uma coisa agradável. Em um céu azul, sem uma nuvem e todo banhado de sol, onde nos chegavam os longínquos latidos dos cães da cidade, a calma nos imobilizou!... A princípio rimo-nos do caso. Depois veio a fadiga. Por fim quase a inquietação... O pior era que perdíamos gás. Enquanto lentamente vagávamos para leste, hora a hora, um a um, os sacos de lastro se tinham esvaziado... Nos vimos obrigados a atirar fora objetos de toda espécie: sacos para o lastro, cestos da comida, dois banquinhos portáteis, duas Kodak, uma caixa de chapas fotográficas... Tenho sentido não só medo, mas até mesmo sofrimentos e real desespero a bordo de uma balão esférico.”

O sonho do vôo perde, aos poucos, seu caráter puramente onírico. Quando tenta realizar o primeiro vôo dirigido, em seu dirigível de número 1, em 20 de setembro de 1898, cai e sente o outro lado do vôo. Sua descrição do acidente já é técnica, embora ainda mantenha um pouco o seu lado de um sonhador. O seu dirigível apresentou uma falha nas válvulas e sua descida transformou-se em queda. “Tive a impressão de estar tudo acabado, pois a descida iniciada não podia mais ser interrompida pelos meios em uso...”



Divulgação

Em 8 de agosto de 1901, quando acabava de contornar a Torre Eiffel e se dirigia de volta ao campo de Saint Cloud, certo de que ganharia o maior prêmio da época, o prêmio *Deutsch de La Meurthe*, seu dirigível 5 entrou em pane. A queda já não tinha mais nada de sonho. Sua descrição é técnica e emocionada. Viu os cabos do balão serem cortados pela hélice e sabia estar vivendo um pesadelo. O balão cheio de hidrogênio podia explodir a qualquer momento. E, de fato, explodiu ao bater no telhado do Hotel Trocadero. Mas, para sua sorte, foi uma explosão fria, devido à pressão interna do gás, e o hidrogênio não entrou em combustão. O vôo já havia perdido o seu lado onírico. Era, tão somente, um problema técnico que deveria ser encarado tecnicamente. Santos Dumont já não comentava as sensações, mas descreveu o prazer de estar conseguindo ultrapassar um desafio. O balão é um instrumento, o vôo um meio.

Em 19 de outubro de 1901, quando, com o seu N-6, finalmente consegue ganhar o prêmio *Deutsch*, ele está mais preocupado em ver como sua aeronave funciona do que partilhar das sensações de estar fluando no ar.

A partir de 1904, quando começou se dedicar ao vôo do mais pesado que o ar, o caráter onírico do vôo parece estar distante. O desafio era o que estava em jogo. A competição prevalecia. Tinha que ser o primeiro a voar. Não era um sonho, era uma disputa, embora motivada pelo sonho antigo. Em 23 de outubro de 1906, ao realizar um vôo de 60 metros com o 14bis e ganhar a taça *Archdeacon*, sua maior preocupação estava em tentar ultrapassar a sua própria marca. Seu investimento, emocional e intelectual, voltava-se para o aperfeiçoamento de um invento, o que justifica a sua enorme energia despendida neste período. Em 12 de novembro de 1906 realizou o primeiro vôo completo e homologado da história da aviação voando no seu 14bis. Mas ele não se sentia satisfeito: "Atualmente minha máquina é um aparelho bem grande, mas espero, nas futuras construções, diminuir o tamanho das asas até que elas não tenham mais de três ou quatro pés de comprimento, com largura de dois pés no máximo". Em um curto período de menos de um ano realizou mais cinco projetos. Estava motivado pela competição que animava os outros inventores e queria dar uma solução segura para o vôo do avião. Em menos de um ano mudou sua

construção mental e chegou a uma solução nova com o *Demoiselle*. Atingia, assim, o seu objetivo.

Viu realizados os seus sonhos anteriores e, a partir de 1910, quando abandonou o campo de provas, trabalhou no sentido de mostrar que o avião era um novo instrumento seguro e prático e que contribuiria para a união entre nações. De certa forma, um novo sonho o encorajava.

Os anos seguintes foram dedicados à divulgação do vôo e nesta direção trabalhou sem descanso. No fim da vida, a partir de meados da década de 1920, estava abalado e deprimido, mas mantinha-se consciente de seu estado. Internou-se em alguns sanatórios a fim de se tratar de um estado de melancolia e depressão. E começou a torturar-se ao assumir a responsabilidade das mortes causadas pelos aviões e dirigíveis. O seu sonho de voar, o seu pesadelo da queda e o seu racionalismo técnico cederam lugar ao desespero de derrota. Confundiu-se com o que inventou. Sofreu ao saber das notícias de acidentes e seu estado depressivo só se agravou até o seu suicídio em 23 de julho de 1932, pouco após completar 59 anos. Viveu o final de sua vida como Dédalo, que lastimava-se de ter inventado as asas que levaram a morte seu filho.

**HENRIQUE LINS DE BARROS:** Doutor em Física e pesquisador titular do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Em 2001 recebeu a comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico e em 2002 a medalha Mérito Santos Dumont. Entre seus livros estão: **Santos Dumont e a invenção do vôo** e **Santos Dumont: o homem voa!**

### Referências Bibliográficas

- HYPPÓLITO da Costa, F. *Santos Dumont: história e iconografia*. Rio de Janeiro: Incaer-Villa Rica, 1990.
- JORGE, F. *As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont*. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1977.
- LINS DE BARROS, H. *Santos Dumont e a invenção do vôo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Santos Dumont: o homem voa!* Rio de Janeiro: Contraponto-Petrobrás, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Alberto Santos Dumont*. Rio de Janeiro: Index e APC, 1986.
- NAPOLEÃO, A. *Santos-Dumont e a conquista do ar*. BH/RJ: Itatiaia/Inacer, 1988.
- SANTOS DUMONT, A. *Os Meus Balões*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.
- \_\_\_\_\_. *1918. O que eu vi, o que nós veremos*. Petrópolis: Ed. Do Autor, 1918.
- \_\_\_\_\_. *How I became aeronaut and my experiences with air-ships*. McClure's Magazine V, XIX. (agosto), 1902.
- VILLARES, H. Dumont. *Quem deu asas ao homem: Alberto Santos Dumont, sua vida e sua glória*. Rio de Janeiro: MEC, 1957.

# Dorival Caymmi: comum a todos nós

STELLA CAYMMI

Assim como no nosso dia-a-dia pinçamos alguma singularidade na personalidade das pessoas que nos cercam para identificá-las, para delas nos referirmos, o mesmo parece acontecer com nações e seu povo. Uma das marcas de que nós brasileiros mais nos orgulhamos e gostamos de ser por ela identificados, em que nos reconhecemos e somos admirados, é, sem dúvida nenhuma, a Música Popular. Alguns poderiam argumentar: "Ah, isso é um lugar comum". Pois é, mas não poderíamos despir o tom crítico deste comentário e entendermos lugar comum como algo que é comum a todos nós? Ou ainda, como uma marca identitária que faz com que nos sintamos comuns a um mesmo espaço nacional? Nossa música, em sua diversidade, une através das notas musicais toda uma nação de brasileiros.

Na Música Popular Brasileira, rica em ritmos, melodias e letras, são muitos os traços singulares dos nossos compositores. Aqui trataremos de um dos que mais se destacaram, o compositor e cantor Dorival Caymmi, hoje com 92 anos, um dos representantes vivos da chamada "Época de Ouro" da nossa música, período que vai de 1929 a 1945, quando termina o Estado Novo. Mas sem dúvida nenhuma poderíamos chamar para esse panteão nomes extraordinários como Chiquinha Gonzaga, Noel Rosa, Pixinguinha, Sinhô, Ari Barroso, Tom Jobim ou Chico Buarque, entre muitos. A lista é interminável. Como se vê, não são exuberantes apenas nossas matas ou nossos rios. A música também.

Dorival Caymmi é um dos tradutores da Bahia e, por extensão, do Brasil. À maneira de Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Holanda no âmbito da sociologia, pode-se afirmar que ele é um dos "Intérpretes do Brasil" nas artes. A obra do compositor baiano tem quatro vertentes principais: sambas baianos, canções praieiras, canções sobre motivo do folclore – a fase baiana – e os sambas-canção urbanos, da sua fase carioca.

Quem nunca ouviu (e cantou) "quem não gosta de samba / bom sujeito não é / é ruim da cabeça/ ou doente do pé", trecho de **Samba da minha terra**, da vertente dos "Postais da Bahia", nome com que se popularizaram os sambas de temática baiana do compositor? Tal a força das imagens que Caymmi construiu com suas letras. Como a beleza dos versos de **Você já foi à Bahia?**, "Na sacada dos sobrados/ Da velha São Salvador/ Há lembranças de donzelas/ Do tempo do imperador", que encantaram tanto Caetano Veloso que os reproduziu em sua composição **Terra**, traçando um diálogo entre duas gerações da Música Popular Brasileira. Nos **Postais da Bahia**, Caymmi faz uma tradução da tradição da sua terra. Com isso ele mata o clichê, como se pode verificar, por exemplo, na tradução caricatural da baiana feita por Carmem Miranda, uma visão por demais idealizada. Isso dá originalidade a Dorival Caymmi nesse panorama. Ele está entre a poética de sons e imagens, quando se verifica a musicalidade e plasticidade em sua obra.

Das canções praieiras, **O Mar** é a mais emblemática: "O Mar/ quando quebra na praia/ É bonito/ É bonito". O crítico Antônio Carlos Giron a propósito desta canção afirmou que ela inaugurou a liberdade harmônica na MPB, em 1940, apontando rumos às gerações que se seguiram. É considerado o músico mais imagético da Música Popular Brasileira, como foi Glauber Rocha no cinema, Di Cavalcanti na pintura etc. Música e texto têm um poder imagético impressionante: o mar soa mar, o sobrado soa sobrado etc. Há diálogo entre a imagem e o som. Ele é tradutor de sons e imagens do Brasil.

Das canções compostas sobre motivos do folclore, a terceira vertente, existe uma que dificilmente um brasileiro deixará de reconhecer aos primeiros acordes. Quantas gerações não foram ninadas por **Acalanto?**:



Dorival Caymmi exibe orgulhoso seu violão autografado.  
Dorival Caymmi - O Mar e o Tempo, Stella Caymmi, Editora 34

É tão tarde  
A manhã já vem  
Todos dormem  
A noite também  
Só eu velo  
Por você, meu bem  
Dorme anjo  
O boi pega neném

“Boi, boi, boi  
Boi da cara preta  
Pegue essa menina  
Que tem medo de careta”

Lá no céu  
Deixam de cantar  
Os anjinhos  
Foram se deitar  
Mamãezinha  
Precisa descansar

Durante quase duas décadas, **Acalanto** encerrou a programação das emissoras dos Diários Associados, do poderoso empresário da comunicação Assis Chateaubriand, mais conhecido como Chatô. Primeiro encerrava a programação das rádios e em seguida, com o surgimento da TV, passou a encerrar a programação da extinta TV Tupi. Com os meios de difusão se sofisticando ao longo do século XX, a força simbólica da música no imaginário do brasileiro foi potencializada.

Os sambas-canção requintados de Caymmi, mais conhecidos como a fase urbana do compositor para se contrapor à temática regional das outras três vertentes, foram feitos no Rio de Janeiro. A também chamada fase carioca tem pérolas como **Marina, Só louco** e **Sábado em Copacabana** – as duas últimas estavam presentes na trilha sonora de JK, minissérie da TV Globo, transmitida no início do ano, ambientada em grande parte nos anos 1940 e 1950, auge

da carreira do compositor. Celita Bueno Cavallini, a personagem de Marília Gabriela na minissérie, uma artista frustrada que cantava nas festas da alta-rodada que freqüentava, interpretou vários sambas-canção de Caymmi em suas aparições. Assim como a personagem, o compositor se apresentou inúmeras vezes em festas do gênero, o que era muito corriqueiro na época. Através de suas letras e músicas, Caymmi atuou como um “antropólogo”, um jornalista, um cronista à maneira de um Rubem Braga, de um Antônio Maria – como se sabe, ambos fizeram uma representação do Rio de sua época, sendo respectivamente, capixaba e pernambucano.

Por fim, depois deste rápido passeio pela obra do artista, fica o conselho de Chico Buarque na canção **Paratodos**, em que apresenta sua genealogia musical: “Contra fel, moléstia e crime, use Dorival Caymmi”.

**STELLA CAYMMI** Jornalista, biógrafa e doutoranda em Letras pela PUC-Rio.



Foto: Mário Cravo Neto.

# Nos caminhos da brasilidade

## LÚCIA FIDALGO



Ilustração Polly Divulgação.

A vida é cheia de caminhos e singularidades. A felicidade é possível, o amor, a ternura, a compaixão, a ética. Refletir sobre isso nos ajuda a indagar: Onde nada-mos há correnteza? Tentamos sempre o possível e o impossível para explicar o inexplicável. Somos autores de uma grande parte de nossas escolhas e nossas omissões. Em nosso país falar hoje de brasilidade é falar de tudo isso. Onde escolhemos, onde omitimos, onde somos transição e onde somos processo, nessa sociedade que hoje vive uma grande carência de paradigmas éticos. Onde reinam os valores desses personagens que somos nós? Leitores, eleitores, alguém que escolhe, que decide. As celebridades de hoje brilham nas revistas acetinadas e para tornar-se uma delas não é preciso ter méritos éticos nem artísticos, mas brilhar com fama, corpo e dinheiro.

É curioso como a literatura nos revela por vezes o contrário e outras vezes esse mesmo perfil. Os textos lidos nas entrelinhas nos falam de outros valores e outros personagens que a sociedade atual esqueceu. Em alguns momentos apresenta personagens que fazem a diferença não pela cor dos cabelos ou pelo amante que traz ao lado, mas pelos valores que defendem. Algumas histórias trazem além de valores a brasilidade no cenário, na fala, no personagem em si que nos ajuda construir um Brasil sem palavras, com olhar de leitor. São os textos cheios de pretextos, obras de autores que marcaram as páginas das leituras no Brasil... São Carlos, Machado, Clarice, Mário... que neste ano de centenário traz de volta seus poemas com cheiros e cores de um Brasil tão distante e por vezes tão próximo de nós. Falar de brasilidade nos poemas de Quintana é falar da musicalidade nas palavras simples que acabam dizendo coisas tão complexas ELES PASSARÃO, EU PASSARINHO...

Em uma outra linha mais popular, os **Contos Tradicionais do Brasil**, de Luis da Câmara Cascudo nos revela a face da diversão e da esperteza. Talvez uma esperteza que está presente em muitos personagens do fol-



clore brasileiro, como Pedro Malasartes, Trancoso que saem vencedores de forma ingênua, inteligente, engraçada, mas às vezes de um jeito um pouco cruel. Mas isso tudo faz parte do contexto de termos o lado bom e o mau presentes em nossa essência. A onça, o urubu, o macaco também são personagens cheios de brasileiridades nesse cenário das histórias contadas por Aqui.

Carregam, na pele de animais, valores, defeitos e qualidades humanas. E vão assim tecendo uma rede de construções e desconstruções que nos preenchem ou nos esvaziam aos poucos ou totalmente.

No desejo de falar no que nos esvazia ou nos preenche é que a coleção **Brasileirinhos**, da Editora Paulus e com os textos de minha autoria, traz para o leitor livros que contam a história de personalidades brasileiras. De uma forma simples, em narrativas poéticas para que o leitor possa saborear a vida dessas pessoas que fizeram a diferença nesse mundo de valores inversos.

Neste universo de artefatos, artificios e inovações fantásticas da modernidade, precisamos encontrar um tempo para as delícias que podemos saborear. As palavras, as histórias, os conhecimentos. Que eles nos as-

sombrem, nos comovam, nos façam pensar onde habita nossa brasilidade. Como a reconhecemos, ou desconhecemos no nosso dia-a-dia apressado e cego onde por vezes corremos em labirintos espelhados atrás de nossos reflexos e sombras.

Talvez assim possamos responder que onde nada-mos há uma correnteza, sim, mas que nos empurra para frente e nos faz por vezes descansar.

**LÚCIA FIDALGO** Escritora, bibliotecária e contadora de histórias do grupo Morandubetá. Mestre em Educação, professora na Universidade Santa Úrsula e pesquisadora da Aleph-UFF. Entre seus livros estão **Sabendo ler o mundo**, **Pedro menino navegador** e **Menino Bom**.

### Referências Bibliográficas

- CASCUDO, Luis da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Ed. Global, 2004.
- FIDALGO, Lúcia. *Sabendo ler o mundo*. il. Luiz Maia. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.
- QUINTANA, Mário. *Sapato Furado*. São Paulo: Ed. Global, 2006.



Bicho Folharal, personagem do folclore nacional.  
Ilustração de Angela Lago.

# Juventude, violência e perspectiva

MARCELO FREIXO

A violência que atinge os grandes centros urbanos no Brasil atingiu uma situação de calamidade pública e nos desafia a uma permanente reflexão sobre suas causas e conseqüências. Aos educadores não cabe o simplismo da indignação ou a insensatez da banalidade. Temos a responsabilidade pedagógica de aprofundarmos este debate e, sem fugir de sua complexidade, desatarmos nós, desfazermos os preconceitos, reafirmarmos alternativas de combate à violência que não ampliem a exclusão social.

“O Rio de Janeiro não é uma cidade maravilhosa e sim um maravilhoso cenário para uma cidade”. A imagem do Rio está ligada ao que há de mais contraditório entre a beleza natural e o caos social, entre riqueza musical e o horror dos corpos espalhados pelas ruas, entre a sensualidade do samba e o abandono das favelas. O Rio de Janeiro será o foco de nossas reflexões, porém é importante destacar que a maioria esmagadora dos grandes centros urbanos do Brasil vive o mesmo drama. As cidades de Vitória e Recife, por exemplo, possuem índices de homicídios mais elevados que os da cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio possui mais de 650 favelas, onde vivem mais de um milhão de pessoas. Em praticamente todas as comunidades existe o tráfico de entorpecentes. Exceção feita a algumas favelas da Zona Oeste, onde o domínio é feito por grupos de extermínio. Mesmo sabendo que menos de 1% dos moradores de qualquer favela esteja envolvido com o tráfico, é no combate a este comércio de drogas que podemos ver focada toda a política de segurança do governo estadual. Neste cenário encontramos parte de nossas escolas, convivendo com o fascínio do poder breve e perverso do tráfico, com a violência insana que faz pobre matar esfarrapado em nome das grifes do medo ou facções criminosas, com a ausência do Estado e a presença de uma polícia que não representa segurança e, finalmente, com os co-



Divulgação





rações e as mentes de nossos alunos cada vez mais distantes das salas de aula. Seriam estes meninos que saem de nossas salas de aula e trocam livros por fuzis, os verdadeiros traficantes do Rio de Janeiro?

O comércio de entorpecentes é uma das atividades econômicas mais complexas e lucrativas do mundo capitalista atual. É uma “empresa” concentradora de renda, altamente lucrativa, que explora mão-de-obra barata e, portanto, totalmente adaptada ao mundo neoliberal. Outra característica curiosa é a forte alienação do trabalho que produz: seus funcionários não possuem a menor idéia do montante do lucro desta empresa. Esta mão-de-obra é formada por jovens, cada vez mais jovens, arruinados afetivamente, esvaziados de reconhecimento e visibilidade, sem qualquer perspectiva de um futuro breve, com baixíssimo nível de escolaridade, em sua maioria negros ou pardos e quase sempre moradores de favelas ou periferias.

Excluída de forma complexa e profunda, esta juventude enxerga na arma, na facção e no poder local todo sentido de vida e reconhecimento necessário. Por um lado, o desemprego estrutural dos nossos tempos, a desigualdade social e a péssima distribuição de renda e, por outro, o imaginário simbólico e coletivo, a exclusão geográfica e cultural produzindo, da mesma forma, um mapa complexo e desafiador da violência. Quando entramos nas favelas, observamos armas, drogas e miséria material e afetiva. O que chamamos de crime organizado é exatamente onde existe o menor grau de organização. É claro que as facções existem, se articulam com as prisões, possuem hierarquias e principalmente poder de fogo. Porém, a organização desta atividade criminosa não pode ser confundida com o crime organizado que existe por trás do tráfico de drogas e de armas. O enorme grau de violência e inseqüência destes garotos confunde-se, no senso comum, com o suposto grau de organização criminosa. É na guerra declarada contra estes “falcões” que se constrói todo discurso da segurança pública no Rio de Janeiro. Sendo assim, as favelas do Rio de Janeiro são duplamente vitimadas. De um lado, o tráfico cada vez mais

violento e opressor, e de outro, a ação discriminatória do Estado que só comparece nos morros com a polícia. Nestes lugares não existe Estado! A favela da Maré possui mais de 130 mil moradores e só duas escolas de ensino médio. Hospitais, creches, transportes e todos os setores básicos são precários. A ausência de direitos e do direito de ter direitos é acompanhada do processo de criminalização da pobreza.

Os setores pobres e favelados se tomaram a nova classe perigosa. Os comunistas, subversivos e “terroristas” deram lugar aos que sobraram de uma sociedade de mercado. A sociedade que se consolida no Brasil na década de noventa gera uma massa “inempregável” de subcidadãos. A sociedade do Estado mínimo cria a necessidade de um Estado máximo de controle social e repressão sobre os pobres. Por trás do discurso da segurança pública se esconde uma perversa relação de dominação de classe. A violência não atinge a todos da mesma forma. Em 2004, nos bairros de Copacabana e Leme foram registrados 17 homicídios, enquanto, no mesmo ano, em Rocha Miranda e Acari foram registrados 617 homicídios. Em sua esmagadora maioria estas vítimas eram jovens, pobres, negros e de baixa escolaridade. Vivemos o paradoxo de vermos as reais vítimas de nossa violência ganharem a imagem de nossos algozes. O Brasil é hoje o lugar com maior número de jovens mortos por arma de fogo no mundo.

Uma sociedade marcada pelo medo é também uma sociedade intolerante. O debate que se faz sobre a violência nos meios de comunicação é superficial, elitista e inconseqüente. Como educadores, temos a obrigação de construirmos uma pedagogia da resistência, na qual uma política de segurança pública inclusiva seja o eixo central do debate acerca da cidadania. A garantia de direitos tem que ser a linha de qualquer projeto pedagógico que deseje transformar com dignidade a vida desta juventude perdida. A maior ameaça que paira sobre as escolas não é a bala perdida que pode atingir a janela ou um de nossos alunos e sim toda uma juventude que vem perdendo a perspectiva, a liberdade e a própria vida.

**MARCELO FREIXO**  
Professor de História e pesquisador da ONG Justiça Global.



# Memória e História na construção da identidade brasileira

CLAUDIA CHIGRES

Dizem que brasileiro não tem memória. Dizem também que os brasileiros só se sentem pertencentes e orgulhosos de sua nação em copas do mundo e olimpíadas. Dizem ainda que ser brasileiro é isso ou aquilo, que a identidade do país precisa disso ou daquilo. Dizem e nós acreditamos. E o pior, repetimos. Mas sabemos do que estamos falando? Será que todos esses mitos de Brasil têm algum fundamento? Se o senso comum costuma acertar em determinadas situações, em outras, contudo, erra redondamente ao cristalizar uma imagem ou um conceito padrão, sem questioná-lo. E assim a imagem que fazemos de nós mesmos em relação ao nosso país acaba por justificar nossos atos e condutas. Mas já é hora de parar e pensar sobre o que realmente queremos dizer.

Se a história do Brasil data de 500 anos, só muito recentemente se começou a falar de memória. História e memória, apesar de parentes, costumam apresentar diferenças fundamentais. Enquanto a primeira é factual, ou seja, lida com acontecimentos, procurando reconstruí-los no tempo, a memória atua justamente no que se quer guardar ou esquecer com história. É a memória que seleciona, dentre os muitos eventos passados, aqueles que devem compor nosso imaginário, seja ele individual ou coletivo. De fato, cada vez que nos lembramos do passado, o reconstruímos com os olhos do presente, relatando aquilo que tem importância para o momento, sempre acompanhado de interpretações subjetivas. Isso não significa que modificamos o que aconteceu, mas que damos relevância a fatos distintos e os julgamos sempre com os olhos do agora. Construimos, e essa é a palavra-chave, uma representação de nosso passado através do acesso à memória.

Profundamente volátil, a memória está sempre em movimento, aberta aos mecanismos de esquecimento e lembrança, suscetível a manipulações e revitalizações, de

acordo com a sensibilidade do instante. Múltipla e multiplicável, a memória democratiza olhares, gestos, espaços, imagens e objetos. Essa relativização, a bem dizer, não se estende *ad infinitum*, apenas denota uma relação menos rígida com o passado. Ao invés de ser encarado como material bruto, objetivo e inocente, o passado, vivido pela voz do presente, comparece como expressão histórica de uma sociedade, constringida por suas necessidades e interesses.

Nem totalmente espontâneo, nem totalmente voluntário, esse processo de seleção e exame apresenta-se dinamicamente, sendo fundamental para a sobrevivência da identidade de um sujeito - individual ou coletivamente. No entanto, a construção de uma identidade requer um esforço constante de reflexão crítica, uma espécie de estranhamento em relação a nós mesmos e também aos outros. Por mais afetiva e comprometida que seja nossa memória, ao refazermos todo um processo de revisitação do passado encaramos a nós mesmos como um "outro" e, dessa forma, tecemos uma imagem que permite que nos coloquemos diante de nós mesmos. É essa condição de "alteridade" que nos dá um campo de referência, um parâmetro de julgamento.

Ao contrário, se cristalizamos uma determinada



Divulgação

imagem de nós mesmos enquanto sujeito, ao invocar a memória, ela funcionará apenas como espelho, sem dinamismo ou criatividade. Essa auto-referencialidade não oferece senão uma imagem banal de nós mesmos, apesar de aparentemente positiva. Uma das conseqüências desse modelo é o empobrecimento e a dificuldade de se criarem novas oportunidades de atualização.

Nesse sentido, cabe indagar como queremos construir nossa identidade. Que imagens significativas, que eventos, que símbolos usamos para nos representar? E será que nos sentimos realmente pertencentes a essa história, ou ela passou ao largo e apenas a decoramos nas salas de aula? Enfim, estamos satisfeitos com o que cumhamos como nossa representação?

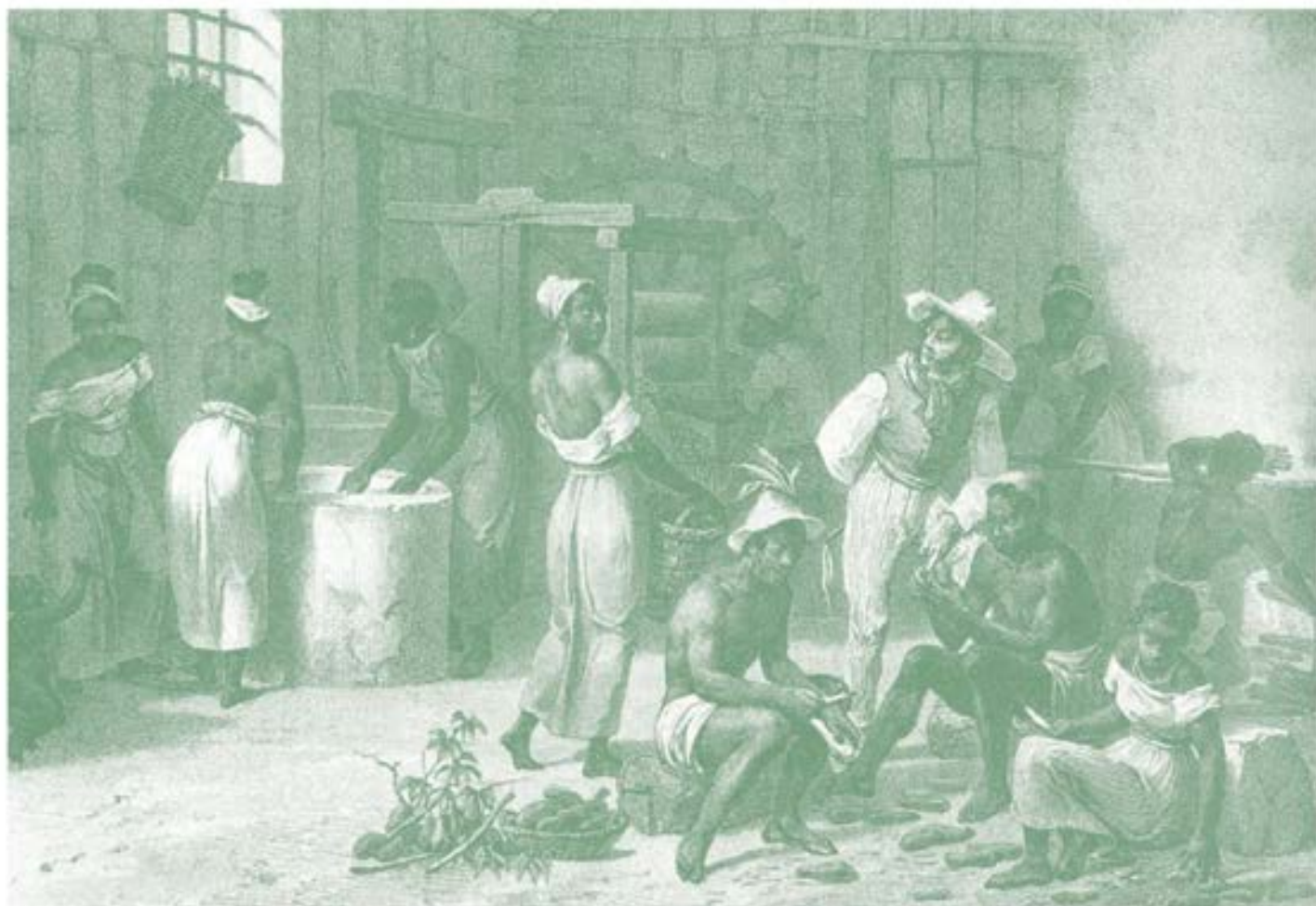
Para responder a essas perguntas, é preciso ter em mente que, muitas vezes, é comum o Estado fabricar imagens de nação, inventando símbolos - bandeira, hino nacional, por exemplo - com o intuito de criar um grande guarda-chuva político e tutelar. A história oficial passa a valer como memória, sufocando vozes por vezes discordantes. Do mesmo modo, a chamada identidade

nacional terá um protocolo a ser mais seguido do que propriamente vivido. Descolada, portanto, da memória, a história esvazia-se de graça e interesse.

A variedade cultural do Brasil não suporta uma identidade única, forjada para ser cartão postal. Somos tão plurais como as diversas memórias que carregamos, conferindo vitalidade e espontaneidade em todos os cantos do país. Quem disse que brasileiro não tem memória? Tem sim, e muitas. Talvez o que ocorra seja uma indisposição em relação a uma história oficial e mítica, da qual se sente apenas coadjuvante. Em contrapartida, desenvolvemos a todo instante a prática da metamorfose, adaptando e remodelando elementos culturais de acordo com nossa linguagem e referências.

Portanto, é a encenação plástica e cotidiana dessa experiência de ser e conviver com o múltiplo que pode, e deve, fazer com que sejamos, enfim, sujeitos de nossa própria história.

CLÁUDIA CHIGRES Doutora em Literatura Portuguesa pela PUC-Rio.



# João Goulart: personagem no teatro populista

ANNA LEE

Darcy Ribeiro conta um episódio em seu livro "Confissões" que remete ao jeito brasileiro de fazer política, dominante no país por muito tempo e que, se não perdura até hoje, continua a fazer parte do ideário popular. Trata-se do relato do sepultamento do ex-presidente João Goulart, deposto pelo golpe militar de 1964 e morto no exílio em 6 de dezembro de 1976.

Foi longa a negociação para que o corpo de Jango pudesse entrar no Brasil, vindo da estância de Mercedes, na Argentina. Os militares resistiram. Não havia permissão. Na aduana, na ponte de Uruguaiana, que separa um país do outro, seus amigos, aos berros, não se conformavam com o fato de ele não poder ser enterrado em São Borja, sua terra natal. Os trâmites foram demorados até que chegasse a autorização do presidente Ernesto Geisel, com a condição de que ele fosse tratado como qualquer um, ou seja, seu caixão deveria ser aberto e o cadáver examinado.

Com Darcy, que fora ministro da Educação e chefe da Casa Civil do governo Jango, ficaram as seguintes lembranças:

"Ali estava todo o povo de São Borja e numerosos políticos. Não me deixaram falar, temendo meus rompanetes. Tancredo falou. Fiquei recordando a tristeza de Jango, já não pela der-

rubada do governo, mas pela dureza da ditadura, que o impedia de voltar ao Brasil. Nisso estão todos mancomunados. 'Voltarei morto, com essa gente segurando a alça do meu caixão.' Afastado da multidão que cercava a sepultura, e cansado, me sentei num túmulo singelo de mármore que estava ali perto. Só depois reparei que era o túmulo de Getúlio. Os dois plantados ali, um do lado do outro."

Está aí o retrato do jeito brasileiro de fazer política. Getúlio e Jango, pai e filho no populismo, cada um a seu modo, os dois sacrificados em nome do povo. Os dois enterrados lado a lado. Não há como chegar a Jango sem passar por Getúlio.

O gaúcho de São Borja Getúlio Vargas assumiu o poder após comandar a Revolução de 1930, que derrubou o governo de Washington Luís.

Durante os 15 anos seguintes em que governou o país – parte deles com poderes ditatoriais – carregou a bandeira do nacionalismo e do populismo. Entre outros feitos, criou a Justiça do Trabalho, instituiu a CLT, fundou a Companhia Siderúrgica Nacional e a Vale do Rio Doce. Deposto em 1945, por conta de um golpe militar, isolou-se em sua fazenda de Itu (RS). Época em que Jango entrou em cena.

O jovem e rico estancieiro João Belchior Marques Goulart foi visitar o conterrâneo uma vez, outra, mais



Divulgação



Divulgação.

uma, até que as conversas entre os dois, regadas a chimarrão, tornaram-se habituais. Getúlio fez a cabeça de Jango e, em 1950, quando retornou à presidência, fez do pupilo seu Ministro do Trabalho. Ninguém melhor do que ele para conduzir sua política trabalhista. Personagem perfeito para o teatro populista do “pai dos pobres”.

Em 1956, Jango tornou-se vice-presidente de Juscelino Kubitschek. Getúlio se suicidara em 1954, num gesto político para enfrentar a forte oposição civil e militar que se formara contra ele. Em nome do povo, para evitar a luta armada, a guerra civil, saiu da vida para entrar na história e deixou a herança do populismo, que se prolongou na figura de JK e, em 1961, em Jânio Quadros, que também fez de Jango seu vice-presidente.

No mesmo ano de 1961, com a renúncia de Jânio, ele subiu ao poder, primeiro sob regime parlamentarista e, depois, sob o presidencialismo. Não tinha o carisma de seus antecessores e muito menos de seu pai político. Muitas vezes foi acusado de fraco e despreparado para o exercício do poder. Mas Getúlio o escolhera. E isso era muita coisa.

O suficiente para atirar a direita e as elites com sua adesão à classe trabalhadora. Queria garantir e regular o direito de greve e empreender a sindicalização dos trabalhadores rurais. Pretendia promover uma reforma agrária e também a reforma fiscal. E ainda congelar os aluguéis, reformar a educação, o sistema bancário, a administração pública, a previdência social e o sistema partidário. Medidas que, em última instância, abriam os caminhos para o socialismo no Brasil.

A tensão que gerou com isso atingiu seu auge no comício realiza-

do no dia 13 de março de 1964, na Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Jango, ao lado das forças representativas da esquerda do Brasil, falou ao povo e iniciou as primeiras reformas sociais e econômicas.

A partir daí, um golpe de Estado era esperado. Ele não temeu. Acreditava que havia uma organização das massas capaz de resistir. Só que, no momento do golpe militar de 1º de abril de 1964, quando se tentou convocar uma greve geral, notou-se que as organizações de base do partido comunista eram ineficazes em relação às massas. Quando alguns pequenos setores de esquerda do Exército tentaram armar o povo, não havia armas, não havia povo, todos tinham se dispersado. Antes disso, o próprio Jango havia hesitado. Fora o primeiro a recuar. Não queria derramamento de sangue.

De certa forma, agia como Getúlio que, para evitar a luta armada, optou pelo ato heróico do suicídio. Não há como negar que existe certo heroísmo no suicídio. A diferença é que Jango escolheu o caminho da morte lenta e gradual, num exílio que durou 12 anos e, muitas vezes, lhe rendeu a pecha de covarde. Uma outra forma de suicídio.

Ao povo ficou a ditadura militar que durou 21 anos e a muitos a ilusão de que o espírito coletivo capaz de transformar o Brasil, revelado na sua plenitude no comício de 13 de março e decepado pelo golpe do 1º de abril, jamais será restaurado inteiramente. Sem dúvida, é mais fácil continuar a esperar que pais políticos surjam no nosso teatro populista.

**ANNA LEE** Jornalista, foi repórter e colunista do jornal *Folha de S. Paulo*. Autora, em parceria com Carlos Heitor Cony, de *O beijo da morte*, vencedor do Prêmio Jabuti 2004, na categoria Reportagem e Biografia com menção honrosa.

# Receita de Mulher

## ANA CLÁUDIA MAIA

“As muito feias que me perdoem  
Mas beleza é fundamental.”<sup>1</sup>

Deu no **New York Times**: a garota de Ipanema precisa perder uns quilinhos. Bastou essa reportagem do polêmico jornalista norte-americano Larry Rohter para criar uma onda de indignação entre os brasileiros. Se antes ele se limitava a chamar nosso presidente de alcoólatra, agora ele fora longe demais questionando um dos ícones nacionais, a beleza da mulher brasileira.

Qual não foi o alívio ao se descobrir que as gordinhas retratadas na matéria com maiôs que nada lembram nossa celebrada moda praia eram na verdade... tchecas. A alma brasileira foi lavada em manchetes de jornais e revistas. Afinal, dizer que a mulher brasileira não é maravilhosa é como dizer que Pelé não é o melhor no futebol, ofende nosso orgulho nacional. Ainda mais perto do carnaval, quando afluem milhares de turistas ao Brasil atrás de beldades sambantes.

Mas a garota de Ipanema é a mulher brasileira? Antes de tudo, a porcentagem de mulheres que frequenta a estreita faixa do posto 9 de Ipanema não pode representar estatisticamente toda uma população feminina de aproximadamente 90 milhões de mulheres. Depois, seria de se esperar muito que este contingente se enquadrasse nos padrões estéticos das revistas masculinas.

Mas lógica à parte, para o brasileiro, a beleza da mulher brasileira é inquestionável, ainda que ele, como Cazuzu, não tenha ficado com a garota do Fantástico. Não é por outra razão que todo astro internacional em visita ao país recebe “na lata” a indefectível pergunta dos jornalistas tupiniquins: O que você achou da mu-

lher brasileira? Claro que já esperando a resposta: *Oh, so beautiful!* Porque caso contrário, o incauto *pop star* vai receber um bombardeio de injúrias semelhantes ao do nosso amigo jornalista Rohter. E como ele, ter sua masculinidade questionada em marchinhas de carnaval. Afinal, até hoje o brasileiro não se conforma com as duas polegadas que tiraram da típica baiana loira de olhos azuis o título da mais bela do mundo, há cinquenta anos.

Mas quem é a mulher brasileira? A resposta imediata e equivocada seria: a que nasce em solo brasileiro. Mas para se considerar uma mulher brasileira compatível com o ideal nacional é necessário mais do que um local geográfico e um par de cromossomos X. E, talvez, por isso, a brasileira sempre esteja no alto das listas mundiais encomendadas por indústrias de cosméticos sobre os índices de gastos, preocupação e insatisfação com a aparência. Ser brasileira implica um treinamento e um investimento que começam muito cedo ainda, na infância.

Não podemos culpar o poetinha Vinícius de Moraes, mas ao que parece, esta louvação e obrigação com a beleza contaminou o Brasil e o Mundo com **Garota de Ipanema** e sua **Receita de Mulher**. Depois delas, a mulher de verdade deixou de ser Amélia e passou a ter muita vaidade, além de um corpo escultural. “Ah, deixai-me dizer-vos/Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro/ Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e/Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem/Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo”.<sup>2</sup>

Pelo que a ciência demonstrou até hoje não há nenhuma determinação genética ou evolutiva que faça com que os ossos, articulações e músculos das brasileiras a



predisponham a ter “o doce balanço a caminho do mar”, além de uma acentuada lordose.

Ao que tudo indica, esta é uma construção recente, assim como o futebol (lembramos que a nossa primeira Copa foi em 1950, marcada por outro traumático 2º lugar de um país novo e heterogêneo que procura uma unidade que o diferencie dos outros povos). Mais uma vez tentamos construir nossos ídolos, tão necessários a uma compensação que nos dê tranquilidade. Podemos não ser ricos, ter uma renda *per capita* alta e nem condições de vida decente para a maioria da população, mas “nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores, nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores”, além de nosso futebol ter mais arte (ou tinha).

Mas como unificar a beleza de uma mulher em um país multirracial que admite todos os tons de pele, texturas de cabelos, cor de olhos, estaturas? A saída é unificar não características objetivas, mas subjetivas como, beleza, sensualidade, malemolência, ritmo e graça



(o bumbum é característica física, já que nosso sangue negro predisps a uma acentuada zona calipígia grande parte da população, mas mesmo as desprovidas desse atributo aprendem, com a postura, a valorizar a região).

Assim as diferenças estéticas são celebradas, o importante é a “alma” como canta o Paralamas do Sucesso em **Lourinha Bombril**:

“Pára e repara  
Olha como ela samba  
Olha como ela brilha  
Olha que maravilha

Essa crioula tem o olho azul  
Essa lourinha tem cabelo bombril  
Aquela índia tem sotaque do sul  
Essa mulata é da cor o Brasil

A cozinheira tá falando alemão  
A princesinha tá falando no pé  
A italiana cozinhando feijão  
A americana se encantou com o Pelé”

A música celebra a miscigenação e diversidade de raças no Brasil, e mesmo expressões teoricamente racistas (crioula, bombril), aqui são vistas como adjetivos de beleza. O elemento híbrido está presente o tempo todo, ele se torna a cor do Brasil. Mas a negra de olhos azuis, a lourinha de cabelo sarará, a mulata e a princesinha carioca têm todas em comum a primeira estrofe. São belas, graciosas e versadas na arte de sambar.

É indiscutível que qualquer menininha de cinco anos consegue impressionar uma bailarina do Bolshoi e seus anos de rígida disciplina com a desenvoltura com



que realiza os movimentos sinuosos do último sucesso do verão, seja “tcham”, “pocotó” ou “glamurosa”. É indiscutível também que nossas meninhas desde cedo cultivam uma preferência por shortinhos e botinhas, mas com certeza isso é muito mais fruto da grande exposição a essa imagem de mulher do que aos hormônios contidos no frango.

Não é o caso fácil de demonizar a mídia pela aceleração da sexualidade de nossas meninas, pois isso já se tornou cultura nesta ficção real que é a sensualidade da mulher brasileira. “Nos sistemas culturais midiáticos de sociedades modernas, pode assim esmaecer, simplesmente se tornar irrelevante, ou até desaparecer, a linha de demarcação que separa com rigor fatos de ficções”<sup>3</sup>. Toda cariocinha aprende desde cedo o ritual coreográfico que implica um simples mergulho, não esquecendo o fecho que é jogar e secar os cabelos ao sol. A menina aprende que isso é ser feminina.

No Brasil o conceito de feminino muitas vezes passa mais pela sensualidade e vaidade pagãs do que pelas tão faladas delicadeza e bondade cristãs. Fomos a colô-

nia portuguesa com poucas mulheres européias e repleta de índias e africanas, e já que não existia pecado do lado de baixo do Equador... Não nos esqueçamos de que nossa primeira heroína literária, apesar de caráter moldado aos padrões de damas européias, era a bela virgem dos lábios de mel, Iracema.

Não deixa de ser curioso que hoje uma das questões que tanto preocupa o governo e as campanhas publicitárias sejam o turismo sexual e a prostituição infantil. Contraditoriamente nos aflige a compra de uma imagem que fazemos questão de vender e acreditar, pois “os indivíduos transformam ficções sociais constantemente em fatos e os vivem como tais, sem que o senso comum sequer desconfie desta situação”<sup>4</sup>.

A beleza feminina brasileira, estando ela nas ruas ou no imaginário, faz parte da nossa identidade, já que, como diz Stuart Hall, os conceitos de identidade são criados pelo discurso e legitimados por contextos culturais.

Continuando com Hall, ele fala da crise de identidade por que passa o

lher brasileira, que já foi Iracema e Gabriela, hoje é representada orgulhosamente por um time de moças que circula pela maior expressão do que é querer se diferenciar pela homogeneização: a moda.

“É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos

Despontem, sobretudo a rótula no cruzar das pernas, e as pontas pélvicas

No enlaçar de uma cintura semovente.

Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma mulher sem saboneteiras

É como um rio sem pontes. Indispensável.”<sup>6</sup>

E seguimos procurando acertar a pronúncia dos sobrenomes de nossas Giseles, Letícias, Anas Cláudias, Shirleys e Alessandras, algumas típicas representantes da beleza brasileira no panorama *fashion* mundial: Būdchen, Birkenhauer, Michels, Mallman e D’Ambrósio.

Elas podem não ter os traços de Iracema ou o cheiro de cravo e canela,

mundo globalizado: “uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade - se antes, estas identidades eram sólidas localizações nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade”<sup>5</sup>. E essa crise passa pela mulher também, que, se antes se encaixava como mãe, prostituta ou feminista, hoje tem que ser um mix de tudo: trabalhar, ter uma família, ser culta, inteligente e ainda por cima gostosa. Esta é a nova receita de mulher, ser tudo ao mesmo tempo agora e, na impossibilidade dessa realização, pelo menos consumir produtos que simbolizem esta imagem.

Se a globalização trouxe uma tendência à homogeneização cultural, também trouxe uma necessidade maior de se acreditar nas nossas ficções reais. E aí, a mu-

mas representam a imagem híbrida da nova brasileira que se internacionalizou. E todas são garotas de Ipanema que vêm e que passam no doce balanço a caminho do mar ou das passarelas.

ANA CLÁUDIA MAIA Jornalista com especialização em Literatura Brasileira

### Referências Bibliográficas

1. Receita de mulher, de Vinícius de Moraes.
2. Idem
3. OLINTO, Heidrun Krieger, in *Literatura/cultura/ficções reais*. Pág. 81
4. OLINTO, Heidrun Krieger, in *Literatura/cultura/ficções reais*. Pág. 83.
5. HALL, Stuart., in *Identidade Cultural na pós-modernidade*.
6. Receita de mulher, de Vinícius de Moraes.



# Não, a natureza não é uma beleza

BIA HETZEL

Todo jovem naturalista um dia se dá conta de que aquele sentimento mágico, o amor ao mundo natural, ao paraíso perdido da natureza intocada, aquele entusiasmo que o levou um dia a “virar as costas” para o mundo civilizado e se embrenhar pelas entranhas da mãe natureza era uma grande e perigosa ilusão.

“A natureza é uma beleza.” Bem me lembro de alguns episódios em que essa frase (quem foi, meu Deus, que me ensinou essa cretinice!) ficava martelando na minha cabeça enquanto toda a força de meus instintos animais, toda a energia de meu cérebro humano, todos os hormônios, todo o impulso de meus músculos lutava para enfrentar um imprevisto obstáculo, um tremendo desafio imposto pelas leis da ecologia aos meus devaneios pagãos.

Como naquela vez em que uma trinca de jovens ingênuos resolveu ver até onde dava para se aproximar

de um filhote de baleia-jubarte, de zodiaco (aquele pequeno bote inflável cor de laranja que a gente usa para deslizar sobre o oceano e quicar sobre as ondas destruindo a coluna e outras partes mais pudicas do corpo). E o filhote ficou encantado com aquela novidade que se aproximava, e resolveu ele próprio dar uma olhada mais de perto na gente, e a mãe dele não gostou do perigo barulhento da nossa hélice, e veio atrás, e atrás dela cinco machos furiosos por ter de interromper o combate sanguinolento pela fêmea para perseguir a desatenta, que perseguia o filhote, que tinha resolvido brincar de pega com a coisa cor de abóbora.

Ou naquela outra vez em que resolvemos buscar “testemunhos arqueológicos” da caça às baleias em uma deslumbrante ponta de terra do sul da Bahia, coberta de palmeiras, com cavalinhos brancos passeando entre as sombras. E, de repente, a maré subiu (de repente para

nós, que pensávamos em outra coisa, porque todos sabem que a maré é de uma pontualidade britânica) e o istmo que nos levara até ali desapareceu, a ponta de terra se transformou em ilha alagada. E enquanto a gente se dava conta de que não tinha levado água nem comida para a “saída de campo”, que pelo jeito iria durar muitas horas, a bem-aventurada mente do guia “nativo” lembrava-se a tempo de nos informar que o local era infestado de serpentes, venenosíssimas, muito afeitas a nadar na maré cheia.

Em uma frase apenas: alguém já experimentou entrar no mangue – berçário da vida marinha, santo graal dos biólogos – às cinco horas da tarde?

Aparentemente, o homem é o único animal capaz de criar um universo imaginário, simbólico, capaz de recriar o mundo ao seu redor. E, se essa é, por um lado, a nossa vantagem competitiva sobre os demais, a vantagem que nos faz imaginar que dominamos o planeta, por outro é essa também a nossa sina, a truculenta armadilha que ameaça exterminar com toda a nossa curiosa espécie. Somos reféns dos símbolos que criamos e, em certas horas, meu amigo, não tem Freud, Jung, Lacan ou qualquer outro gênio da lâmpada capaz de desfazer o *imbroglio* em que nos enfiamos.

Um terrível exemplo disso foram os efeitos da tsunami que chegou no dia seguinte ao Natal de 2004 sobre as praias paradisíacas do oceano Índico, pulverizan-

do mais de 200 mil pessoas. Turistas de todo o mundo, que viajaram para os confins do planeta, em busca do paraíso perdido. Lá chegados, provavelmente pousaram suas cadeiras de frente para o sol (o mesmo astro que brilha em qualquer lugar do planeta). Enquanto os marmanjos pediam aos garçons dos *resorts* para lhes servirem drinques, revistas e jornais, as mulheres dedicavam-se a bronzear seus corpos – sonhando em destruir também com aquela luz mágica do Sri Lanka todas as rugas, as celulites e as frustrações que vagavam por suas mentes – e as crianças brincavam distraídas ali por perto, em algum parque temático. De repente (e já sabemos que do ponto de vista da natureza esse repente é sempre duvidoso, não é mesmo?), o mar recuou, recuou, recuou por quilômetros. Minha vida de convivência com a maré e meus instintos custam a acreditar. Não que isso tenha ocorrido, mas que quase nenhum ser humano ali presente tenha se dado conta do perigo! Meu Deus, qualquer surfista, qualquer pescador, qualquer rato de praia sabe que quanto mais violentamente o mar recua com igual força ele retorna. E teve gente tão alienada que resolveu andar mar-terra adentro para dar uma espiada no estranho fenômeno. Lembro que quando a notícia aterradora se espalhou com a velocidade da luz pelos fios óticos, pelas ondas de rádio, pelos satélites que nos ligaram em uma aldeia global, duas perguntas ficaram martelando na minha cabeça: 1) 200



mil pessoas, 200 mil almas evaporaram-se em minutos, e do outro lado do mundo, aqui no Brasil, todo mundo dormiu em paz, tudo continuou igualzinho? 2) e os maravilhosos parques nacionais, e os bichos? Quantos bichos morreram também? As respostas para as minhas mais profundas indagações foram bem simples: 1) Sim, tudo continua igual por aqui. 2) Nenhum. Todos os animais se safaram a tempo.

Duzentas mil pessoas morreram por estarem alienadas do mundo natural. Seus corpos estavam ali, mas suas mentes estavam ligadas em outros mundos, em mundos simbólicos, em mundos cuidadosamente construídos pela civilização para protegê-los de tudo o que é desagradável ou ruim, para protegê-los dos imprevistos e da morte.

Desculpe, leitor, eu sei que não é muito educado ou agradável lembrar, mas todos nós vamos morrer um dia. Minha pouca experiência de vida me faz insistir em dizer que é muito bom manter isso em mente. Ajuda a evitar a armadilha da alienação máxima.

Assim como é bom lembrar que a natureza não é uma beleza. Logo você, Hetzel, dirão os debochados de plantão, virou-casaca? Mudou de idéia? Não. Muito pelo contrário. No momento em que o "Leia Brasil" me convida a escrever sobre a relação entre os brasileiros e a natureza, nessa hora em que a miséria e a ignorância de muitos e a leviandade e cretinice de poucos destroem a passos largos a vida que existe a mais em nossos bosques, os amores maiores que germinam no seio de nossas terras, toda a força de meus instintos animais, toda a energia de meu cérebro humano, todos os hormônios, todo o impulso de meus músculos me impelem a uma fala: Lembrar que o mundo natural tem, sim, aspectos e momentos de rara beleza, assim como o mundo artificial também os tem. Mas o que de fato importa, meu amigo leitor, é que fiquemos mais "ligados" naquilo que é real e mais "espertos" para o que é simbólico.

**BIA HETZEL** Escritora, editora e fotógrafa. Autora de *Mati & Rita: a orca e a caiçara*, *O menino e o tempo*, *O porco*, entre outros.

# Espelhos da alma brasileira

SUELI DE OLIVEIRA ROCHA

**Espelho d' água: uma viagem no rio São Francisco** (longa-metragem de Marcus Vinicius Cezar, lançado em 2004; também disponível em DVD) num jogo de identidade e alteridade, revela histórias e personagens que, analisadas em sua essência, fazem parte de um grande mosaico que compõe o que pode ser chamado de brasilidade.

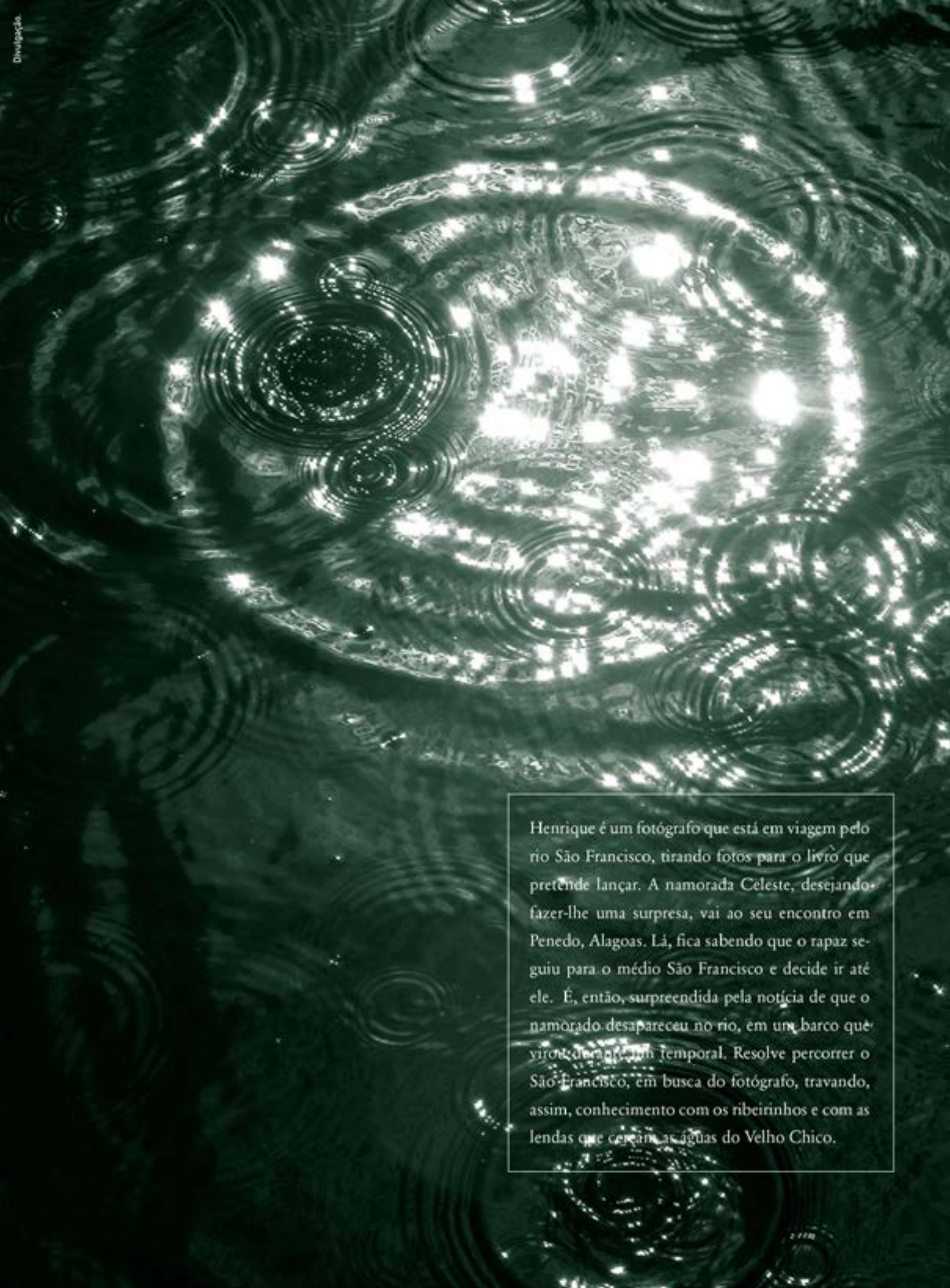
O filme começa com **Juazeiro**, música de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Ouve-se apenas o som, mas quem conhece a letra, ao relembra-la ("Juazeiro, Juazeiro/ me arresponda, por favor, / Juazeiro, Juazeiro/ onde anda o meu amor"), já consegue duas importantes pistas sobre o que vem depois: o universo das variantes da norma padrão da língua portuguesa, sugerida no uso da forma verbal *arresponda*, que não encontra vez nos escritórios acarpetados das grandes metrópoles; e a jornada de Celeste que, à procura do namorado desaparecido nas águas do Velho Chico, entra em contato com lendas e ritos que desvendam um Brasil que poucos conhecem.

Desde o início, **Espelho d' água** remete o espectador a um ambiente em que a relação homem/natureza é muito forte: a canoa Sidó repete, como se quisesse reter, em sua memória cansada, histórias de um mundo que aos poucos vai se extinguindo pela ação predatória do homem: "carauá, caviúna, araticum, araribá, braúna, curimatã, pequi, mandi branco, sussuaruna, buriti, pacamão, piranha, ingá, jatobá ... jatobá..." Enquanto as personagens esperam a vez de entrar em cena, a velha canoa já anuncia que ela e o rio conduzirão os fios da narrativa, como guardiões das histórias que fazem parte da tradição oral. É, portanto, pela voz de Sidó que o espectador entra na história: "Vixe, que esse meu rio é um mundo cheio de história bonita pra contá... história bonita que só a vida, que é também passageira, por isso vou contá só um tiquinho. Eu sempre ouvi e contei muita história, até que um dia topei num canto qualquer desse rio e uma coisa diferente aconteceu." O diferente foi a

profunda ligação entre a canoa e o menino Abel, que com ela aprendeu o ofício de remeiro e nunca mais a largou. "Eu até que gostei e fiquei lá contando um punhado de histórias pra ele. E a vida foi passando e o menino ficou moço e o moço ficou velho, mas não tão velho quanto eu, que além de velha já estou é cansada... Mas ele não me deixa! Ô Abel, larga mão disso. Deixe as coisa passá, menino, deixe. Porque o tempo já corre depressa demais e agora é a tua vez de ficar aí contando histórias para quem vem depois. De Bicho d' Água, Curupira, Pé de Garrafa... é tanta coisa... tanta coisa..."

E assim, desde o início do filme, Sidó assume a função de contadora das histórias que se passam no rio e que têm como personagens os ribeirinhos e os seres encantados que habitam esse espaço. Como contadora de histórias da tradição oral, ela sabe que esses tesouros não podem morrer e, por isso, precisam ser transmitidos de geração a geração. Ela os contou a Abel, que deve repassá-los à geração seguinte – função cumprida pelo menino Tonho. É como se a velha canoa desse ao remeiro, na missão a ser cumprida, um objetivo para continuar vivendo, quando ela deixar de existir. São muitas as histórias do rio: "Dia vermelho na folhinha é dia de cuidar da alma. (...) Já disse que barco não sai em dia santo, dona. E quem se atreve não volta". "É bom, é bom ter um fumo pra dar pra ele. Seja qual qualidade for, fazendo esse agrado ele fica amigo. – De que vocês estavam falando, seu Abel? – Encanto, moça. Encanto das água! Bicho d' Água! A senhora já ouviu falar?" (...) "E meia-noite o rio pára. As água, os peixe, os bicho e até o ar. E quem se atreve encontra com aqueles que se afogaram e estão aí embaixo." É, são muitas as histórias do rio. Abel pode salvar-se da solidão da mesma forma como Sherazade salvou-se da morte: contando histórias.

Essas histórias escapam das lentes do fotógrafo Henrique, que, aliás, captam apenas a beleza da paisagem, o "espelho d'água". Saint Exupéry afirmou uma vez que



Henrique é um fotógrafo que está em viagem pelo rio São Francisco, tirando fotos para o livro que pretende lançar. A namorada Celeste, desejando fazer-lhe uma surpresa, vai ao seu encontro em Penedo, Alagoas. Lá, fica sabendo que o rapaz seguiu para o médio São Francisco e decide ir até ele. É, então, surpreendida pela notícia de que o namorado desapareceu no rio, em um barco que virou durante um temporal. Resolve percorrer o São Francisco, em busca do fotógrafo, travando, assim, conhecimento com os ribeirinhos e com as lendas que cercam as águas do Velho Chico.

“O essencial é invisível aos olhos. Só se vê bem com o coração.” Pois bem: quem vê com o coração é quem vive do São Francisco, como Candelário, líder ribeirinho, que denuncia a iminente morte do rio, vítima de aproveitadores que desejam fazer dinheiro fácil – incluindo nesse rol o fotógrafo. “Nas tuas fotos o rio tá sempre bonito, brilhando, parecendo diamante... mas por baixo do espelho d’ água ele está morrendo e ninguém faz nada! Nem o senhor! (...) Sabe o que eu acho? Vai tirando bastante retrato, porque daqui a pouco é bem capaz de não ter mais esse rio para alegrar a vida da gente e nem pra encher o bolso de ninguém.” Candelário é a resistência, é a voz dos que não se conformam em assistir à lenta morte do rio, minado por barreiras clandestinas, barragens e mesmo pela ignorância dos que vivem dele mas contribuem para destruí-lo, jogando em suas águas o lixo doméstico e entulhos, assim matando os peixes e o rio. Apropriadamente o líder se chama Candelário, nome que vem de Candelária – a Festa da Purificação da Virgem Maria, comemorada em 02 de fevereiro, é também chamada Festa das Candeias –, que, por sua vez, vem do latim *candela*, vela de sebo ou de cera, da mesma família de *candelabro*, grande castiçal com vários pontos de luz. Candelário é o que tem a luz. E, por isso, instala a dúvida na mente de Henrique, que passa a enxergar o próprio trabalho com outros olhos. “Desde que o Candelário brigou comigo só faço questionar o meu trabalho.” (...) “No meu livro o rio está lindo e está tudo certo com ele (...) não quero me sentir leviano com o problema dos outros”. Como luz de vela, entretanto, a chama de Candelário logo se apaga. Sua morte é envolta em mistério, como a de tantos que lutam para desvendar os olhos dos que não são capazes de ver um palmo além do nariz.

Se as fotos de Henrique não vão além do espelho d’água, Celeste, entretanto, vê-se na contingência de mergulhar nas águas e nas histórias do rio São Francisco. Assim que chega a Penedo, em Alagoas, ajuda a fazer um parto no qual se misturam medicina popular, rezas e simpatias. Em sua jornada em busca de Henrique, pára em diversos lugares às margens do rio, anda de canoa, lancha, caminhão. Conhece tipos como o alegre Zé da Caranca, invencível nos desafios, assiste a teatro de bonecos, bebe cachaça, participa de festa religiosa, acompanha procissão e enterro. Aprende que, mesmo não acreditando, se quiser conseguir alguma coisa, tem que respeitar as crenças e costumes locais. “– Agora nós vamos

ter que acompanhar esse enterro. – Não, mas espera aí, seu Abel. Eu não posso acompanhar esse enterro. Eu só estou aqui para saber notícias do Henrique. Só isso. – E eu num sei? Mas a dona Almerinda está indo interrá o morto e nós temos que ir atrás dela. – E o senhor conhece o morto? – Nunca vi. Mas se todo mundo canta junto os bendito e as rezas, ajuda a salvar a alma do pobre coitado.” O remeiro Abel pacientemente inicia a moça nesse mundo diferente do seu: “Calma, dona Celeste, é assim mesmo. É que o defunto tá muito pesado. Ele não quer atravessar a divisa e nem largá mão das terra dele. Por isso estão dando uma surra nele. Agora, se o sujeito já morreu, tem que desapegá das coisa da vida, é ou não é?”

Abel e Penha representam na trama as credices e a sabedoria popular que não precisam de escolas para serem transmitidas e se constituírem como patrimônio cultural de um povo ou região. A escola do menino Tonho é o rio, onde ele aprende com Abel e sua canoa as lições das águas: “– Mas bicho d’ água existe mesmo, seu Abel? – Então não existe, Tonho? Esse rio mesmo tá cheio deles. – Candelário disse que se o bicho existisse mesmo, tinha que ter retrato. – Deus também existe e nunca ninguém tirou retrato dele”. O banco escolar do menino é um velho tronco de árvore caído, onde o garoto aprende com a avó as lições da natureza: “– E olhe, Tonho, não é nada de feitiçaria nem magia, não. Eu acho que você já está na idade de saber essas coisas. Venha cá. (Penha senta no tronco da árvore com o neto.) Na vida, nesse mundo, tudo fala com a gente; os pássaros, as árvores, os santos... E você precisa aprender uma vozinha que mora lá dentro, pra poder entender o que é que tá se passando. Às vezes a gente é que nem o rio; se atira no mar pra ganhar o mundo. Dia após dia. – Abel me disse que as águas do rio é que nem as horas, quando passa nunca mais volta. – É verdade. Mas não é só as águas do rio que passa e nunca mais volta. Eu já vi tanta coisa em minha vida passar e nunca mais voltar... – O que, hein, vó? Os vapor, as cheias, os ajoujo, os pacote, os mandi-branco, capadim, niquim, boca-frita, capivara, caipora, gritador, pisadeira...” E esse saber, passado de Penha para Tonho, não precisa ser “decorado” no sentido escolar do termo; ele cala fundo no coração do neto porque transmitido com amor pelo coração da avó. É o saber que vem de *cor-cordis*, coração, em latim.

Há em Penha um sincretismo religioso muito próprio do brasileiro: ela tem premonições como quando presente que alguma coisa de ruim acontecerá com Hen-



rique. Procura afastar as visões com promessas: “– Eu quero o favor do senhor jogar essa cabaça no rio. Eu preciso que ela chegue em Bom Jesus da Lapa. – Promessa, Penha? – Não posso ir pagar porque a criança já tá pra nascer. Quando a gente não vai, a gente manda a cabaça que o santo entende.” Quando sabe que Henrique sumiu no barco que virou no São Francisco, reza a São José, em prece devota, pedindo proteção ao fotógrafo; ao mesmo tempo, excomunga um besouro, emissário do demo, exclamando: “Vixe! Vai-te para quem te mandou. Dize que não me encontre. Eu te arrenego, abrenuncio, cruz canhoto!” Antes do naufrágio, ainda em Januária (MG), atendendo ao pedido de Penha, Henrique colocara no rio a cabaça oferecida ao santo como pagamento da promessa. Ao sabor das águas do Velho Chico, a oferenda chega a Bom Jesus da Lapa (BA), onde é reco-

lhida por um canoeiro, que a leva até o santuário. O santo, entendendo os motivos de Penha para não ir à festa de Bom Jesus, atende aos seus pedidos, tanto é que Henrique se salva.

Penha representa aquela parcela do povo brasileiro que é cercada de superstições e religiosidade, de costumes e tradições que se vinculam a práticas milenares como, por exemplo, as que envolvem o mistério e o milagre do nascimento: a mulher que canta em louvor a São José enquanto lava roupa nas águas do rio só podia ser parteira. Trazendo consigo um costume que certamente atravessou séculos, enquanto faz o parto da filha, para aliviar-lhe as dores, coloca sobre a barriga da moça as meias do pai da criança, cheias de folhas de aruda. Penha é o Brasil que reza fervorosamente aos pés da cruz, mas bate com o nó dos dedos na madeira para espantar o azar; que num bolso carrega uma oração a São Judas e no outro um amuleto ou um dente de alho; o Brasil de Iansã e Santa Bárbara, de Iemanjá e Nossa Senhora, de Ogum e São Jorge. Durante o parto de Ana, a diferenças entre Celeste e Penha se acentuam: Celeste, a moça da cidade grande, com conhecimentos adquiridos na educação formal, sem discutir obedece às ordens daquela mulher simples cuja fala denuncia um saber sem escolas. Penha é a mulher prática, que fala “errado” mas age com desenvoltura e eficiência enquanto ajuda a vida a acontecer. Ela se fortalece no conhecimento adquirido na vivência

e nos saberes do povo, transmitido de uma geração a outra. Em Celeste e Penha fragmentos distintos do Brasil se contrapõem: o da educação formal, acadêmica, e o da sabedoria popular. Essa mesma dicotomia se dá entre o fotógrafo Henrique e o remeiro Abel. Penha e Abel mostram um Brasil de pé no chão ou de sandália rústica de pescador, um Brasil que não frequenta os shopping centers, a avenida Paulista ou o Leblon. Celeste, por exemplo, logo percebe que tudo o que aprendeu de nada lhe vale na sua jornada pelo rio São Francisco. Ela tem que aprender com “mestre” Abel as lições da natureza, onde não adianta ter a pressa das grandes metrópoles: “– Às vezes eu tenho a impressão de que aqui o tempo é muito maior. – É, às vezes muito é muito pouco, né, dona Celeste? (...) Tem mais estranheza no mundo, dona Celeste, do que estrela no céu.”

**Espelho d' Água** revela uma diversidade lingüística que coloca lado a lado a variante padrão da língua portuguesa, falada pelo fotógrafo e a namorada, e outras variantes consideradas de menor prestígio social, faladas pelas pessoas simples que vivem às margens do rio. Assim, a aplicação ou não das regras de concordância nominal depende de quem seja o emissor da comunicação (*as águas* concorrendo com *as água*, por exemplo). O regionalismo por vezes causa estranheza em Celeste, zona sul carioca: “– Daqui a pouco vou acabar meu trabalho e você não vai conhecer a boniteza desse lugar. – Olha só! Já está falando igual aos ribeirinhos, é?” Ou ainda a leva a fazer interpretações equivocadas: “– Café com doce ou sem doce, dona? – Obrigada, não quero comer nada. – Ele tá perguntando se a senhora quer açúcar.” Embora Abel, Penha, Zé da Carranca e outros mais sejam modelares para lembrar ao público que nem todos os brasileiros têm acesso à variante prestigiada na língua portuguesa, ou seja, à norma culta, eles são modelares também para lembrar que as palavras existem nas situações nas quais são usadas: como competentes falantes da língua, comunicam-se com desenvoltura e transmitem um saber e uma experiência de vida reveladores de que as variações lingüísticas não são espelho de “falta de cultura” ou ignorância. Como no poema de Oswald de Andrade, “Vício na fala”: “Para dizerem milho dizem mio / Para melhor dizem mio / Para pior pio / Para telha teia / Para telhado teiado/ E vão fazendo telhados.” Os “teiado” construídos por Zé da Carranca, Penha e Abel protegem a cultura popular.

**Espelho d' água** mostra a diversidade e a complexidade da cultura brasileira, com histórias e falares próprios, decorrentes das diferentes experiências que caracterizam seres sociais e históricos. Valorizar a riqueza dessas histórias e superar a visão preconceituosa que distingue as pessoas pelo seu modo de falar é tarefa social que começa na escola.

No filme, que recebeu o patrocínio da Petrobras, por meio de seleção extraordinária 2003 para projetos de longa metragem, merecem destaque os efeitos sonoros das cenas que se passam no rodeador, além das interpretações de Francisco Carvalho (Abel), Regina Dourado (Penha) e Chica Carelli, fazendo a voz da canoa Sidó, a consciência do rio. Fábio Assunção, na pele de Henrique, com cabelo cortado rente à cabeça e barba por fazer, perde seu ar global de mocinho bonito. O negro Candelário poderia ter tido um papel de maior expres-

são, tornando mais forte uma crítica que é apenas anunciada. Pela voz do líder ribeirinho, os problemas do São Francisco poderiam ter sido revolvidos, deixando exposto o contraste entre a dramática situação em que se encontra o rio da unidade nacional e a riqueza de suas lendas e credices. Entretanto, infelizmente, na crítica à ausência de políticas para a preservação do Velho Chico, o filme fica apenas na superfície, no espelho d' água.

**Espelho d'água: uma viagem no rio São Francisco** revela a foto de cartão postal, mas deixa entrever o bastidor, o que está por trás. Mostra um pedaço do Brasil que o brasileiro desconhece. É preciso procurar em que espelho d' água ficou a perda essa face, pois como cantou Fernando Pessoa em *Eros e Psiqué* identidade e alteridade são dois lados da mesma moeda: “E, inda tonto do que houvera, / À cabeça, em maresia, / Ergue a mão, / e encontra hera, E vê que ele mesmo era / A Princesa que dormia.”

#### Sugestões de atividades com alunos

O filme é excelente para o desenvolvimento de atividades em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Informativo do INEP/MEC nº 138/06 apresenta os dados coletados pelo Censo Escolar da Educação Básica 2005 com relação aos cursos de EJA, na forma presencial. Segundo esses dados, a soma dos alunos que se consideram pardos com a dos que se julgam negros totaliza 53,5%, enquanto os brancos representam quase 25%. Embora a faixa etária predominante seja a que vai dos 18 aos 24 anos, com 925.091 matriculados, as matrículas dos que têm de 30 anos em diante somam 1.366.781, indicando uma população que tem um saber acumulado, construído nas relações de família, de vizinhança, de amizade, de trabalho, enfim, nas práticas sociais, e que precisa ser respeitado na cultura escolar. O filme poderá ser o ponto de partida para o professor valorizar esses saberes, trabalhando com os alunos a questão da memória e da identidade.

O professor poderá passar todo o filme e posteriormente abrir espaço para discussão. Ou passar o filme aos poucos, parando-o nos pontos que julgar mais significativos para um debate. Dentre as várias as possibilidades de trabalho com **Espelho d' água - uma viagem no São Francisco**, algumas foram selecionadas. Evidentemente, dentre essas, o professor fará também suas escolhas, de tal modo que o aluno não perca a essência do filme,





que propicia o conhecimento e a fruição de um pedaço bastante significativo do grande mosaico de costumes, lendas e linguagens chamado Brasil.

### 1- Título do filme

Antes de passar o filme, o professor poderá discutir o significado de “espelho d’ água”, escrevendo a expressão na lousa, perguntando se os alunos sabem o que ela significa e remetendo-os a uma consulta ao dicionário, se for o caso. Poderá ainda apresentar ilustrações que ajudem a compreender a expressão. Ao final do filme, será conveniente que o professor problematize o emprego de “espelho d’ água” no título do filme, solicitando aos alunos que fundamentem seu uso, com base na narrativa.

O professor também poderá discutir com os alunos por que o subtítulo é “uma viagem no rio São Francisco” e não “uma viagem pelo rio São Francisco”. Que diferença de significado haveria, se fosse feita a substituição de “no” por “pelo”? Considerando que “no” (em + o) carrega na origem o valor semântico de “movimento para dentro”; e que “pelo” (por + o), oriundo da preposição latina “per”, significa “movimento através”, que diferença de sentido resultaria no subtítulo, se ele fosse “uma viagem pelo rio São Francisco”?

### 2- Identidade e memória

O professor poderá explorar as diferenças regionais, de modo que o aluno conheça a diversidade do patrimônio cultural do Brasil, valorize-a como contribuição no processo de constituição da identidade brasileira e repudie toda discriminação baseada em diferenças de etnia, classe social, crenças e maneiras de falar.

Partindo do significado do nome da personagem Celeste (= do céu) e da origem do nome do líder Candelário, o professor organizará uma roda de conversas, na qual os alunos farão um resgate da origem do próprio nome: quem lhe deu esse nome, qual o seu significado, se gosta dele etc. Nessa hora, o aluno falará também de sua cidade de origem: onde fica, os “causos” que o povo conta, as lendas. A atividade tem como objetivo valorizar a identidade do aluno e fazer com que ele fale de si próprio. Desse modo, ela poderá ser ampliada, em outra aula, para a qual os alunos trarão de casa fotos antigas. Cada um contará a história da sua foto, que depois será exposta num painel com fotografias de toda a classe.

O rio São Francisco, também conhecido como o rio da unidade nacional, tem o carinhoso apelido de Velho Chico. Chamando a atenção para esse fato, o professor poderá fazer uma atividade com apelidos. Os alunos escreverão em uma tira de papel sulfite seus apelidos de infância. As tiras serão colocadas dentro de um saco e misturadas. Depois, o professor pegará uma das tiras e a lerá. A classe deverá descobrir quem é o “dono” daquele apelido. Se depois de algumas tentativas a classe não descobrir, o dono se apresentará e contará a história que originou o apelido. Depois de algumas histórias, o professor conversará com a classe a respeito dos apelidos: os carinhosos, os preconceituosos, os que indicam o lugar de origem da pessoa etc.

A classe fará o levantamento das lendas apresentadas no filme e lendas urbanas (lembra da loira do banheiro?), discutindo-as. Depois, cada aluno pesquisará outras, preferentemente de sua região de origem. A seguir, a classe será organizada em equipes para a leitura das histórias pesquisadas. Cada grupo selecionará uma história para fazer uma leitura dramatizada, apresentando-a para os demais colegas de classe.

A propósito da cena referente ao parto de Ana, o grupo poderá discutir aspectos relativos ao nascimento de crianças em locais onde as mulheres têm pouco acesso a exames pré-natais e a assistência médica e hospitalar. Poderá ser discutida a questão das simpatias, da medicina popular, da mortalidade infantil etc., comparando-se a situação em que vivem as periferias e os centros urbanos. O professor poderá colocar na lousa as seguintes perguntas: Em que cidade eu nasci? Como acontecem hoje os nascimentos na cidade onde nasci? Na minha família as pessoas lançam mão de simpatias? Quais e em que situação?

### 3- Enredo

A história se desenvolve em torno da jornada de Celeste, no rio São Francisco, no desejo de encontrar Henrique. É essa jornada que dá a conhecer as histórias do Velho Chico. O professor poderá passar o filme à classe selecionando os causos e as lendas dos povos que vivem às margens do rio, abrindo espaço para que os alunos contem as suas histórias, aí incluindo as de perdas. A cena da queima da canoa Sidó, que deseja ir como lenha, pode ser repetida, para iniciar a conversa.

Poderá ainda pedir que os alunos pesquisem por que o São Francisco é chamado “o rio da unidade nacio-

nal”. Eles poderão fazer o mapa do Brasil, pintando nele o São Francisco e demarcando o percurso feito por Celeste para encontrar Henrique.

O enredo presta-se ainda à discussão sobre a força das promessas (a história da cabaça é exemplar!) e o sincretismo religioso no Brasil. O professor poderá propor que os alunos recontem a história, ambientando-a em outro lugar, por exemplo, no oceano Atlântico, na Floresta Amazônica ou ainda no sertão de Caicó. A adaptação exigirá pesquisa de usos, costumes, lendas, festas religiosas etc. O resultado poderá ser apresentado numa outra linguagem, por exemplo, a teatral.

**Juazeiro**, tocada no início do filme, pode servir de motivo para que os alunos lembrem – e cantem – músicas muito cantadas em suas regiões de origem. O professor poderá perguntar se alguém conhece a cantiga que Penha cantava enquanto lavava roupa. Ou se conhece outra que seja cantada enquanto as pessoas realizam, reunidas em grupos, algum tipo de trabalho manual.

A classe poderá discutir hábitos e políticas de preservação ambiental. E, depois, fazer um projeto de preservação ambiental para ser realizado em nível local.

### 4- As relações raciais

A partir da fala de Candelário no filme, o professor poderá realizar um debate que leve à reflexão sobre as formas veladas de discriminação racial no Brasil. Percebendo que Henrique havia tirado uma foto dele enquanto discursava, Candelário tomou a máquina, dizendo: “– Não sabia que o senhor gostava de homem, não, ainda mais preto, seu Henrique”. Será interessante que os alunos reflitam a respeito da força da expressão “*ainda mais*” e do termo “*preto*” na fala de Candelário. Na seqüência, levando em conta que na EJA a soma dos alunos que se consideram pardos com a dos que se julgam negros totaliza 53,5%, dos alunos matriculados, o professor poderá discutir com a classe a questão das relações raciais em diferentes instâncias, como no mercado de trabalho e, principalmente, na escola, onde o preconceito acontece, ainda que de forma camuflada. A Lei 9394/96, de



Diretrizes e Bases da Educação Nacional, foi alterada pela Lei 10639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Por isso, o professor poderá aproveitar essa cena do filme para propor um debate de opiniões sobre se existe ou não discriminação racial no Brasil, partindo de questões pontuais como: você já se sentiu discriminado pela cor da sua pele? Ouvir o que dizem os alunos afrodescendentes contribui para desnudar as situações de discriminação e preconceito. Reconhecer a existência dessas chagas sociais é o primeiro passo para combatê-las. O professor poderá ampliar a atividade trazendo para a sala de aula, para simples leitura de fruição, contos da literatura africana, como, por exemplo, os apresentados nos livros de Rogério Andrade Barbosa. Poderá ainda, a partir de uma consulta ao mapa racial do Brasil, propor uma exposição oral que apresente os usos, costumes, lendas e crenças das diferentes etnias representadas na formação do brasileiro, consideradas em seu local de origem, antes da vinda para o Brasil.

### 5- A linguagem

Segundo Maurizio Gnerre, em **Linguagem, escrita e poder** (Martins Fontes, 2003), a linguagem não somente veicula informações, mas também comunica ao ouvinte “a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive”. (...). O professor poderá solicitar exemplos dessa afirmação. E no filme há vários. As relações de poder se revelam, sobretudo, na forma como o remeiro Abel se dirige ou se refere a Celeste e Henrique, mais novos do que ele, mas tratados com cerimônia e respeito: “— É, dona Celeste. Igual a seu Henrique não tem, não”. Outra atividade para mostrar que “As regras que gover-

nam a produção apropriada dos atos de linguagem levam em conta as relações sociais entre o falante e o ouvinte” (Gnerre, M. idem) será a de comparar os tratamentos que se dão Penha e Henrique, em diálogos como: “— Eu quero o favor do senhor jogar essa cabaça no rio. Eu preciso que ela chegue em Bom Jesus da Lapa. — Promessa, Penha?”

Partindo da perspectiva da diversidade lingüística e considerando a gramática da oralidade, que o falante domina, o professor poderá aproveitar o filme para discutir as diferenças entre língua oral e língua escrita, entre língua padrão e demais variantes, regionalismos etc., chamando atenção para o fato de que, embora em tese todos sejam iguais perante a lei, na realidade as pessoas são discriminadas pela forma como falam, e que, por isso, há necessidade de se dominar a variante culta ou padrão da língua portuguesa, de maior prestígio social.

Selecionando previamente algumas cenas do filme, o professor poderá promover atividades que levem o aluno a analisar a língua como veículo de valores e preconceitos.

Provavelmente numa mesma classe haverá alunos vindos de diferentes regiões do Brasil. O professor poderá fazer uma roda de conversa, em mais uma oportunidade para que os alunos provenientes de outros lugares apresentem sua região aos demais colegas, falando das diferenças regionais, do que sentiram ao chegar à cidade em que se encontram, se foi difícil a adaptação no novo lugar, se foi fácil conseguir emprego, se se sentiram discriminados pela maneira de falar etc.

### Observação final

Professor, **Espelho d' água - uma viagem no São Francisco** não pode ser esgotado/dissecado pelo excesso de atividades com os alunos. Apenas algumas devem ser selecionadas, dentre as sugeridas. Ou o rio poderá secar. O melhor é empreender, pelas lentes do filme, uma jornada no/pelo rio São Francisco, com tempo para ouvir suas/nossas lendas, apreciar a boniteza e as agruras de seu/nosso povo e navegar na riqueza de sua/nossa diversidade lingüística.

**SUELI DE OLIVEIRA ROCHA** Licenciada em Letras, com especialização em Literatura Comparada, Teoria da Literatura, Lingüística e Língua Francesa. É professora universitária (Unaerp/Guarujá) e coordenadora, na Baixada Santista, do Programa de Leitura da Petrobras-RPBC pelo Leia Brasil, ONG de Promoção da Leitura; é também membro do conselho editorial dos jornais *Bolando Aula*, *Bolando Aula de História* e *Subsídio* e da equipe pedagógica do *Gruhas* Projetos Educacionais e Culturais.



# Que país é este?

Fragmentos  
Affonso Romano de Sant'Ana

## Fragmento 2

Há 500 anos caçamos índios e operários,  
Há 500 anos queimamos árvores e hereges,  
Há 500 anos estupramos livros e mulheres,  
Há 500 anos sugamos negras e alugueis.

Há 500 anos dizemos:  
que o futuro a Deus pertence,  
que Deus nasceu na Bahia,  
que São Jorge é guerreiro,  
que do amanhã ninguém sabe,  
que conosco ninguém pode,  
que quem não pode sacode.

Há 500 anos somos pretos de alma branca,  
não somos nada violentos,  
quem espera sempre alcança  
e quem não chora não mama  
ou quem tem padrinho vivo  
não morre nunca pagão.

Há 500 anos propalamos:  
este é o país do futuro,  
antes tarde do que nunca,  
mais vale quem Deus ajuda  
e a Europa ainda se curva.

Há 500 anos  
somos raposas verdes  
colhendo uvas com os olhos,

semeamos promessa e vento  
com tempestades na boca,

sonhamos a paz na Suécia  
com suíças militares,

vendemos siris na estrada  
e papagaios em Haia,

senzalamos casas-grandes  
e sobradamos mocambos,

bebemos cachaça e brahma  
joaquim silvério e derrama,

a polícia nos dispersa  
e o futebol nos conclama,

cantamos salve-rainhas  
e salve-se quem puder,

pois Jesus Cristo nos mata  
num carnaval de mulatas

Este é um país de síndicos em geral,  
Este é um país de cínicos em geral,  
Este é um país de civis e generais.

Este é o país do descontínuo  
onde nada congemina,

e somos índios perdidos  
na eletrônica oficina.

Nada nada congemina:  
a mão leve do político  
com nossa dura rotina,

o salário que nos come  
e nossa sede canina,

a esperança que emparedam  
e a nossa fé em ruína,

nada nada congemina:  
a placidez desses santos  
e nossa dor peregrina,

e nesse mundo às avessas  
- a cor da noite é obsclara  
e a claridez vespertina.

# Que país é este?

## Fragmento 6

Mas este é um povo bom  
me pedem que repita  
como um monge cenobita  
enquanto me dão porrada  
e me vigiam a escrita.

Sim. Este é um povo bom. Mas isto também  
diziam os faraós  
enquanto amassavam o barro da carne escrava.  
Isso digo toda noite  
enquanto me assaltam a casa,  
isso digo  
aos montes em desalento  
enquanto recolho meu sermão ao vento.

Povo. Como cicatrizar nas faces sua imagem  
perversa e una?

Desconfio muito do povo. O povo, com razão,  
- desconfia muito de mim.

Estivemos juntos na praça, na trapaça e na desgraça,  
mas ele não me entende  
- nem eu posso convertê-lo.

A menos que suba estádios, antenas, montanhas  
e com três mentiras eternas  
o seduza para além da ordem moral.

Quando cruzamos pelas ruas  
não vejo nenhum carinho ou especial predileção  
nos seus olhos.

Há antes incômoda suspeita. Agarro documentos,  
embrulhos, família  
a prevenir mal-entendidos sangrentos.

Dai vejo as manchetes:

- o poeta que matou o povo
- o povo que só/çobrou ao poeta
- (ou o poeta apesar do povo?)

- Eles não vão te perdoar  
- me adverte o exegeta.

Mas como um país não é a soma de rios, leis,  
nomes de ruas, questionários e geladeiras,  
e a cidade do interior não é apenas gás neon,  
quermesse e fonte luminosa,  
uma mulher também não é só capa de revista,  
bundas e peitos fingindo que é coisa nossa.

Povo  
também são os falsários  
e não apenas os operários,

povo  
também são os sífilíticos  
não só atletas e políticos,

povo  
são as bichas, putas e artistas  
e não só os escoteiros  
e heróis de falsas lutas,  
são as costureiras e dondocas  
e os carcereiros  
e os que estão nos eitos e docas.

Assim como uma religião não se faz só de missas  
na matriz,  
mas de mártires e esmolas, muito sangue e cicatriz,  
a escravidão  
para resgatar os ferros de seus ombros

poetas negros que refaçam seus palmares e  
quilombos. requer

Um país não pode ser só a soma  
de censuras redondas e quilômetros  
quadrados de aventura, e o povo  
não é nada novo  
- é um ovo

que ora gera e degenera  
que pode ser coisa viva  
- ou ave torta

depende de quem o põe  
- ou quem o gala.

#### Fragmento 7

Percebo  
que não sou um poeta brasileiro. Sequer  
um poeta mineiro. Não há fazendas, morros,  
casas velhas, barroquismos nos meus versos.

Embora meu pai viesse de Ouro Preto com  
bandas de música policia militar casos de  
assombração e uma calma milenar,  
embora minha mãe fosse imigrando  
hortaliças protestantes tecendo filhos  
nas fábricas e amassando a gé e o pão,  
olhos Minas com um amor  
distante, como se eu, e não minha mulher  
- fosse um poeta etiope.

Fácil não era apenas ao tempo das arcádias  
entre cupidos e sanfoninhas,  
fácil também era ao tempo dos partidos:  
- o poeta sabia "história"  
vivia em sua "célula",  
o povo era seu hobby e profissão,  
o povo era seu cristo e salvação.

O povo, no entanto, é o cão  
e o patrão  
- o lobo. Ambos são povo.  
E o povo sendo ambíguo  
é o seu próprio cão e lobo.

Uma coisa é o povo, outra a fome.  
Se chamais povo à malta de famintos,  
se chamais povo à marcha regular das armas,  
se chamais povo aos urros e silvos no esporte  
popular

então mais amo uma manada de búfalos em  
Marajó e diferença já não há  
entre as formigas que devastam minha horta  
e as hordas de gafanhoto de 1948  
- que em carnaval de fome  
o próprio povo celebrou.

Povo  
não pode ser sempre o coletivo de fome.  
Povo  
não pode ser um séquito sem nome.  
Povo  
não pode ser o diminutivo de homem.  
O povo, aliás,  
deve estar cansado desse nome,  
embora seu instinto o leve à agressão  
e embora  
o aumentativo de fome  
possa ser  
revolução

**AFFONSO ROMANO DE SANTANA** Poeta, crítico e cronista. Foi cronista do *Jornal do Brasil* e do *O Globo*. Entre suas obras estão: *A vida por viver*, *O canibalismo amoroso* e *Barroco do quadrado à elipse*.

Publicado originalmente no livro "Que País é este?"

# O Brasil não é longe daqui

ANTONIO EDMILSON MARTINS RODRIGUES

Quando penso em Brasil, o que me vem à cabeça é o final do século XIX, período para mim decisivo para a estruturação do Brasil moderno. Para mim, foi a Geração de 1870 que pela primeira vez, de maneira mais sistemática, se perguntou sobre o que era o Brasil. Longe da resposta ser imediata, essa Geração tratou de realizar um enorme diagnóstico sobre o que éramos antes de procurar responder à questão.

Para quem pensa que os diagnósticos foram unos, coesos e homogêneos se enganou. Cada um dos diversos intelectuais brasileiros processou o resultado no mais alto nível, relacionando o que éramos com o que eles puderam ler das renovações científicas desse período. Daí nasceram muitas coisas, entre elas, uma certa preocupação com o interior do Brasil, apresentada por Euclides da Cunha, uma larga investigação sobre a nossa poesia popular realizada por Silvio Romero e a definição das bases de nossa crítica, com uma contribuição ao debate do nacional feita por Machado de Assis.

Pode-se elencar um grande número de pensadores desse período que usaram suas inteligências para apresentar um Brasil novo, mesmo que esse novo fosse apenas uma possibilidade aberta pelos debates sobre a abolição e

a república. O que havia de comum entre eles era o desejo de dar um rosto ao Brasil, fosse ele mestiço ou não. Pela primeira vez se empreendia uma grande pesquisa sobre o que éramos.

Mas quais foram as contribuições dessa Geração? Ela nos deu a base sobre a qual pudemos imaginar o Brasil moderno. A Geração modernista de 1920 fez o favor de fazer notar essa importância que é a de terem aberto uma trilha para se reconhecer que no Brasil havia pensamento, que as idéias não estavam fora do lugar e que éramos tão competentes quanto aqueles que citávamos. Essa Geração foi responsável pela consciência do social, pelo esboço das primeiras formas de compreensão da nossa sociedade. Essa Geração antecipa o modernismo no Brasil.

Difícilmente, teríamos nos conhecido se essa Geração não tivesse nos mostrado o caminho. O mais interessante é que não era apenas um caminho, eram vários, mostrando a pujança de nosso pensamento. Alguns construíram o Brasil negando o nosso período de Colônia, eram aqueles que buscavam um sentimento nacional nos particularismos brasileiros, olhavam para a natureza e para o clima, dando-lhes a hegemonia na nossa formação. Outros tratavam esse passado como uma tradição e a partir dela elaboraram as bases das nossas esferas de conhecimento, produziram uma literatura brasileira que dialogava com a literatura internacional, inventaram uma política que se servia das lições do mundo, criaram uma história que negava a nossa infantilidade como povo.

Foi essa Geração também que nos deu as primeiras idéias mais precisas sobre a vida urbana, recomen-



dando que tivéssemos consciência da experiência de homens na cidade para podermos pensar a nossa modernidade. As crônicas invadiram os jornais e a imprensa foi um dos resultados mais positivos da Geração de 1870. A imprensa democratizou o debate e anunciou os novos tempos num país em que grande parte da sociedade era analfabeta. Mas havia a rua, lugar onde nossa sociedade sempre expressou sua vontade e seus desejos, às vezes até ultrapassando os limites do espaço público. A rua brasileira é o espaço por excelência da conquista. Basta estar na rua para que qualquer um saiba o que acontece no Brasil. A rua é constituída por uma alma encantadora que a identifica e lhe dá nome. Essa alma não é resultado de uma ação do Estado e, assim, é a maior contribuição à construção da nação. A rua é republicana e deseja que todos sejam iguais, é um espaço único de sociabilidade. No Rio de Janeiro, há uma tendência clara para que se fique mais na rua, que se retarde a chegada em casa, há sempre tempo para mais uma saideira.

Mas isso parece longe daqui. Os jornais anunciam a violência urbana e informam dos novos hábitos que os brasileiros criaram. O que há de comum é a negação da rua, a negação do debate, a exclusão da república, a impossibilidade da vida. Acho que a reocupação das ruas pela sociedade é o único caminho e ela não precisa ser feita pela força, pode ser feita pela inteligência, pela conversa. Essa talvez tenha sido a maior contribuição da Geração de 1870 e o que se deve fazer é voltar a ela, ler os seus comentários, pelo menos como inspiração. Alteremos nossos valores e nossos horizontes e pensemos como Capistrano de Abreu que o Brasil mais se parece com um jaburu.

**ANTONIO EDMILSON MARTINS RODRIGUES** Historiador e exerce atualmente a função de coordenador de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio, além de também ser professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.





# Os brasileiroinhos inventaram o Brasil

JÚLIO DINIZ

Para Antônio Torres, cartógrafo da língua

## I – Brasileiroinhos

“Brasil amado não porque seja minha pátria,  
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde  
Deus der...  
Brasil que eu amo porque é o ritmo no meu braço  
aventuroso,  
O gosto dos meus descansos,  
O balanço das minhas cantigas amores e danças.  
Brasil que eu sou porque é minha expressão muito  
engraçada,  
Porque é o meu sentimento pachorrento,  
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer  
e de dormir.”

Mário de Andrade

Assisti inúmeras vezes ao show **Brasileirinho**, de Maria Bethânia, e tantas outras revi em casa a imagem de Ferreira Gullar lendo em sua biblioteca o poema **Descobrimiento** de Mário de Andrade com a **Bachiana nº5** de Villa-Lobos ao fundo, interpretada pelo grupo Uakti. De repente, do escuro do nada, surge a voz da orixá guerreira cantando **Salva as folhas**, de Gerônimo Santanna e Ildásio Tavares. O ano era 2004 e as águas de março fechavam o verão.

Sempre me emociono quando me recordo dos balões de São João e das lâmpadas penduradas por um fino fio subindo e descendo, entrando e saindo de cena, iluminando e escurecendo o palco, idéia genial de Gringo Cardia. Como, no complicado espaço da indústria do entretenimento, pessoas, afetos, sabores, imagens, cheiros, corpos, sonoridades, tempos, cores e sons dialogavam com tanta força e delicadeza? Cultura erudita e cultura popular dividiam, sem hierarquias, o palco, lugar



Detalhe de Tupinambás Guerreiros, século XVI.

sagrado do homem, bicho da terra tão grandioso quanto pequeno. O Brasil, que não é longe daqui, visto pelos brasileiroinhos, sem identidade definida, sem lugar de origem precisa, sem valores definitivos. Somos sem caráter porque somos múltiplos, fragmentados, força estrangeira sem rumo nem destino, que nos faz errantes, atores da diáspora cultural, nossa única e preciosa riqueza.

O que nos une, além da antropofagia, é a fome. E a maneira de dizê-la é a língua, inculta e bela, roçando a lusitana glote de Camões, tocando a rosa do Rosa em constante fabricação, inventando o cotidiano das imagens e das canções. O Latim em pó que se espalhou pelos continentes a partir do mar português, amalgamou-se com outras vozes em África, lutou por sua sobrevivência na Ásia e dançou miscigenado na alegoria do Sambóbromo Brasil. O Latim em pó, diluído e recomposto, nos assegura a permanência de uma memória multicultural. A língua resiste ao esquecimento. A língua é a tradução da tradição que faz os brasileiroinhos andarem assim, meio tortos, meio enviesados, meio de banda.

Os modos de ser brasileiro confundem-se com os jeitos do Brasil. A precisão das imagens fundacionais de uma nação, certeza e garantia civilizatórias de vários povos, para nós é borrão, pincelada impressionista, rasura no texto, colagem, remendo na roupa. O Brasil é uma invenção de deserddados.

## II – (Des)identidades

“Minha identificação, registro geral, carece de revisão.”

Caetano Veloso

A busca obsessiva por uma identidade original, própria, de substância nativista e voltada para uma essência ameríndia pura e imaculada, marca, com variantes e especificidades, a cultura da pós-independência em quase todos os países latino-americanos. No caso específico brasileiro, os nossos românticos debruçaram-se numa defesa intransigente de uma temática “verdadeiramente” nacional (“nossa realidade” – o índio) e de um tratamento lingüístico próprio (“nossa expressão” – a língua brasileira). A presença do negro como conteúdo cultural só apareceria mais tarde, pois se vivia ainda numa sociedade escravocrata. O trecho seguinte, de Alencar, ilustra com bastante propriedade esta questão:

“O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêpera?”<sup>1</sup>

A necessidade de afirmação de uma identidade brasileira única como passaporte para a modernidade e maneira de se diferenciar, por contraste, do europeu, levou a cultura brasileira a uma série de impasses. O mal-estar residia na idéia de que, ao imitar a cultura européia, ao considerar como seus, valores estrangeiros, ao se expressar em língua portuguesa com sintaxe e prosódia lusas, o intelectual brasileiro distanciava-se do encontro com uma desejada identidade cultural própria. Acreditava-se na possibilidade de se estabelecer uma “fronteira” rígida entre o “nós” e os “outros”, construir uma “cultura original”, redescobrir o Brasil com a Independência de 1822. Construir uma nova nação, representada por uma cultura autóctone, concebida por oposição à dos colonizadores, mas repetindo em diferença o mito de fundação do Brasil. Repetir por ciclos a idéia de que a história do Brasil recomeça do zero. Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, é, talvez, um dos melhores exemplos desse impasse, dessa contradição.

O professor e crítico literário Roberto Schwarz, no ensaio **Nacional por subtração**, afirma:

Brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do caráter “posticho”, “inautêntico”, “imitado” da vida cultural que levamos. Esta experiência tem sido um dado formador de nossa reflexão crítica desde os tempos da Independência. Ela pode ser e foi interpretada de muitas maneiras, por românticos, naturalistas, modernistas, esquerda, direita, cosmopolita, nacionalista etc., o que faz supor que corresponda a um problema durável e de fundo.<sup>2</sup>

Este “sentimento de inadequação”, segundo o crítico, arrasta-se até o Modernismo, provocando reações as mais distintas, que desembocam numa ação de todo ufanista e ilusória – a vida intelectual brasileira será mais forte e original quanto mais distantes estivermos dos padrões da metrópole européia. As vertentes nacionalistas e populistas na tradição cultural brasileira, ao proporem a eliminação do que não é nativo, colocando o mal e os problemas da “fronteira” para lá, ou seja, no exterior de si, obtêm com o “resíduo da subtração” a substância autêntica do país. Interessa ao crítico demonstrar que a idéia de “nacional por subtração” escamoteia o princi-

pal – a análise de classe social. As dicotomias europeu x latino-americano, metrópole x colônia, apesar de concretas, não operam na zona interna, ou seja, na relação burguesia x proletariado e nas formas de exploração capitalista, chave de compreensão de sua análise de fundo marxista. Como o mal é o outro do mesmo - o português para o romântico, o americano para as esquerdas nas décadas de 50 e 60 - bastaria combater o outro para que o mesmo se afirmasse como o “da fronteira para dentro”, “a essência de seu interior”, “a verdade de um original preservado”.

O meu esforço agora, em contraposição à opinião de Schwarz, é construir uma noção de identidade que se desconstrói como unidade, pluralizando-se em “identificações múltiplas e flutuantes”.

O crítico Hans Ulrich Gumbrecht, no artigo **Minimizar identidades**<sup>3</sup>, afirma que o conceito moderno de identidade, tanto em seu uso mais recente quanto na sua utilização tradicional, é motivado por um sentimento de “nostalgia” ou por “ressentimento”, na concepção que Nietzsche empresta ao termo. Nostalgia de

alguma coisa que ficou para trás, que dobrou a curva temporal, que permaneceu na fronteira de um passado definitivamente perdido e que só pode ser resgatado no imaginário como uma operação da memória. Nostalgia como condição melancólica de conceber o presente como o tempo da falta, da perda, da ausência. Ressentimento como o discurso do escravo, a necessidade de se contrapor ao outro pela intolerância, pela negação de princípios ativos vitais, por uma ética ressentida que se apresenta como postura de dominação. Talvez algumas das situações atuais, no espaço da micro ou macrofísica, possam ser mais bem entendidas a partir dessa problematização do conceito de identidade. Gumbrecht propõe o abandono desse conceito e uma reflexão sobre a “possibilidade de viver sem identidade”.

Talvez não seja essa a proposta da professora Zilá Bernd, mas em muito se aproxima do pensamento de Gumbrecht, quando sugere substituir a idéia de “identidade” (fechada, imóvel, cristalizada) por “identificação” (aberta e em processo). Contra o “fetichismo identitário”, o elogio da errância – propõe Bernd. De todas as formas, a superação do conceito de “identidade” pelo de “identidades flutuantes”, “identificações múltiplas” ou “identificações nômades” nos remete a uma crise contemporânea das idéias de “fronteira”, “origem”, “centro” e “periferia”, seja nos discursos nacionais, seja nos espaços de representação de etnia, sexualidade e gênero.

Volto a um dos aspectos nodais da contemporaneidade – “fronteiras”. Falo de um lugar fronteiriço, entre-discursos de múltiplas leituras. Fronteira, para a estratégia de minha argumentação, deixa de ser limite, obstáculo, barreira, seja ela de gênero, etnia, nacionalidade e cultura, para ganhar o contorno semovente de “lugar de apropriação”. Não se trata do conceito matriz e fundacional de origem, gênese, grau zero. Parece-me muito mais o “entre-lugar”, tomando por empréstimo a Silvano Santiago esse produtivo conceito de leitura da cultura latino-americana, na qual a tensão entre partes distintas e forças contrastantes possa ser suplementada pela interpenetração de significantes, e não pela dicotomia de significados, pela rasura transgressora, e não pelo remendo conformado. De acordo com Silvano<sup>4</sup>:

“A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de ‘unidade’ e de ‘pureza’: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos lati-



no-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. Em virtude do fato de que a América Latina não pode mais fechar suas portas à invasão estrangeira, não pode tampouco reencontrar sua condição de "paraíso", de isolamento e de inocência, constata-se com cinismo que, sem essa contribuição, seu produto seria mera cópia - silêncio -, uma cópia muitas vezes fora de moda, por causa desse retrocesso imperceptível do tempo, de que fala Lévi-Strauss. Sua geografia deve ser uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência. A passividade reduziria seu papel efetivo ao desaparecimento por analogia. Guardando seu lugar na segunda fila, é no entanto preciso que assinale sua diferença, marque sua presença, uma presença muitas vezes de vanguarda. O silêncio seria a resposta desejada

pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador. Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra."

### III – Nossos lindos canibais

"Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago."

Oswald de Andrade

Talvez pudéssemos aproximar, respeitando diferenças, o conceito de "entre-lugar", proposto por Silviano, da idéia de transculturalização, da discussão sobre cruzamentos culturais, hibridização ou mesmo da noção oswaldiana de "antropofagia", hoje, infelizmente, desgastada pela banalização do seu

uso. Como tentativa de ultrapassar a mecânica determinista e a postura política reducionista presente no debate cultural de seu tempo, o autor da **Poesia Pau-Brasil** propõe, em seu lugar, a devoração do externo, internalizando-o e, num movimento imediatamente posterior, externalizando o externo internalizado, já rasurado, transformado, tarefa de todos os "bárbaros tecnizados". *Tupy or not Tupy, that is the question* – a cultura brasileira num movimento pulsional destruidor dos binômios fora/dentro, estrangeiro/nacional, modelo/cópia, subvertendo a busca romântica e idealizada do paraíso perdido, da pureza indígena, da beleza natural padrão cartão postal exposto em bancas de jornal de Copacabana, princesinha do mar, pérola do Atlântico, onde o sabiá canta com João Gilberto e Nara Leão a cordialidade dulcíssima de um malandro carioca à sombra de uma palmeira, fixando num quadro borboletas entre o Pão de Açúcar e o Redentor. A isso, Oswald nomeou "macumba pra turista".

Gravura de Bry baseada nos desenhos de Hans Staden, século XVI.





Oswald de Andrade por Tarsila do Amaral.

Segundo o ensaísta Roberto Corrêa dos Santos<sup>5</sup>:

Reinserção cultural, declaração de autonomia, vontade livre e dependência são os fios que tecem esse outro modo de dizer o projeto de análise da nacionalidade nossa, periférica. O interior aqui é a farsa, a falsa essência, o mau simulacro, o libreto, a *doxa*, a fingida raiz, a baixa democracia a carecer de um baixo valor para identificar-se. Exteriorizar o exterior seria transformar nosso destino trágico em destino operístico, incorporar Eurípedes, nivelar, aproximar público e cena, desfazer a assimetria das forças. Ser folclore para turista. Para resistir à queda à interioridade será fundamental atualização e tolerância para com o “fora”.

No tom *boutade*, na clave irônica e iconoclasta do discurso oswaldiano, formou-se uma poética da transgressão que daria à nossa cultura, com todos os riscos, contradições e impasses, a face solar de representação de certo *éthos* fronteiriço entre deboche e seriedade, utopia de uma nação imaginada como constructo à margem, inserida nas bordas de uma periferia desprovida de centro. A tradição de uma fala delirante “do/no/sobre” o Brasil que, retomada por Glauber, Zé Celso, Hélio Oiticica, Caetano Veloso

e os tropicalistas, nossos lindos canibais, continuaria a encenação do “espetáculo Brasil”, alegoricamente solitário em *Bye, bye Brasil*, de Cacá Diegues, e simbolicamente solidário em *Central do Brasil*, de Walter Salles.

Ser de fronteira, cultura de fronteira, sem pertencimentos ou identidades fechadas, descontínua e fragmentada na paisagem da contemporaneidade. “Sou brasileiro, sou casado e sou solteiro, sou baiano e estrangeiro” afirma Caetano na explosão da *Tropicália*, releitura contracultural da tradição oswaldiana.

Retorno a Oswald do manifesto antrópofago de 1928: “Contra realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama”. Abro parênteses para introduzir uma outra voz ao debate. *Tudo sobre Eva* é a primeira, dentre várias referências, que aparece em *Todo sobre mi madre*, filme de Pedro Almodóvar. A mitológica imagem de Bete Davis, tentática e perversa, fumando com o mesmo desespero de Huma, a atriz que protagoniza *Um bonde chamado desejo*. O desejo de Eva, experienciada por Huma, marcada pela trajetória de Manuela, personagem principal de *Tudo sobre minha mãe*. Um filme de mulheres e não um filme sobre mulheres. Vivida como uma trágica perda, a morte de seu filho, Esteban, desencadeia a viagem de Manuela na busca de si mesma, de sua história, da memória de sua voz como arma contra o silêncio. Narrar para resistir, como Xerazade, faz a personagem em Barcelona, encontrar a força de sua voz, “voz de uma mulher sagrada”, no verso de Caetano em *Vaca profana*. E na fronteira desterritorializada da nacionalidade, da sexualidade, da identidade, Manuela encontra La Agrado, o travesti que aproxima e distancia o masculino do feminino, o corpo escrito na hibridização atópica, na inscrição fronteiriça. Estranho e familiar, *Unheimlich*, na leitura freudiana, aquele que não é daqui mas também não é de lugar nenhum.

Não é de todo surpreendente o reconhecimento da importância da figura do estrangeiro, do *dépaycé*, do errante como *flâneur* pós-moderno diante das ruínas ilegíveis de um mundo concebido na univocidade cínica, narcísica e indistinguível da globalização.

A emergência de um narrador marinheiro (cf. Walter Benjamin – *O narrador*), errante, visionário, o além-horizonte, o viajante que no ato circunavegador de sair de seu espaço, sai de si próprio para outras margens, bordas e

limites. Nas palavras do cineasta alemão Wim Wenders, “a viagem é, em si mesma, um estado de identidade”.

A viagem que nos interessa aqui não é a construção de uma imagem de Brasil exportável como produto turístico-cultural, mas a que tem como provocação a temática dolorosa e amarga da experiência constante de gerações de brasileiros, marcados por períodos ditatoriais: o exílio e o auto-exílio, imagem 3x4, preto e branco, desfocada.

Produto recente de duas ditaduras (a dos anos 30, o Estado Novo; e a decorrente do golpe militar de 64), e das constantes crises de auto-estima, o exílio passa a ter nesta discussão a importância de representar a busca nostálgica de uma identidade pessoal e de uma identidade social perdidas e/ou borradas no tempo e a busca ressentida de um país que parece ter dado as costas a seus filhos pr’além fronteiras. Uma das faces da identidade brasileira idealizada, perdida, de um lado - a diáspora, e o sonho de reconstruí-la com suavidade, carinho e alegria, de outro. O paradoxo de encontrar-se na perda e perder-se, se encontrando.

Este dilema parece muito claro em dois filmes do pop-star diretor de cinema Walter Salles Jr. - **Terra estrangeira** e **Central do Brasil**. Se no primeiro, o jovem Paco, filho de mãe basca, vai à Europa encontrar as suas origens, cumprindo o maior desejo da falecida mãe - voltar a sua terra - e encontra a morte, em **Central do Brasil**, o motivo da viagem se repete, mas agora para o “coração” puro, humilde e messiânico do Brasil.

A viagem para o exterior termina em tragédia. A viagem para dentro representa o encontro com as raízes, as origens, a solidariedade, simbolizada na reunião dos três irmãos de nomes bíblicos (Moisés, Isaías e Josué) ao lado da carpintaria de seu pai, Jesus. O desejo cumprido (**Central do Brasil**) ou não (**Terra estrangeira**) de reencontro com a terra mãe, matriarca, talvez madrasta, má. O Brasil é uma invenção de deserdados.

Claudius Hermann Portugal, no poema **Retificação**<sup>7</sup>, afirma:

“As palmeiras derrubaram

Para no lugar construir uma auto-estrada

O sabiá ganhou um festival nos idos de 68

Mas está sendo rapidamente exterminado

Ou anda preso em alguma gaiola

O exílio de minha terra deixou de ser uma canção.”

Deixou de ser uma canção para se tornar outra canção. Uma canção de brasileiros, desejosos de que seus pés se ponham a deixar marcas no terreno baldio ao lado. Uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.

Brasileirinhos andam sempre pro lado de fora da fronteira pela parte de dentro, brincam de entrar e sair de seus territórios, dormem sonhando com um outro lugar. Os brasileiros desinventaram o Brasil: sem o dentro e o fora - o meio; sem o interno e o externo - o entre-lugar; sem a nostalgia e o ressentimento - a fecundidade do vizinho.

Os brasileiros são lindos canibais sem identidade.

**JULIO DINIZ** Escritor, crítico e ensaísta, além de ser especializado na interface música/literatura/cultura. É também professor de Literatura Brasileira na PUC-Rio e coordenador do Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira.

### Referências Bibliográficas

- 1 ALENCAR, José de. *Obras completas*. VI Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, p.702.
- 2 SCHWARZ, Roberto. “Nacional por subtração” In BORNHEIM, Gerd et al. *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987, p. 93.
- 3 GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Minimizar identidades” In JOBIM, José Luis. (Org.). *Literaturas e identidades*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999, pp. 115-124.
- 4 SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p.p.18-19.
- 5 SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoccer*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p.75.
- 6 ANDRADE, Oswald de. *Revista de Antropofagia*, Ano 1, n.1, maio de 1928.
- 7 PORTUGAL, Claudius Hermann et al. *Folha de rosto*. Rio de Janeiro: Folha de Rosto, 1989, p.9.





## UMA FILMOGRAFIA BEM BRASILEIRA

**ESPELHO D'ÁGUA – UMA VIAGEM NO RIO SÃO FRANCISCO.** De Marcus Vinicius Cezar, 2002. O filme mostra o Rio São Francisco que atravessa cinco Estados brasileiros. É cenário e personagem principal de histórias que ligam ficção e realidade.

**DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS.** De Bruno Barreto, 1976. O filme é baseado no livro homônimo do escritor Jorge Amado. A história se passa nos anos 40, em Salvador. Dona Flor é casada com Vadinho, um mulhengo. Com a sua morte, Flor se casa com Teodoro, um conservador. Depois de um tempo, Vadinho passa a aparecer para Flor em forma de fantasma.

**POLICARPO QUARESMA.** De Paulo Thiago, 1998. O filme é baseado no livro **O triste fim de Policarpo Quaresma.** Policarpo Quaresma é um sonhador, um visionário patriota que deseja ver seu país grandioso. Para isso, está disposto a tudo, inclusive a sacrificar a própria vida.

**GAIJIN – OS CAMINHOS DA LIBERDADE.** De Tizuka Yamasaki, 1980. Uma japonesa vem para o Brasil em busca de uma vida melhor e passa a trabalhar numa plantação de café. A garota percebe que os homens da América do Sul são tão exploradores quanto no seu país de origem.

**LISBELA E O PRISIONEIRO.** De Guel Arraes, 2003. Leléu é um rapaz malandro, aventureiro e conquistador. Lisbela é mocinha sonhadora que adora ver filmes americanos e vive sonhando com seus heróis. Lisbela e Leléu se apaixonam e passam a viver uma história com personagens tirados do cenário nordestino.

**O AUTO DA COMPADECIDA.** De Guel Arraes, 1999. João Grilo e Chicó são dois nordestinos que se valem da esperteza de Grilo para conseguirem sobreviver à dura vida no sertão. E assim os dois

protagonizam a trama provocando confusões e enganando ricos e poderosos.

**EDIFÍCIO MASTER.** De Eduardo Coutinho, 2002. O filme mostra o cotidiano de 37 moradores do Edifício Master durante uma semana. O prédio abriga 500 pessoas e fica localizado em Copacabana, no Rio de Janeiro.

**SANTO FORTE.** De Eduardo Coutinho, 1997. O filme traz uma amostragem do sincretismo entre católicos, umbandistas, evangélicos e outros, em todo país.

**ELES NÃO USAM BLACK TIE.** De Leon Hirszman, 1981. O filme conta a história do operário Tião e sua namorada Maria, moradores de São Paulo, em 1980. O casal resolve se casar após descobrir a gravidez de Maria. Nesse momento, eclode um movimento grevista, dividindo a categoria metalúrgica. Preocupado com o emprego, Tião resolve furar a greve e entra em conflito com o pai, um velho militante sindical.

**CENTRAL DO BRASIL.** De Walter Salles, 1998. A história gira em torno de Dora, uma mulher que escreve cartas para analfabetos na Central do Brasil. A mãe de Josué morre atropelada após ter pago Dora para escrever uma carta. A ex-professora resolve vender o menino a traficantes de crianças, mas o sentimento de culpa é maior e ela acaba ajudando Josué a procurar seu pai.

**AMARELO MANGA.** De Cláudio Assis, 2002. O filme traz histórias de encontros e desencontros amorosos que acontecem no submundo de Recife, revelando personagens exóticos.

**ÁRIDO MOVIE.** De Lírio Ferreira, 2005. O filme mostra o universo contemporâneo de um sertão onde o excesso de informação convive com a falta d'água.

**MENINAS.** De Sandra Werneck, 2006. O documentário acompanha por um ano o cotidiano de adolescentes grávidas

moradoras de favelas do Rio de Janeiro.

**BOLEIROS – ERA UMA VEZ O FUTEBOL.** De Ugo Giorgetti, 1998. Um grupo de ex-jogadores de futebol se reúne em um bar de São Paulo para lembrar antigas glórias e curiosas histórias dos velhos tempos de jogadores.

**CAZUZA – O TEMPO NÃO PÁRA.** De Walter Carvalho e Sandra Werneck, 2004. O filme é uma cinebiografia do cantor e compositor do rock brasileiro dos anos 80 e 90: Cazuza. Fala sobre sua infância, juventude, amores, o início do sucesso no Barão Vermelho, a carreira solo, além da Aids.

**ZUZU ANGEL.** De Sérgio Resende, 2006. Cinebiografia de Zuzu Angel, estilista famosa que levou o Brasil ao cenário internacional da moda. O filme foca o drama vivido pela estilista mineira, cujo único filho, Stuart desapareceu durante a ditadura militar.

**CIDADE DE DEUS.** De Fernando Meirelles e Katia Lund, 2002. O filme conta a história de dois meninos durante a ocupação do conjunto habitacional Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Um consegue resistir aos apelos do crime e segue a carreira de fotógrafo, enquanto o outro se transforma no mais temido bandido do Estado.

**MOACIR ARTE BRUTA.** De Walter Carvalho, 2005. O filme mostra o dia-a-dia de Moacir, um homem de 42 anos, negro e com problemas de audição, fala e formação óssea. Moacir é pintor e vive num recanto do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em condições de pobreza. Ele recebe a visita do artista plástico goiano Siron Franco.

**ESTAMIRA.** De Marcos Prado, 2004. Estamira, personagem que dá nome ao documentário, tem 63 anos e possui problemas mentais. Ela trabalha há mais de 20 anos no Aterro Sanitário de

Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. **NARRADORES DE JAVÉ.** De Eliane Caffé, 2003. Os moradores do vilarejo de Javé se deparam com a notícia de que o local pode sumir sob as águas de uma usina hidrelétrica. Com isso, a comunidade resolve preparar um documento oficial, que justifique sua preservação. Como a maioria dos moradores é analfabeta, eles precisam encontrar alguém para escrever o documento.

**A HORA DA ESTRELA.** De Suzana Amaral, 1985. Baseado no romance de Clarice Lispector, o filme conta a história de Macabea, uma imigrante nordestina semi-analfabeta, que vive em São Paulo numa pensão miserável. Ela conhece o também nordestino e operário metalúrgico Olímpico, e os dois começam um casto e desajeitado namoro.

**DEUS É BRASILEIRO.** De Cacá Diegues, 2001. Cansado de tantos erros cometidos pela humanidade, Deus resolve tirar férias. Mas para poder tirar folga é preciso encontrar um santo que o substitua. Ele resolve fazer essa escolha no Brasil.

**EU TU ELES.** De Andrucha Waddington, 2000. Darlene Linhares é uma mulher que vive sob o mesmo teto com três maridos: Osias, Zezinho e Ciro.

**HOUE UMA VEZ, DOIS VERÕES.** De Jorge Furtado, 2002. Chico é um garoto ingênuo que vive a crise adolescente sobre a virgindade. Rosa só pensa em arranjar dinheiro para poder viajar para a Austrália. Os dois jovens se conhecem e vivem uma intensa paixão.

**O HOMEM QUE COPIAVA.** De Jorge Furtado, 2003. O filme conta a história de André, garoto de 20 anos que trabalha como operador de fotocopiadora, em Porto Alegre. Ele se apaixona por Silvia, uma jovem de 18 anos, balconista de uma loja de roupas. André sai em busca de dinheiro para se aproximar de Silvia e aí se desenrola a história.

**ÔNIBUS 174.** De José Padilha, 2002. No dia 12 de julho de 2002, Sandro do Nas-

cimento, um ex-menino de rua, seqüestrou um ônibus no Rio de Janeiro por cinco horas. Após muitas negociações, o seqüestro teve fim trágico. O episódio foi muito explorado pela mídia e o filme conta a história desse rapaz a partir de documentos e vídeos.

**UMA VIDA EM SEGREDO.** De Suzana Amaral, 2002. Biela é uma jovem que mora numa fazenda isolada com o pai. Quando este morre, a garota fica completamente sozinha e sem rumo. Seu destino passa a ser morar com os primos numa cidade muito diferente da realidade que ela conhece.

**O XANGÔ DE BAKER STREET.** De Miguel Faria Jr., 2001. O filme é uma adaptação do romance de João Soares. Sherlock Holmes e Watson são chamados ao Brasil por Dom Pedro II para investigar o desaparecimento de um valioso violino, e acabam atraídos para um misterioso caso que envolve o primeiro *serial killer* da história.

**ABRIL DESPEDAÇADO.** De Walter Salles, 2001. O filme é livremente inspirado no livro homônimo do escritor albanês Ismail Kadaré. Adaptado para o sertão nordestino dos anos 20, narra a rivalidade entre duas famílias locais cujos membros juram vingança e travam duelos que se perpetuam ao longo de gerações.

**AMÉLIA.** De Ana Carolina Teixeira Soares, 1998. O filme é inspirado na visita da atriz Sarah Bernhardt ao Brasil em 1905. Sarah, em crise pessoal e profissional, é influenciada por sua fiel camareira brasileira, Amélia.

**BAR ESPERANÇA.** De Hugo Carvana, 1983. Em um bar tradicional se reúnem diversos profissionais liberais que, juntos, traçam um painel da classe média carioca.

**O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?** De Bruno Barreto, 1996. Baseado na história do envolvimento de Fernando Gabeira no seqüestro de Charles Burke Elbrick, embaixador americano no Brasil. Em setembro de 1969, um grupo de jovens organiza um ato de terrorismo como

meio de divulgar a sua visão política. **REDENTOR.** De Cláudio Torres, 2004. Célio Rocha é repórter de um jornal carioca. Ele recebe de Deus a missão de convencer seu colega de infância, Otávio Sabóia, um corrupto construtor, a doar sua fortuna aos pobres.

**TERRA ESTRANGEIRA.** De Daniela Thomas e Walter Salles, 1995. Uma espanhola pretende retornar à sua terra natal, mas vê seu sonho abalado pelo Governo Collor e morre. Seu filho Paco, amargurado, decide realizar a viagem e, para isso, acaba se envolvendo com traficantes de drogas.

**O PAGADOR DE PROMESSAS.** De Anselmo Duarte, 1962. Zé do Burro é um humilde camponês que promete carregar uma cruz até a Igreja de Santa Bárbara, em Salvador. Para conseguir atingir seu objetivo, Zé terá de enfrentar a prepotência do clero e da polícia.

**VIDAS SECAS.** De Nelson Pereira dos Santos, 1963. O filme fala sobre uma família de retirantes nordestinos nos anos 40 e é baseado no livro de Graciliano Ramos. O vaqueiro Fabiano, sua mulher, filhos e a cachorra Baleia fogem da seca que assola o sertão brasileiro.

**DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL.** De Glauber Rocha, 1964. No sertão nordestino, o vaqueiro Manuel mata o patrão e foge com a mulher dele, Rosa. Os dois tornam-se seguidores do líder messiânico "Santo" Sebastião.

**MEMÓRIAS DO CARCERE.** De Nelson Pereira dos Santos, 1983. O filme mostra a vida de Graciliano Ramos que, em 1936, ocupou o cargo público de diretor de instrução do Estado de Alagoas e na fase do Estado Novo foi preso por causa das suas convicções políticas.

**MENINO DO ENGENHO.** De Walter Lima Jr., 1965. Carlinhos é um menino que perde a mãe muito cedo, justamente no momento da crise aristocrática. Sem escolha, ele vai morar no engenho Santa Rosa, de propriedade do avô materno, o Coronel José Paulino.